



Ilustração Brasileira

Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Cinquentenário da República, do Centenário da Confederação do Equador, do Cinquentenário do Cerco da Lapa, e do Cinquentenário da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva

Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar

Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745

Caixa Postal 880 - End. Teleg. "O MALHO"

Rio

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses Cr\$ 120,00

6 meses Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses Cr\$ 140,00

6 meses Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XLI — N.º 187 — NOVEMBRO — 1950

NOSSA CAPA

NATUREZA MORTA

Tela de Alice Gonsulves

MODAS DIDI

TEM SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES
VINDAS DE PARIS

- ❖ VESTIDOS,
- ❖ LINGERIE FINA,
- ❖ BOLSAS,
- ❖ E ARTIGOS DE SPORT

RUA SENADOR DANTAS, 23-loja

Telefone 22-2460

Rio de Janeiro

ÓCULOS • FILMES

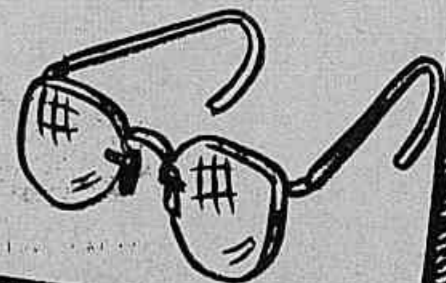
ÓTICA

Continental

SOARES
& GUIDO

RUA SENADOR DANTAS, 118-C
próximo ao Taboleiro da Baiana

TELEFONE
42-4238



Escolha Unânime de uma Sociedade Exigente



Hollywood tem hoje mais fumantes do que nunca - conta, na verdade, com mais fumantes do que todas as marcas da mesma categoria combinadas... o que vem provar, mais uma vez, que Hollywood é o cigarro eleito das pessoas de bom gosto. Esta inequívoca preferência é o resultado de qualidades intrínsecas, pois Hollywood é o cigarro em que a excelência dos fumos nada fica a dever à perfeição da mistura. Como era de esperar, os fumantes exigentes, que sabem escolher, fizeram de Hollywood mais que um cigarro... uma tradição da sociedade brasileira!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto **SOUZA CRUZ**

Uma cousa...



...exige outra



Polvilho Antisséptico GRANADO



CURIOSIDADES DO BRASIL

A BANDEIRA DA REPÚBLICA

No decorrer do ano de 1853, pleiteavam os próceres políticos, nesta cidade, a concórdia entre os Partidos, o Liberal, o Conservador e o Progressista. O paladino de tal iniciativa foi o Marquês de Paraná, Sr. Hermeto Carneiro Leão, figura de grande projeção nos círculos políticos. Sobre esse movimento, externou José de Alencar sua opinião nestes termos:

"Fez da conciliação uma política, emprestando-lhe idéias e aspirações."

E Xavier Pinheiro assim:

"O Marquês de Paraná sistematizou e generalizou o princípio, em virtude do qual esperava arrefecimento do demasiado ardor com que pelejavam os Partidos na Imprensa e no Parlamento, a concórdia dos ânimos tão necessária à realização dos melhoramentos que há mistér o Império".

Um barão, o de Campo Grande, Sr. Francisco Gomes de Campos, dedilhou a lira, em louvor à conciliação dos Partidos, e perpetrou este soneto:

Salve, pátrio Brasil, em campo armados,
Quais cerradas falanges aguerridas,
Prontos a dar por ti o sangue, as vidas,
Militam campões conciliados.

Alistados tu vês, de ambos os lados,
Tuas capacidades mais subidas,
São heróis de virtudes conhecidas
Que a prova tens nos frutos já logrados.

Não os move a ambição, nem a avareza,
Nem já tens p'ra fartá-los demasia,
Nem mais de ti dependem na ventura,

Vêm para a glória, no auge da grandeza,
Engrolando lições de economia,
Pralmeiar-te um responso à sepultura.

Decorridos vários anos, isto é em 1862, a nossa política enveredou por nova fase. Inúmeros membros do Partido Conservador uniram-se aos do Liberal e constituíram a *Liga Progressista*, que se dissolveu em 1865. Então apareceram os Liberais históricos, à testa dos quais se achavam Teophilo Ottoni e Souza Franco, Estes e mais outros, em 1869, instituíram aqui o *Club da Reforma* e fundaram, para divulgar seus ideais, um jornal, "A Reforma".

Nesse mesmo ano, agitou-se, no seio do Partido Republicano, a idéia de se arvorar a Bandeira da República.

A CREAÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA

Coube ao ministro Silveira Lobo a tarefa de reformar o antigo Conservatório de Música, reorganizando-o sob o nome de Instituto Nacional de Música. Para levar a cabo o seu intento, incumbiu os maestros Leopoldo Miguez e Alfredo Bevilacqua de elaborarem o projeto de reforma do Conservatório.

O Instituto Nacional de Música foi creado pelo Decreto n. 143, Eis aqui, na íntegra, o Decreto:

de 12 de janeiro de 1890.

Art. 1.º — Fica extinto desde já o Conservatório de Música anexo à Academia de Belas-Artes, em virtude do Decreto n. 805 de 23 de setembro de 1854, e da qual constituia uma das seções, nos termos do art. 3.º do Decreto n. 1.603 de 14 de maio de 1855.

Art. 2.º — É creado o Instituto Nacional de Música, destinado ao ensino gratuito ou oneroso da música e regido pelos estatutos que com este baixam, assignados pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Interior.

Art. 3.º — O patrimônio do extinto Conservatório de Música será arrecadado pelo Governo da República e recolhido ao Tesouro Nacional, por onde correrão todas as despesas com o pessoal e material do novo Instituto.

Art. 4.º — A biblioteca, o arquivo, os instrumentos, os móveis e todos os utensílios pertencentes ao extinto Conservatório passarão a ser propriedade do Instituto Nacional de Música."

O primeiro diretor do Instituto foi o maestro Miguez, autor do Hino da República Brasileira.

O corpo docente da venerável instituição compunha-se dos seguintes senhores:

Alberto Nepomuceno (Composição e órgão); Frederico Nascimento (Harmonia e Canto coral); Arnaud Duarte Gouvêa (Teoria elementar); Henrique Braga (solfejo); João Rodrigues Côrtes (Canto coral); Leopoldo Miguez (Violino); Alfredo

CORPO ESBELTO E FACEIRO...

VINHO CHICO MINEIRO

Não! não faça regime para emagrecer. Tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(EXIGIR A EMBALAGEM VERDE)

E lembre-se que o segredo de uma linda cabeleira sem caspas é

CABELOS BRANCOS está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIFARMA:

PRAÇA PATRIARCA, 26 - 2.º - S. PAULO
Remessa pelo Reembolso Postal

Dr. UBALDO VEIGA

Especialista em doenças da pele e sífilis

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa

CONSULTAS

Rua do Ouvidor, 183-5.º - S. 504

Nas 2as., 4as. e 6as. - Das 16 às 17,30

Bovilaqua (Piano); Max Niederberes (Violoncelo); Ricardo Tatti (Violino); Elviro Belo Lobo (Piano); Ricardo Rovedda (Contrabaixo); A. D. Estrada Meyer (Flauta); Agostinho de Gouveia (Oboe e fagote); José de Lima Coutinho (Clarineta); Henrique A. de Mesquita (Trompa e seus congêneres); Luígia Guido (Harpa); Louis Gilland (Canto). Adjuntos: Ernesto Ronchini (Violino); A. Fertin de Vasconcelos (Piano); Paulo Chambelland (Piano) e Carlos Alves de Carvalho (Canto).

Na fase inicial do Instituto, o número de matrículas se elevou a 338.

O antigo Conservatório inaugurou-se, em 1848, com uma frequência de 72 alunos. No ano de sua extinção, em 1889, era de 200 o número de alunos.

EXIJAM SEMPRE THERMOMETROS PARA FEBRE

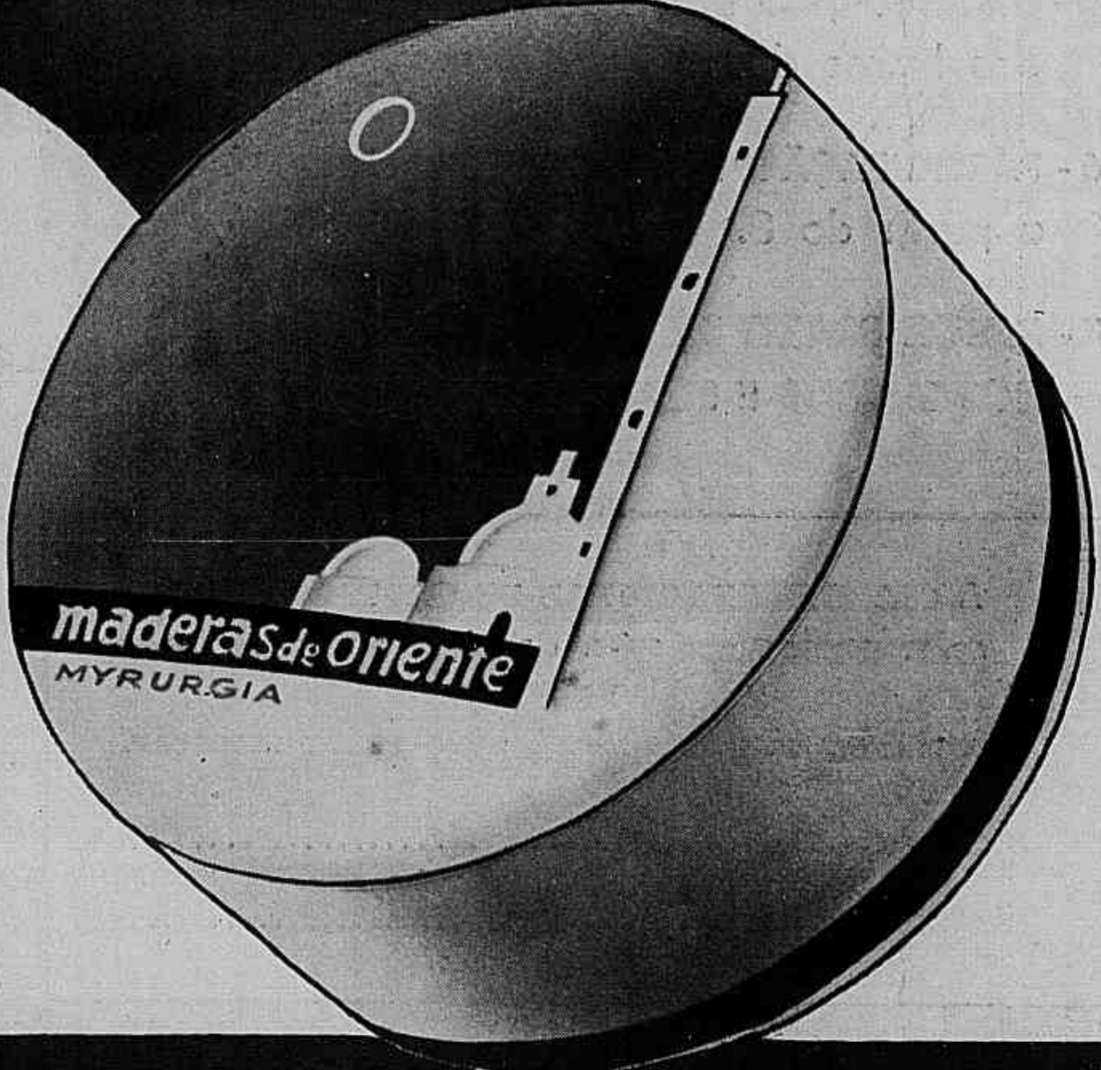
"CASELLA LONDON"

HORS CONCOURS



*O encanto
de ser bela*

Pó de arroz
**MADERAS
DE ORIENTE**



MYRURGIA

Novidade revolucionária em capitalização...

Conheça o **novo** e
exclusivo título de
INTERCAP



Vantagens do novo título INTERCAP:

- 1- CAPITAL DUPLO
na 1.^a combinação sorteada
- 2- SORTEIO PROGRESSIVO
a partir da compra do título
- 3- SORTEIO MENSAL DE OITO
combinações diferentes
- 4- CONVERSÃO EM TÍTULO SALDADO
a partir do 2.^o ano
- 5- DISTRIBUIÇÃO DE 60%
dos lucros da sociedade
- 6- PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS
a partir do 8.^o ano
- 7- MAIOR PRAZO DE PARTICIPAÇÃO
NOS LUCROS E SORTEIOS



Após 15 anos de trabalho construtivo e fecundo, Intercap lança um novo plano, exclusivo e de inéditas características, aclamado por todos como o mais perfeito e vantajoso. Procure conhecer as suas vantagens. São reais. São matemáticas. São suas... Estude-as com cuidado. E adquira um ou mais títulos. Com os mesmos prêmios mensais, no mesmo número de anos, você ganhará muito mais, você estará construindo um patrimônio valioso, seguro e perdurável!

A CIA. INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Av. Presidente Vargas, 509-6.^o e 7.^o andar - Caixa Postal 1533
Rio de Janeiro

Queiram enviar me detalhes sobre o NOVO TÍTULO INTERCAP.

Nome

Endereço

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Ilustração Brasileira

MULHERES ESCRITORAS

Nessa deliciosa coletânea de idéias, opiniões e pontos de vista de Goethe, que são as conversações de Eckermann, encontra-se, relativamente às mulheres, uma página sumamente curiosa: é aquela em que o grande poeta e o seu médico, o conselheiro Rehbein, discutem acêrca das reais aptidões das poetisas e das prosadoras.

Eckermann tinha conhecido uma poetisa sérvia, e Goethe, que lera uma das produções da moça, declarou que se havia agradado do gênio poético que em tal página podera lobrigar. Foi então que o Dr Rehbein teve ocasião de dizer esta frase:

— O talento poético das mulheres me parece, antes de qualquer coisa, uma espécie de impulso sexual do espirito.

Rejubilou Goethe com a deliciosa definição. E, por seu lado, e à maneira de comentário ao sutil conceito do doutor, disse que ele também já tinha conhecido várias poetisas, várias escritoras, cujo talento só existia como uma especie de derivativo de outras realizações menos abstratas e efêmeras . . .

— A essas criaturas (acrescentou) não foi dado gozar a felicidade no amor e procuram a felicidade nos prazeres espirituais. Se em tempo oportuno tivessem casado e criado filhos, não teriam pensado em produções poéticas.

Eis um pensamento de Goethe, pensamento sem dúvida singular, sobretudo quando considerarmos que o poeta, bastante adiantado ao seu tempo, não tinha nenhuma tendência a sustentar a inferioridade do sexo feminino.

Essa misera tese substituiu durante longos anos, já depois de Goethe morto e bem morto. Aqui mesmo, no Brasil, a vemos repontar em uma interessantissima fase mental de Pernambuco, na qual o liberrimo talento de Tobias Barreto teve ocasião de defender e exaltar aquele que então ainda se chamava belo sexo ou sexo fragil . . .

Depois do ano de 1825 — que era aquele em que o Dr. Rehbein expendia o seu gracioso conceito — o sexo feminino viu-se, hora a hora, mais enaltecido em maravilhosas figuras de poetisas e de prosadoras no mundo todo, convindo destacar desde já, entre as grandes mulheres do século XIX e do nosso século, uma George Sand, uma Elisabeth Barret Browning, uma Selma Lagerloff, uma Ada Negri, uma Madame Curie . . . genios universais . . .

Seria ainda hoje o médico de Goethe capaz de sustentar aquela tese quase herética? Seria Goethe capaz de ainda recebe-la com tanta satisfação?

Ao contrário, o que sabemos hoje é que a mulher se mostra cada dia mais apta aos belos trabalhos do espirito

E nisso é provável que, no decurso de um século, tenha o suave sexo feminino vencido de uma vez o orgulhoso sexo a que pertenco . . .

MUCIO LEÃO

PARADOXIA

A crise que acompanhou a transição do trabalho Industrial

O Estado, ao contrário do que presume alguns teóricos, não constitui uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particulares, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma discontinuidade e até uma oposição. A indistinção entre essas duas formas é um prejuízo romântico e que teve os seus adeptos mais entusiastas e mais zelosos durante o século décimo-mono. Para esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições descenderiam em linha reta, e por simples evolução, da Família e de outras formas particularistas, mediante uma espécie de *generatio aequivoca*. A verdade, bem outra, é que tais formas pertencem a ordens diferentes em essência. Só pela superação da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e é que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável ante as leis da Cidade. Há nesse fato um tri-

unfo nítido do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o concreto e não uma depuração sucessiva, uma espiritualização das formas mais naturais e rudimentares, uma procissão das hipóteses, para falar como na filosofia alexandrina. A ordem familiar em sua forma pura é abolida por uma transcendência. Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar profundamente a estrutura das sociedades. O estudo dessas crises constitui um dos temas fundamentais da história social. Quem compare por exemplo o regime do trabalho das velhas corporações e guildes de artesãos com a "escravidão dos salários" nas usinas modernas tem um elemento preciso para o julgamento da inquietação social de nossos dias. Nas velhas corporações, o mes-

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

tre e seus aprendizes e jornaleiros formavam como uma só família, cujos membros se sujeitam a uma hierarquia natural, mas que partilham das mesmas privações e confortos. Foi o moderno sistema industrial que, separando os empregadores e empregados nos processos de manufatura e diferenciando cada vez mais as suas funções, suprimiu a atmosfera de intimidade que reinava entre uns e outros e estimulou o antagonismo de classes. O novo regime tornava mais fácil, além disso, ao capitalista, explorar o trabalho de seus empregados, a troca de salários ínfimos. Para o empregador moderno — assinala um sociólogo norte-americano — o empregado transforma-se em um simples número: a relação humana desapareceu. A crise que acompanhou a transição do trabalho industrial aqui assinalado pode dar uma idéia pálida das dificuldades que se opõem à abolição da velha ordem familiar por outra, em que as instituições e as relações sociais, fundadas em princípios abstratos e inhumanos, tendem a substituir-se aos laços de afeto e de sangue.



NOVOS DIREITOS SE REVELARAM

A vida é feita de ruturas de unidades e de brechas na lógica" — afirmou, certa vez, o excelso Saleilles. Eis o postulado dorsal de quem viveu todo o seu tempo de altos estudos atraído pelo problema da investigação das fontes do Direito. Embora não tenha deixado um sistema a respeito, todavia, sua obra inteira, obra amadurecida por uma permanente luminosidade, se acha minada por magníficas visões realistas do método, à semelhança dos vetos de água que percorrem, e atravessam, aqui e ali, certas ossaturas de granito. No *Préface*, tantas vezes citado pelos mestres de elite, que compoz para o livro magistral de Geny, *Méthode*, p. XIV-XXV, em junho de 1889, Saleilles exclamou: "Eis, cerca de um século, que vivemos no malentendido de uma ficção, que tem produzido todas as vantagens que era destinada a produzir, e das quais, desde algum tempo nós só sentimos as inconveniências. É preciso, afi-

nal, voltar à realidade". Para ele, a ficção era crer, não somente, propriamente, falar, que a lei bastava para tudo. Ora, todo mundo sabe que não há nenhuma lei codificada que possa abraçar e prever, todo o conjunto das relações jurídicas mas que a jurisprudência, e igualmente a doutrina, interpretando a lei, se colocavam unicamente no ponto de vista de uma pesquisa de vontade, e que elas só tiravam soluções lógicas que o legislador teria de aceitar, não o legislador moderno, mas o próprio autor da lei, qualquer que fosse o intervalo a jogar em bloco entre o passado e o presente. Outras idéias vieram à luz, não que os princípios eternos de toda a justiça se tenham modificado ou alterado; mas, desde então, as aplicações que deles deveriam ser feitas se apresentam em condições todas diferentes. Creações de

OCTACILIO ALEGRI

ordem econômica, que ninguém podia prever há um século passado, subverteram as relações jurídicas entre o capital e o trabalho, entre os que produzem e os que consomem; e novas aspirações subiram desse estado de coisas outrora nem imaginado. Novos direitos se revelaram, necessidades sobretudo de uma natureza mais universal, mais internacional, se reproduziram. E era preciso que o Direito se curvasse a esse mundo novo, que desse satisfação à essa nova justiça, cujo princípio fica imutável, mas que, para permanecer justiça, deve dobrar-se às transformações econômicas e sociais que se produzem! Só, então, deixará o Direito de ser a ciência verbal do método silogístico, para, enfim, voltar a ser o que é, e o que deve ser, uma ciência tipicamente social, pedindo seus elementos às leis da sociologia dominadas pelas adaptações aos princípios da justiça.

de idéias

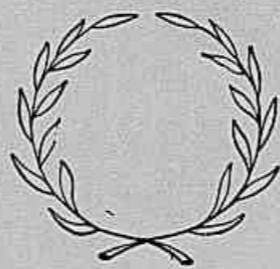
Volte ao mar o seu misterio, volte á terra sua paz

Cinquenta e cinco milhões de baixas; foi este o custo da guerra. Cinquenta e cinco milhões de criaturas que nasceram, se criaram, atravessaram o mais difícil da vida, afim de perecerem de morte violenta ou se inutilizarem para sempre por ato voluntário e homicida de um seu semelhante. E nessa tarefa de se assassinar uns aos outros, ninguém cuidou que fazia mal; alguns dos que guerreavam tinham motivo altruístico ou supunham tê-lo, uns defendiam interesses sagrados, outros obedeciam a uma cegueira de amôr patriótico ou à cegueira pior do fanatismo por um homem, e talvez muitos outros aproveitaram inconscientemente a oportunidade, deixando fartar-se o seu natural instinto de destruir e matar. Cinquenta e cinco milhões: dois cinco e seis zeros: um número de oito algarismos. Vivos, excederiam de dez milhões a população total do Brasil. Si se fosse alinhar tudo num cemitério, quantas leguas de terras cobririam? Si se amontoasse tudo numa pira, que serra altíssima de ossos não se levantava? Dava para fazer um Himalaia de esqueletos. E si fosse reunir num rebanho todos os vivos que têm o coração preso a essas baixas — que nação imensa não se formaria com filhos orfãos de pais e

pais orfãos de filhos, com mulheres sem marido, com noivas sem noivo, e viúvas com os braços carregados de crianças! Agrupando-se essa gente toda, talvez daí se pudesse preparar uma raça de homens em verdade tementes à guerra — ou, quem sabe si o resultado seria o oposto? Pode ser que saísse deles uma raça de feras sem lei, cada um querendo vingar a ofensa que recebeu na sua carne ou no seu sangue. Poder-se-iam também fundar cidade povoadas só de mutilados — antigos moços formosos hoje virados em monstros; pernas cortadas, braços amputados, olhos vazios, pulmões furados, corpos cozinhados de queimaduras. Pode-se imaginar também uma terra misteriosa onde se juntassem todos os desaparecidos, tão inumeráveis que eles sosinhos seriam quase uma humanidade nova. Que mal eles fizeram, que pecado especial pecaram? Que dívida tinham a pagar maior que a dos outros homens? Pois todos nascemos para viver e morrer de velhos. Nem outro

RACHEL DE QUEIROZ

fim pode ter a vida senão a velhice — outro fim lógico, necessário, admissível. Cada um nasce para cumprir o seu ciclo: e nada mais melancólico do que um caminho interrompido, um moço que se vê frustado da sua velhice. Porque a única coisa que nos farta da vida é exatamente viver, e cada um tem portanto o direito de viver até enjoar a vida, até conhecer a velhice e desejar o repouso — até se sentir maduro para a morte. Esses, no entanto, tiveram de sair no meio do espetáculo. E a ironia pior de tudo é que foram eles justamente que pagaram para a função a entrada mais alta; nós, os gratuitos, é que assistimos o fim. Nós é que nos gozamos da apoteose e da música. Os moços que morreram em Dunquerque ou Okinawa foram-se, embora ignorando o desenlace da guerra. Cairam no meio da incerteza, e jamais saberão se venceram ou si foram vencidos. E estão por aí, na estrada da China, nos campos da Russia, nas cidades da Alemanha, nas ilhas do Pacifico. Pensemos nêles até que todos nós sintamos bêbedos de tanto pensar e ter pena. É só o que podemos dar aos que morreram: pensar nêles um pouco. — Volte o mar ao seu mistério, volte a terra à sua paz.



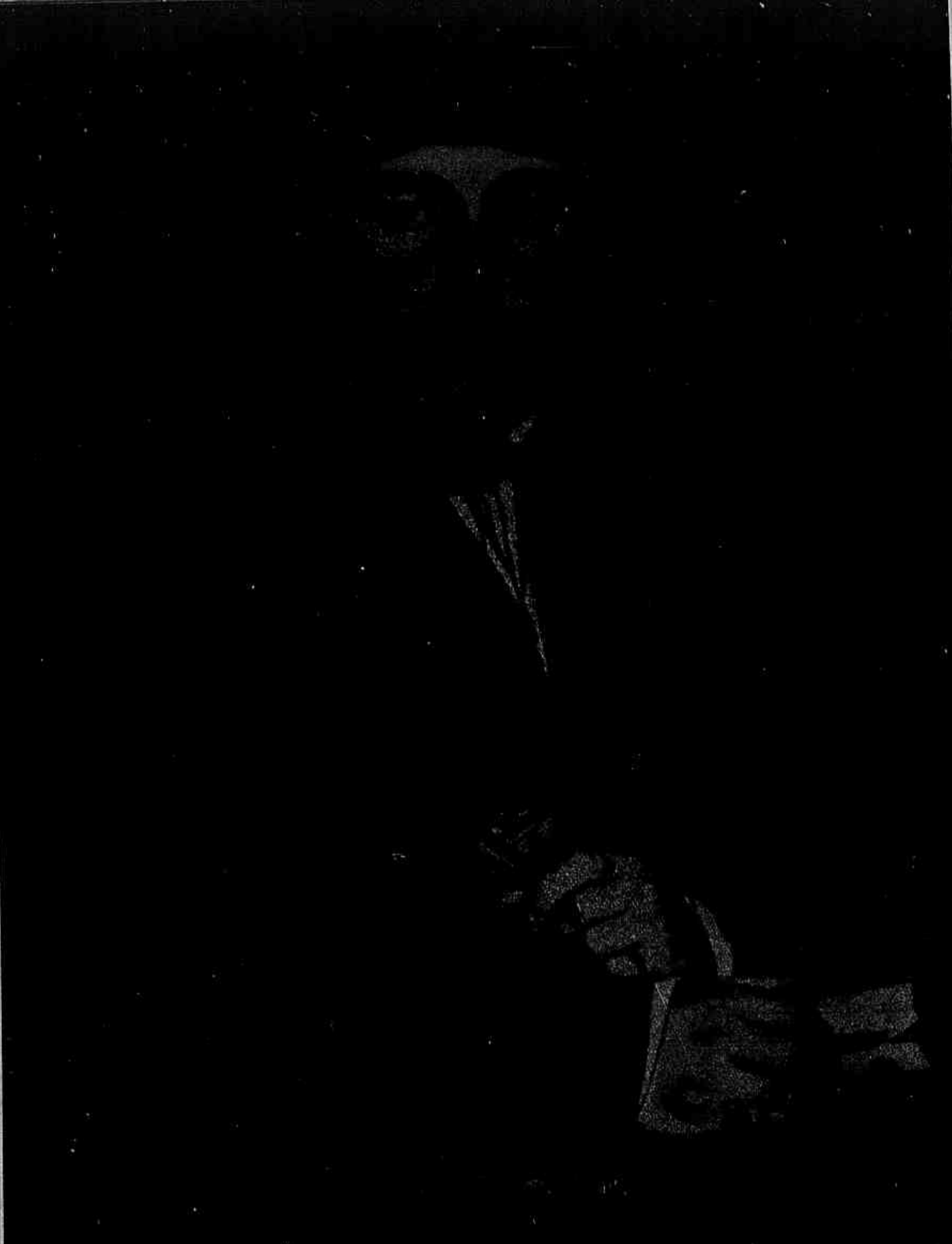
NO ANO 2.00

Quando êle deixou o Brasil, este desconhecido Rio de Janeiro, tinha dez anos de idade. Corria 1950. Lembrava-se ainda — bôa memória! duma Cidade bonita toda suja de cartazes e faixas, com alguns nomes incríveis de candidatos às poltronas legislativas, pinguentemente remuneradas, mais do que as cadeiras azuis da Academia Brasileira de Letras... Recordava-se dumas certas eleições, de businas de propagandas selvagens. Andou meio século por esse mundo todo — Europa, Asia, Africa, América, Oceania. Foi crescendo, fez-se Homem, aprendeu linguas e sempre preocupado com a sua terra, com o Brasil. Fizera 60 anos. Como há cinquenta, há cem, os jornais e as revistas do estrangeiro não se ocupavam da sua Pátria. Continuava a ser um vago País do futuro. Sempre o "Amanhã".

E apertou-lhe a saudade. Lembrou-se até dos versos do velho Garret, que lêra na escola — "Saudades, gosto amargo de infelizes" e os senhores sabem o resto. E num momento tirou o passaporte, tudo mais rápido que outr'ora, arrumou as malas, e comunicou aos amigos que partia de vapor para a Cidade-Mulher, pois queria repousar. Os outros riram, — estava doido! Sabia lá o que era isso de paquete, ficava uns dois dias do Rio de Janeiro em trem! De avião, pois estava claro. Veio de avião. Em duas horas fez Paris-Rio — lembrem-se que estamos no ano 2.000. De binóculo, procurou a Guanabara. Não havia mais a baía de Guanabara! Tudo alterado, aranha-céu por todos os lados, de cem, duzentos andares. Colosso!

RAUL DE AZEVEDO

Buscou os môrros. — não havia mais nada, tudo plano, "civilizado" e "artístico". Buscou as árvores, — sim, para que árvores?! Tudo asfalto. Mas talvez Botafogo, Praia Vermelha, Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon... Nada! Aterros, planície, automóveis, "gostões" de cinquenta metros, estradas de ferro onde fôra baía e mar. Não havia mais aquela Natureza assombrosa, — pois os "gênios locais" tinham arrasado tudo. Os "bêbe-águas" e os "come-florestas" tinham arrasado a obra do Deus. O Pão de Assucar, o Corcovado... Nada! A hecatombe fôra geral. Ele percorreu a ex-cidade. Estátuas em tôdas as ruas e praças. Bustos, Placas. Era a posteridade consagrando os heróis que tinham acabado com aquêl amor de Cidade. E murmurou, — grandíssimos... heróis!



Holbein — Retrato de um desconhecido.

radora da admiração emotiva. Tais fatores serão sempre fontes jorrantes de revivescência flagrante do passado.

A obra de arte, propriamente dita, é sempre do presente. Realiza no seu período mesmo, o ciclo da Beleza. Essa não poderá depender da nossa sentimentalidade, nem mesmo desse teôr de simpatia que se costuma reclamar para o melhor, e mais profundo intendmento entre o ser e o mundo que o cerca.

Já não poderá se enquadrar nesse campo — o objeto que resulta de relações evocativas, de fatos ocasionais que a ele nos religam com a energia crescente de um passado que luta para reviver, resurreto no presente.

Para este teremos que recorrer às mais sutis modalidades do nosso ser, no revigor evocativo do que passou. E entramos, então, pela recordação, a nos relembrarmos, de nós, no momento, naquela época, em que os fatos que envolveram o objeto, agiram sôbre nossa sensação, consciência e atenção. Penetramos na atmosfera contagiante e contínua.

O grau de emotividade com que percebemos e fixamos a atuação temporal do fato, da ação, ou do simples objeto, como centros de convergência sentimental — será o fator poderoso que viverá através do tempo em nosso ser não por ele, mas por nós, como estávamos moralmente, naquele tempo. Não vamos a ele, ele vem a nós.

Talvez não nos lembremos das coisas; mas de nós mesmos, quando sentirmos a ação daquelas coisas. E' de nós que nos lembramos. São as sensações que experimentamos, então, que emergem ao sopro mágico do bastão de ritmo da recortação. E a memória de outróra, como substância permeável, impregnou-se daquela essência, e hoje no-la dá. Nós nos revemos como se vivessemos, de novo, aquela atualidade moral e sentimental. E' uma ação do tempo que ultrapassa a periodicidade dos anos. Dessa frequência não se negará o prestígio que o objeto, ape-

A arte e a curiosidade

POR FLÉXA RIBEIRO
PROF. CATEDRÁTICO NA ESCOLA
NACIONAL DE BELAS ARTES

Há quem confunda um domínio com o outro. Procure encontrar identidade entre essas duas categorias bem diversas. No entanto, na realidade, há diferenças essenciais que bem separam uma da outra. E' claro que a curiosidade poderá ser também tomada como agente poderoso que nos leva a admirar e amar a obra de arte pura. Mas não se poderá negar, evidentemente, que a coisa curiosa, de valia histórica ou afetiva, poderá ser preciosa sem possuir nenhum valimento artístico. Há nela uma soma de sentimentalidade, de episódios que a imaginação fecundou, de lumem perene, estasiante. O problema da lembrança, do *souvenir*, de que se impregnam certos objetos, poderá sempre estar à nossa memória. E, assim, esse fator sentimental trará, no seu humus fecundante, as qualidades primais, como energia ge-

Paul Borget entre curiosidades de seu gabinete — 1894.





Conjunto de prata
— Paris, 1761.

Mas esse domínio é o comum do viver. O passado é uma riqueza que pertence a todos. Dele até os pobres são perdulários. Somos todos filhos pródigos desse Passado, onde continuamos a viver — pensando no Presente e até mesmo no futuro.

Como se vê, esse aspeto da curiosidade é de pendor individual. Mas há ainda outro capítulo da curiosidade que merece referência. É o de ordem intelectual. Por esta chama viva de espírito somos levados, às vezes, a admirar, com embevecimento, objetos e coisas sem nenhum valor intrínseco, mas de alto preço extrínseco. São os objetos que pertenceram a celebridades, ou entidades maiores da fama, e que enche de fremente vibração nosso culto, nosso benfazejo e generoso animo de admiração.

É deste sentimento de confraternidade humana que melhor se alimenta o socios dos grupos. Só por ele se estabelece o gênio da tradição, a continuidade sociogenética que domina a tribo, a cidade, a nação, e a própria humanidade.

A obra de arte é de outra constante atualidade. Há nela uma vida que não depende de fatores ocasionais. Como que vive nela energia contagiosa. Pelo seu conteúdo de beleza ela é sempre presente. Assim, um museu de curiosidade é de largo prestígio entre os que procuram se divertir, e tudo vêm com a pequena atenção, sem se demorarem no exame expressional daqueles objetos. São coisas velhas que contam pequenas histórias do passado, em geral de contingência infantil. O que atrai, é precisamente, a soma de imaginária que deleita como as historietas que empolgam a mente das crianças.

Há, ainda assim, uma grande diferença entre as coisas velhas e as coisas antigas. Aquelas pertencem ao bric-a-brac sem maior significação; ao passo que estas trazem o signum da beleza mutilada.

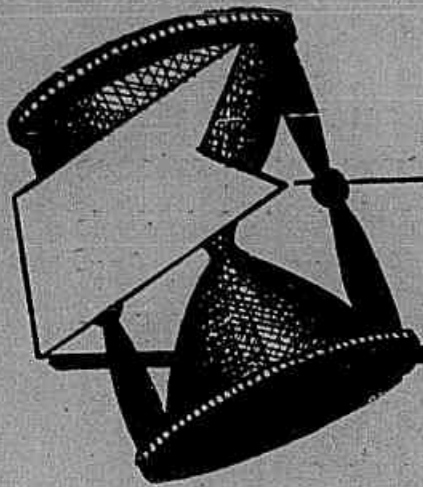


Miguel Angelo —
Capela Sixtina.

nas de aspeto biografal, poderá ter para o nosso mundo interior. São as relíquias, os tesouros sentimentalistas que nos acompanham como cortejo de atos e fatos da nossa vida quotiliana; são espelhos retroversíveis de nossas imagens mortas. Elas estabelecem as relações complexas do passado e presente, como se a nossa vida não fosse senão a projeção inalienável do que já vivemos.

Edouard Manet — Execução
de Maximiliano.





ACONTECEU EM 30 DIAS

Quando se encerrou o alistamento eleitoral em todo o país a cifra de onze milhões e tanto de eleitores a que se atingira constituiu motivo de júbilo. Pela primeira vez entraríamos num prélio cívico apoiados num poderoso contingente de votantes, representativo da boa parcela do povo brasileiro. Mas no momento de levar às urnas os seus sufrágios os que com tanto entusiasmo se apresentaram à qualificação já não eram os mesmos. Voltávamos, novamente, à nossa tradicional displicência em face de uma das obrigações fundamentais de cidadão de uma de-

mocracia que é a da escolha dos dirigentes. E a verdade é que nesta prova decisiva do voto secreto o número de faltosos se elevou acima do que em regra se admite em tais circunstâncias e por força das surpresas que assaltam o indivíduo. Participaram do pleito menos de oito milhões de alistados, o que quer dizer que mais de três milhões deixaram de cumprir o seu dever a três de outubro. No interior, porém, ainda se compreende, diante das dificuldades de transporte, que a abstenção seja grande. O que causa estranheza é que isso se observe nas capitais, e principalmen-

te nesta metrópole onde os recursos de toda a sorte sobram. Pois foi exatamente no Distrito Federal que se registrou a maior proporção de abstencionistas. De oitocentos e trinta e sete mil alistados votaram quinhentos e trinta e seis mil aproximadamente, o que dá uma ausência de trezentos e tantos mil eleitores. Talvez um terço possa honestamente explicar as razões dessa atitude, mas o resto com certeza pertence à classe dos que não acreditam que valha a pena sair de casa para votar. Que as penas da lei lhes demonstrem o contrário...

A crônica deste mez tem de ser essencialmente política, porque de outra coisa não se cogitou nestes últimos trinta dias. E as eleições deram, com efeito, muito assunto para os comentadores dos acontecimentos nacionais. Dos episódios mais curiosos que se registraram depois da refrega convém destacar a do desespero de alguns candidatos fragorosamente derrotado e que esperavam vencer graças ao dinheiro gasto na feira livre de votos em que os cabos sabidos pretendiam vender a consciência de seus amigos. Houve quem confessasse a sua decepção em presença dos resultados mesquinhos que obteve quando dispuzera de centenas de mil cruzeiros, na suposição de que bastaria a pecunia para assegurar a vitória. Os que assim procederam, numa época em que o sigilo garante ao eleitor defender-se da pressão dos corruptores, mostraram-se pouco espertos confiando

nas promessas dos que ofereciam o que não era seu. Vale a pena, nessa matéria, recordar um caso pitoresco, de um político que nunca perdeu uma eleição enquanto vivo. Trata-se do antigo deputado fluminense Lobo Jurumenna, salineiro e médico na baixada. Habitado a comprar votos e escarmentado com os que o ludibriavam, adotou um sistema infalível de obrigar os corretores a cumprirem o prometido. Fazia o preço de determinada quantidade de sufrágios, cortava pelo meio as notas com que deveria pagá-los, guardava um pedaço e entregava o outro ao cabo eleitoral. Terminada a eleição e apuração os votos na zona comprometida, só depois de verificar o resultado da ação do mercador, é que dava a metade que guardara consigo. Desse modo ganhava na certa, e se perdesse perderia também o espertalhão que nada poderia fazer com as cédulas mutiladas...

A imprensa norte-americana aventou a hipótese de Osvaldo Aranha vir a ser o ministro das Relações Exteriores do futuro governo, admitindo que ele estaria naturalmente indicado para o cargo pelos seus antecedentes e por haver circulado a notícia de que o sr. Getúlio Vargas se mostrara inclinado a escolher os seus auxiliares, para as secretarias de Estado sem preocupação de partidatismo e valendo-se de personalidades eminentes que receberiam o seu convite. Em tais circunstâncias a possibilidade de voltar ao Itamarati quem nele se fizera credor da admi-

ração pública pelos seus serviços ao Brasil numa hora histórica, teria de ser considerada pelos que de longe observam os acontecimentos. Divulgada, porém a informação, Osvaldo Aranha apressou-se em esclarecer: "Não tenho nenhuma possibilidade de vir a ser escolhido para qualquer cargo no futuro Governo, ou em qualquer outro. Aliás, mesmo que ocorresse tal possibilidade não o aceitaria." Parece que o ilustre patricio leva longe de mais o seu desejo de retraimento. Ele é um dos raros homens publicos que sobrenadaram na revolução de trinta e cujos méritos só fiseram crescer atra-

vés de todos os contratemplos porque passou o Brasil nestes últimos vinte anos. Para individualidade da sua fibra não existe ostracismo. Venha ele a receber do novo dirigente da Nação um convite nesse sentido e não haverá razões bastante convincentes que justifiquem a sua recusa em colaborar com uma administração que terá de encontrar diante de si problemas palpantes de várias natureza e que ao campo internacional, sem dúvida, dadas as atuais condições do mundo, terá muito o que fazer, necessitando de uma figura excepcional à testa da chancelaria.

A lei que acaba com a importação de automóveis como bagagem de passageiros veio tarde. Os que ainda pensavam em aproveitar-se da vantagem de trazer consigo um ou dois carros de luxo para vender aqui pelo triplo ou quadruplo de preço de sua aquisição nos Estados Unidos são agora em número reduzidíssimo. A maioria dos que podiam entrar nesses negócios lesivos à renda aduaneira já se locupletou em tempo com os benefícios que estavam ao seu alcance, e a cidade mostra até que ponto se praticou esse sistema de pular por cima dos códigos sem que as autoridades se sentissem suficientemente fortes para coibir o abuso e castigar os transgressores. Algumas centenas, ou mesmo alguns milhares, de veículos de categoria aí se aspalham a aumentar o congestionamento do tráfego urbano, e to-

dos cles, novinhos em folha, como que anunciam, no brilho das "carrosseries" e na elegância das linhas aerodinâmicas a sua procedência clandestina. Durante mais de ano se clamou contra a irregularidade à sombra das facilidades alfandegarias, e as providências cabíveis para a cessação de semelhante manobra não passavam das reclamadas pela imprensa e pelo comércio especializado que paga impostos. Como nada se fazia no sentido de opor obstáculos à contravenção escandalosa, os interessados se aventuraram a transações de vulto, convencidos de que procediam honestamente. Agora, fechou-se a válvula. O resultado da proibição será inocuo, pelo menos neste momento, porque não haverá motivo para aplicá-la. Como na tragédia de Cornille, o combate cessará por falta de combatentes...



WATTEAU — Almoço campestre.

DOIS ARTISTAS E UM SÓ TEMA

○ pensamento quando enunciado é semente alada, que muitas vezes através do tempo e do espaço, vai germinar e fixar-se em longínquos solos estranhos.

A idéia fecundada, adapta-se como por milagre às qualidades intrínsecas e específicas, do novo habitat, surgindo quase inédita, irradiando fecundas características de nova concepção espiritual, sem qualquer vestígio de imitação ou de plágio.

Na seara da pintura, poderemos colher exemplos em abundância desse fenômeno, mas raríssimamente iremos encontrar demonstração tão completa e surpreendente, como nas duas célebres telas: "O Concerto no campo" de Giorgione (1478-1510 — Veneza) e o "Almoço campestre" de Manet (1832-1883 — Paris). Mais de 350 anos medeia entre a execução das duas obras de arte e si bem que os tipos e paisagens sejam diferentes, o temário e a maneira de concebê-lo, são espantosamente semelhantes.

A aproximação da idéia, afirma-se mais categoricamente ainda, pelos nús femininos, existentes nos dois quadros, de concepção aparentemente inexplicável, em contraste com as figuras masculinas vestidas.

A nudez insólita, explica-se em Giorgione, pelo alvo desejado e obtido, de ligar estreitamente a humanidade com a natureza, num tempo e num país em que a beleza do nú, era festejada e admirada, sem qualquer hipócrita idéia preconcebida.

Manet alcançou o mesmo objetivo, sem vulgaridade, em época de estreito horizonte moral, ousando representar o tema, com superior execução artística, acima das mais severas e implacáveis críticas.

O temário, mesmo sem os nús, é de extrema raridade. Encontramo-lo, é fato, nos pintores do rocóco francês, em inumeráveis quadros galantes de Watteau e seus seguidores, mas nestes, o que importava era a representação de pessoas.

Após Manet, há exemplos como os dos contemporâneos Berthe Morisot a pintora francesa e o artista húngaro SZINNYEI MERSE mas, si bem que conseguissem ambos aproximar os seres humanos da natureza, jamais alcançaram a harmonia dessa ligação, que nos encanta nas telas de Giorgione e de Manet.

Tratando-se, estes últimos, de dois artistas de espírito e concepção idênticos, puderam deixar evidenciada nas duas telas, quer na representação das figuras, quer na descrição da natureza, a marca inconfundível da época e dos países em que viveram.

Na do pintor italiano, a sensualidade característica venesiana, transcendentaliza-se através da fina melancolia do mestre, em plácida e calma descrição das figuras, as quais se harmonizam à maravilha com a tranquilidade serena da paisagem, esta em tridimensionalidade perfeita.

Não menos harmonioso, é o conjunto descrito por Manet. Sente-se o lento balouçar das folhas, casando-se com uma certa nervosidade dos seres, aparentemente tranquilos.

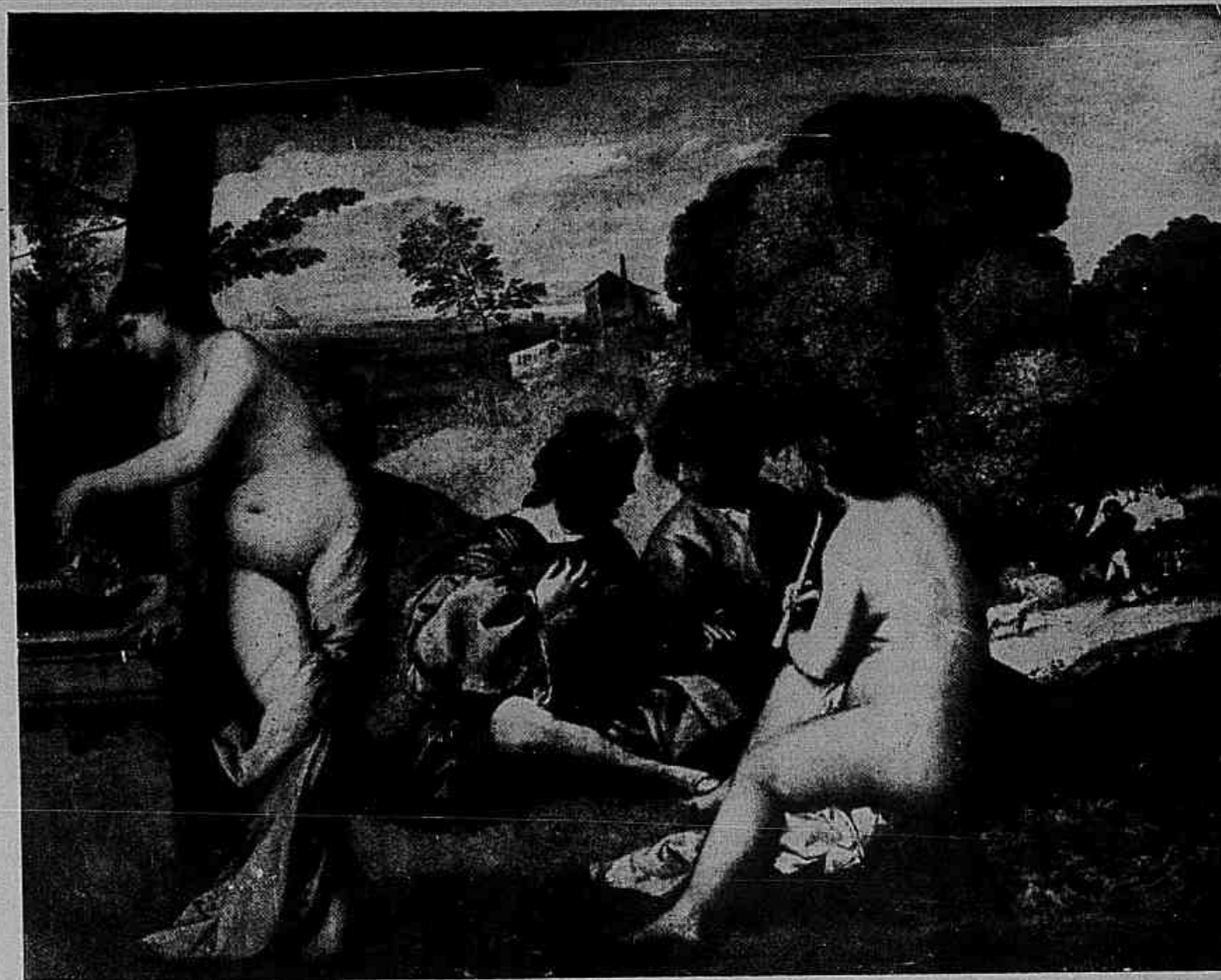
Falta no quadro, maior perspectiva, objetivando, por certo, a valorização dos tipos, que em primeiro plano, posam para o artista e para o público, curiosamente interessados no mundo exterior, contrastando com a naturalidade e o desinteresse feliz das figuras da tela veneziana.

Observe, leitor, atentamente as reproduções e verifique com seus próprios olhos, examinando-as, as razões de nossa tese.

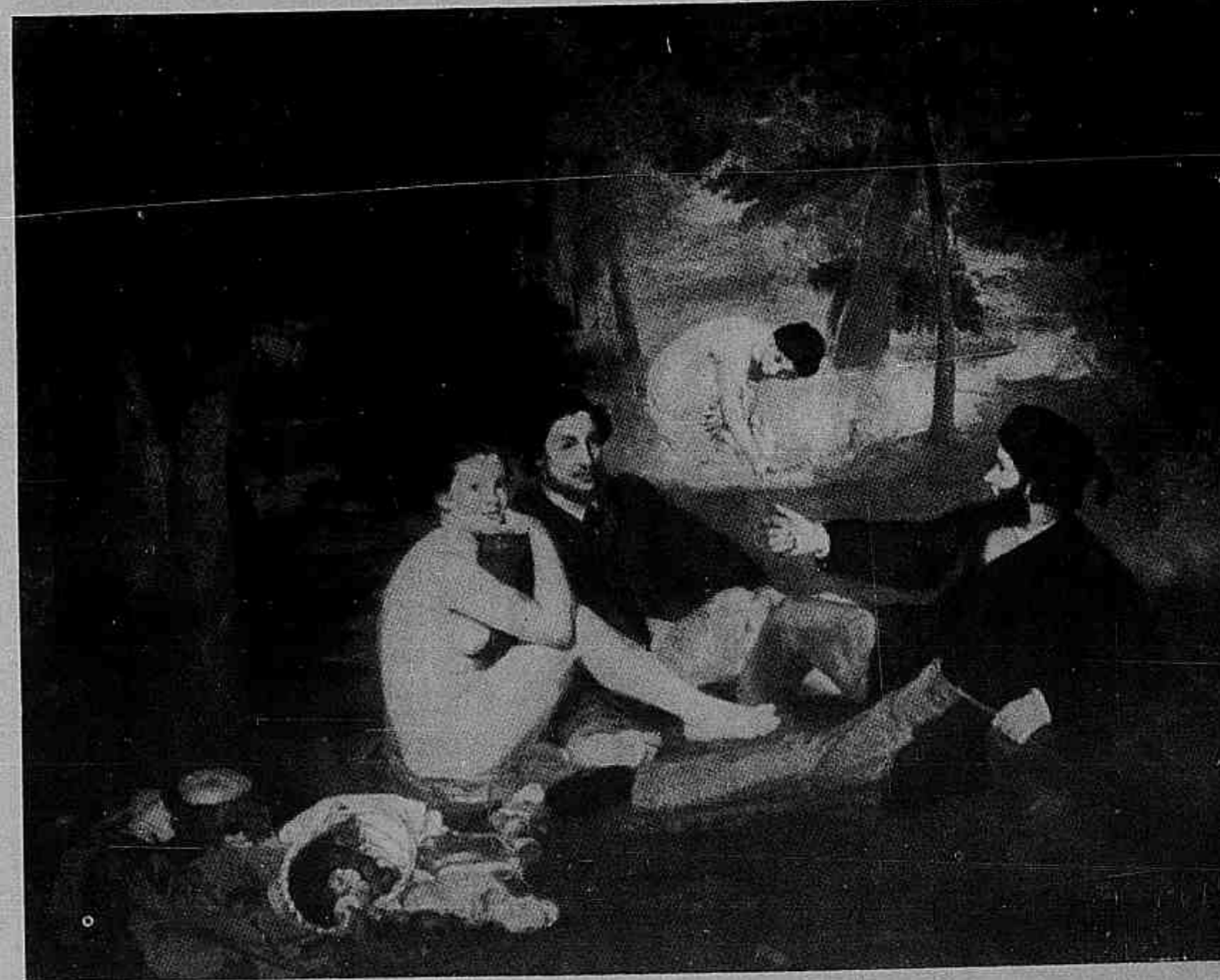
ANDRÉA SZABADOS JÓSA



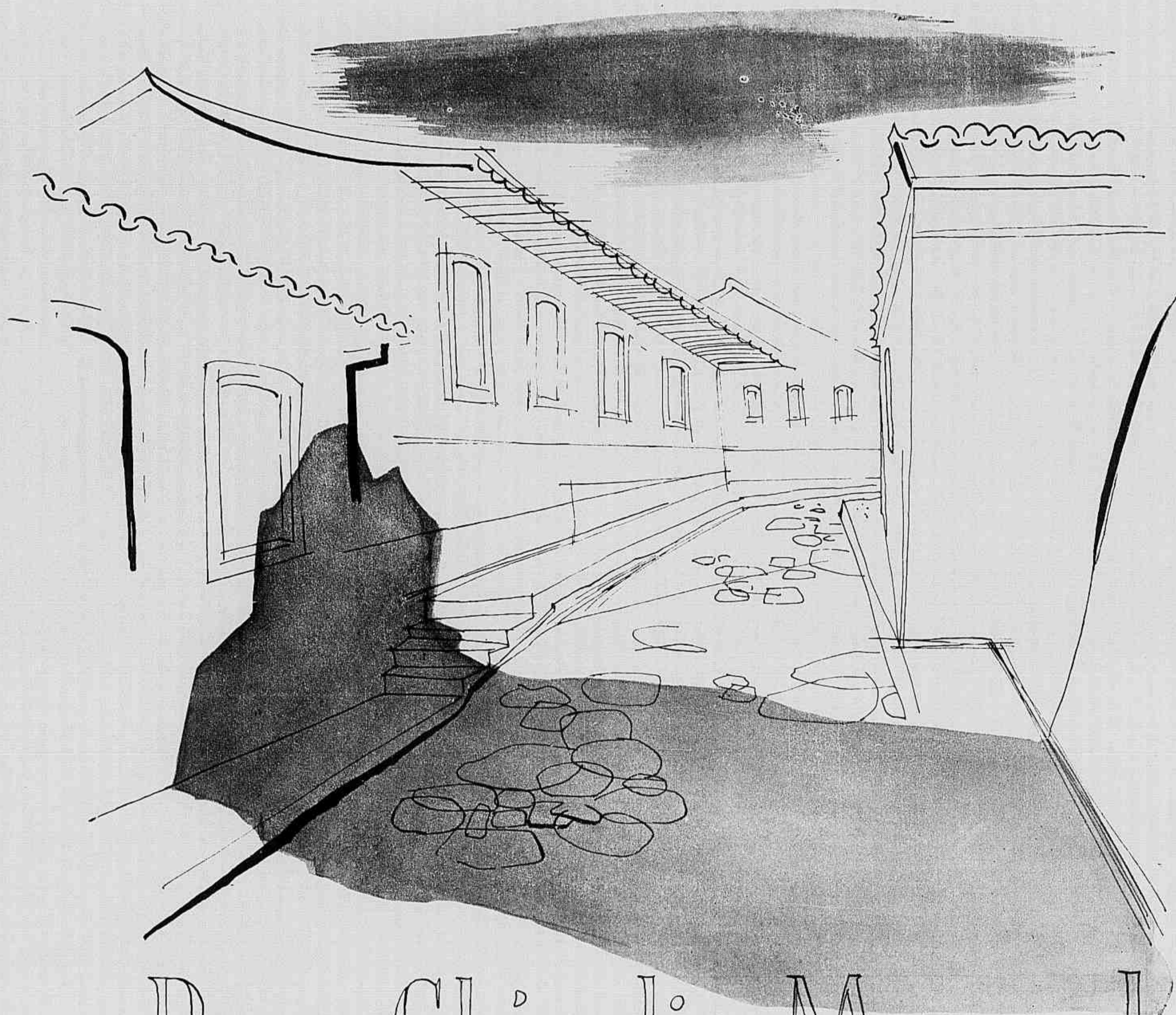
BERTHE MORISOT — Almoço campestre.



GIORGIONE — Concerto no Campo — Louvre.



MANET — Almoço campestre — Louvre.



Rua Cláudio Manoel

Por esta rua triste, as largas portas
das velhas moradias espectrais,
além das suas fechaduras tortas,
ocultam passos que não soam mais.

Números 2, 9 e 11 . . . Casas mortas
de vidraças de gelo e hirtos beirais.
(Ah! Passado infeliz! Quanto me exortas
a viver de ilusões quase fatais . . .)

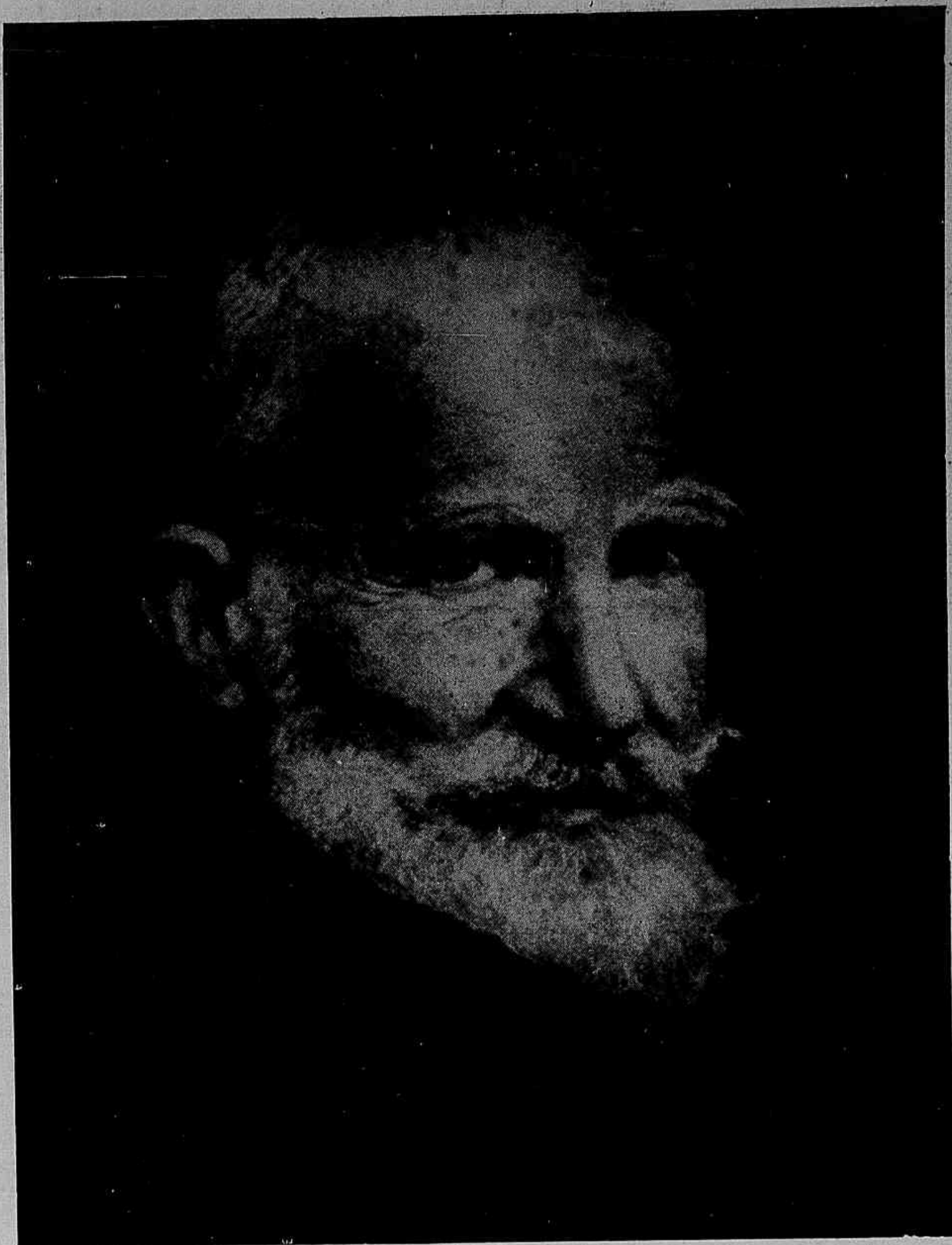
Aqui, junto a estas pedras castigadas,
o Destino matou, nesta ladeira,
um grande amor que ainda hoje nos seduz.

Uma sombra, enlutando estas calçadas,
mancha tôda Ouro Preto . . . E a rua inteira
toma, em silêncio, a forma de uma cruz . . .

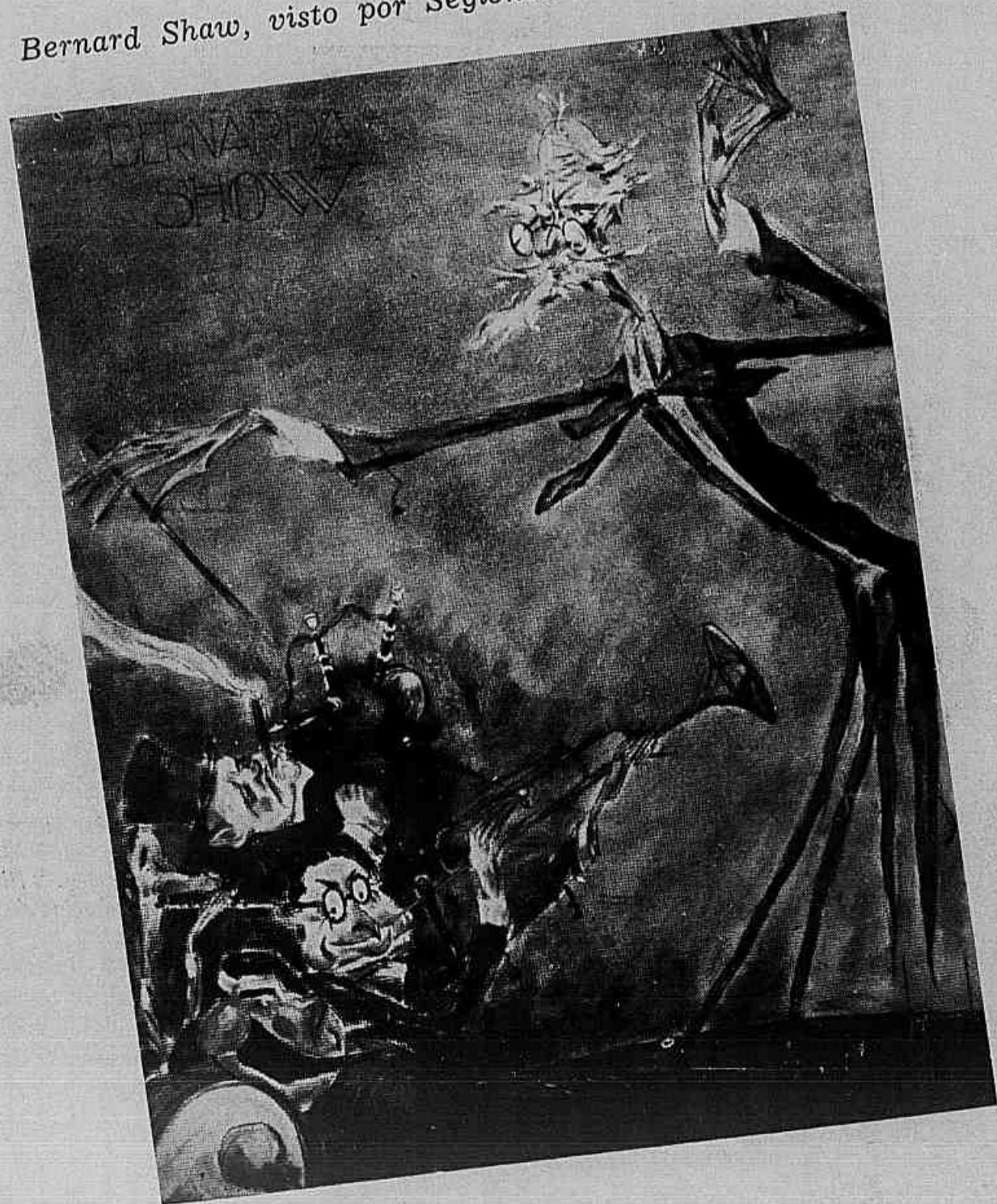
PÁDUA DE ALMEIDA

BERNARD SHAW, O "MOLIÈRE DO SÉCULO XX"

A vida e obra de G. Bernard Shaw têm sido examinadas através de vários pontos de vista, mas quase ninguém se deteve demoradamente nos seus dois aspectos capitais, e talvez aqueles em que ele se manifestou com a máxima sinceridade: o seu espírito anti-britânico de irlandez inconformado com a incorporação de sua ilha verde ao Império, e a sua tendência para a extrema esquerda. No começo do século o escritor libertário francês A. Hamon publicava um estudo alentado sob o título "Le Molière du XX siècle", no qual examinava o teatro do grande sarcasta comparando-o, nos seus efeitos, ao do glorioso autor de



Bernard Shaw, visto por Segionoud



"L'avare". As finalidades políticas da arte de G. Bernard Shaw são focalizadas nessas páginas do publicista revolucionário da França, e o tempo só fez confirmar essas observações do início da sua carreira de dramaturgo. Bernard Shaw conquistou de fato uma imensa popularidade em todo o mundo, mas a sua influência no pensamento inglês não possui a mesma extensão. E' que ele não traduziu os sentimentos daquele povo como, por exemplo, Rudyard Kipling ou como Tennyson, e preferiu a sátira ferina e demolidora aos temas edificantes e construtivos. Brillante e ferino nos seus dialogos, audacioso nos anacronismos das suas peças históricas, subversor de lendas, ele tentou a demolição de uma sociedade que se lhe afigurava corrompida e usou dos processos molierescos como bem assinalou Hamon.

Em tudo, porém, se revelou o revoltado da Irlanda insubmissa. Resistente a qualquer tentativa de apaziguamento foi o mais violento dos "sinfeiners" e manteve permanentemente desfraldado o seu pavilhão de adversário da comunidade britânica. E só não lhe aconteceu desgraça semelhante à de Oscar Wilde porque Bernard Shaw soube ser, em toda a sua longa e fecunda existência, um atrabiliário com a pena e um modelo de severidade nos costumes domésticos que eram paradoxalmente os de um autêntico puritano.



"A BANDEIRA DE FERNAO DIAS". — Manuel Madruga apresenta, para honra do Salão esta tela de assunto histórico em que se fixam aspectos da vida do grande chefe sertanista do século XVII. Todos os elementos aí reunidos nos mostram o mestre na força da sua técnica e da sua inspiração, ao mesmo tempo o paisagista vigoroso e o figurista de largos recursos.



"CRUCIFICAÇÃO". — É esta uma tela magnífica do pintor italiano Beppi Spolaor, residente em S. Paulo. Grande retratista que tem pintado esplendidamente algumas figuras de relevo na nossa sociedade, esse ilustre artista comparece ao Salão com esse quadro em que se afirmam as suas altas qualidades de desenhista e colorista, numa composição impressionante.



Manuel Faria, nome consagrado, comparece com este quadro. "Figueira de Maria Angú", um trecho sugestivo da terra carioca. Boa pintura a recomendar ao aprêço geral o ilustre paisagista patricio.

capacitasse da necessidade de opor um dique à invasão dessas barbaridades. Não se cogita de ajudar — como pretendem os falsos condutores da modernidade — a formação de valores novos e de prestigiar personalidades autônomas na originalidade de seus métodos. O que tal coisa representa não passa de obra puramente revolucionária, de nítido sentido político extremista, de acôrdo com o ulen-

Do professor Luís de Almeida Junior é este "Negro do Brasil"; de linhas fortes e vigorosas, trabalhado largamente. É um dos excelentes trabalhos do Salão deste ano.

BELEZAS E MISÉRIAS DO "SALÃO DE BELAS ARTES DE 1950"

Durante muitos anos foi o Salão Nacional de Belas Artes a expressão culminante das artes plásticas no Brasil. Vinha ele do Império com uma tradição de seriedade e de respeito à cultura, a República não deixou de lhe dar a atenção merecida e imposta pelos objetivos do ensino artístico em nossa terra. Ultimamente, porém, a linha tradicional vem sendo quebrada, e desde a extinção do Conselho Superior de Belas Artes que se observam os vestígios de uma decadência que precisa ser detida, sob pena de desaparecer totalmente o estímulo aos que ainda resistem à penetração de teorias exóticas desagregadoras do espírito nacional. Assim, chegamos ao que neste momento se verifica. Os mestres, em geral, se afastam do certame, e poucos ainda comparecem para vê-los, com melancolia, os seus trabalhos ao lado de obras medíocres e confundidas com uma produção inferior e francamente subversiva. O chamado "modernismo" que é a vitória do erro, penetrou francamente nos redutos da arte verdadeira, como será fácil de constatar diante de algumas das reproduções que publicamos. Por aí se terá uma impressão de como vão conseguindo os seus designios os que visam a derrocada da beleza. Os quadros que ilustram estas notas e incluídos na Divisão Geral, nela se encontram indevidamente, pois obedecem aos métodos modernistas, o que não custa a demonstrar confrontando-os com os que representam a fina flor das monstruosidades exibidas na Divisão Moderna. Os exemplos que divulgamos servem para que o público compreenda até que extremo de loucura tem sido conduzido o Salão Nacional. Conviria que os responsáveis pelo ensino artístico no Brasil, se

"PRELUDIO". — É um dos bons quadros do Salão. Nêle Lully de Carvalho evidencia as suas excelentes qualidades de pintora que se empenha em realizar uma obra de convergadura. Muito moça, já conquistou, graças ao seu talento, uma posição destacada no nosso mundo artístico.



tas provas já sobejamente conhecidas. É indispensável que o fenômeno deste ano não se reproduza. Em toda a parte existem essas excrecências que não vão além das galerias de especuladores. Na França, o Salão Oficial sempre esteve trancado aos que não respeitam a arte na sua pureza. No Brasil, entretanto, nós estamos assistindo de braços cruzados a um esforço de vandalos que devem ser contrabaldado com rigor, antes que nos convergonhem das consequências do desinteresse das

"Peixe e onda", Mario Cravo Junior



"Composição", Ernani Mendes de Vasconcellos.

"Indios mexicanos", Rescala.



"Paisagem de Parati" Durval Alvares Serra

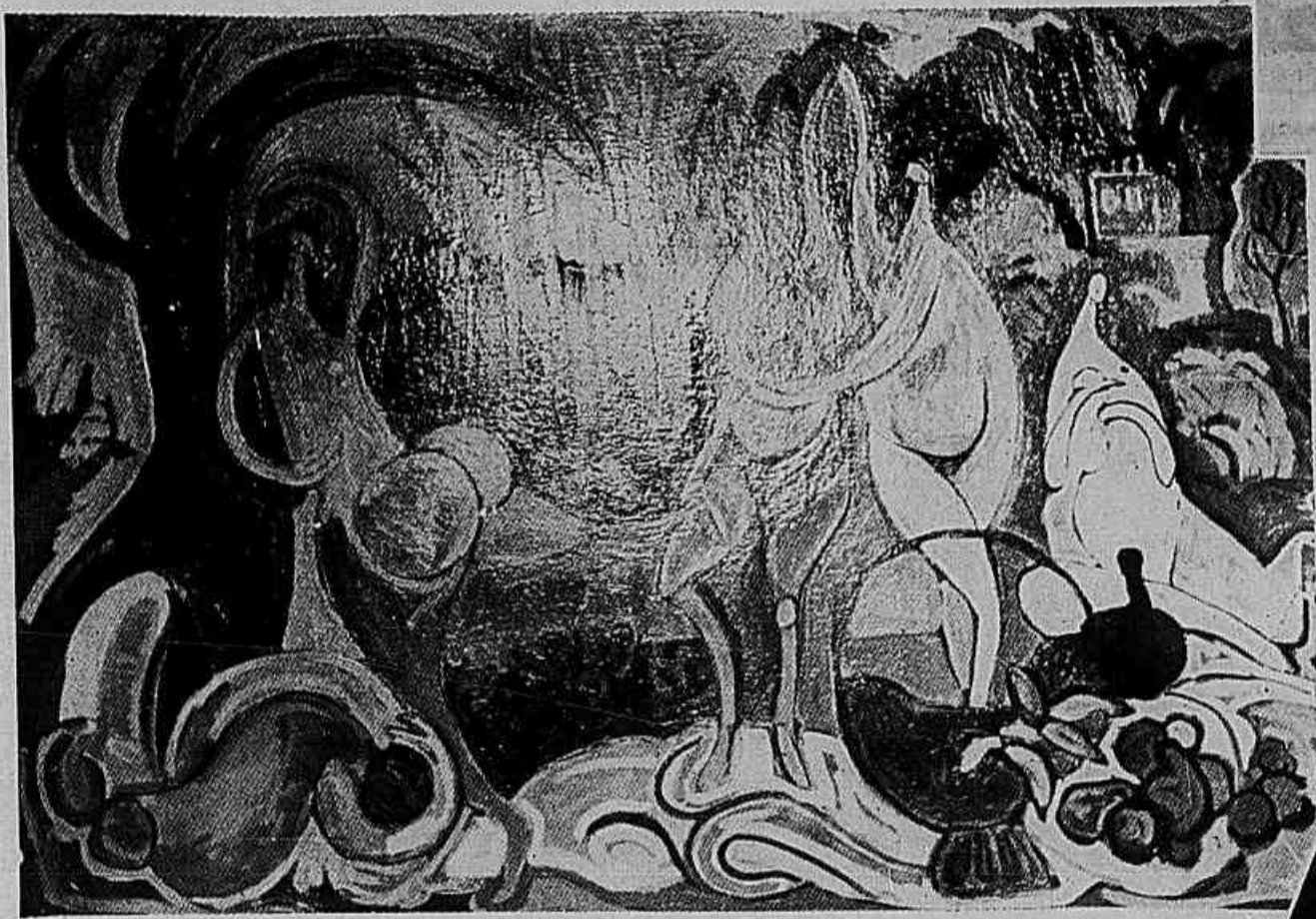




"Nú", Jube Alves Fernandes

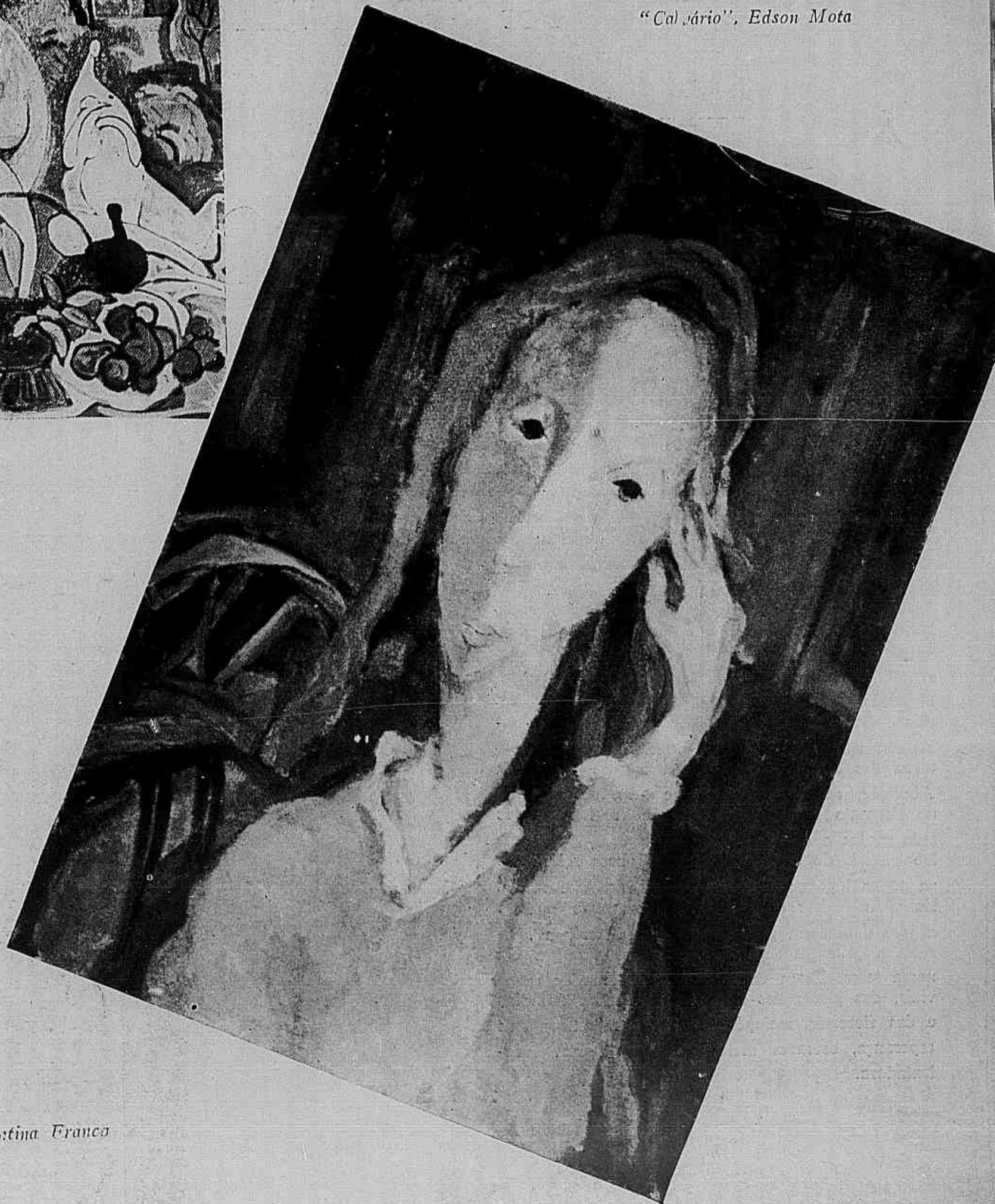


"Calvário", Edson Mota



"Figuras e paisagem", Glauco Otavio Castilhos Rodrigues.

classes dirigentes. Façam os deformistas o que quiserem, mas fora do Salão Nacional e por sua conta e risco. O que é inadmissível é que o governo seja induzido a cobrir com o seu prestígio e os seus recursos financeiros uma obra corresponsável como essa que aí está a exigir medidas moralizadoras. Afinal de contas, o Salão Nacional de Belas Artes é algo de muito sério que como tal deve continuar a ser considerado pelos poderes públicos a bem da nossa civilização.



"Figura", Maria Leontina Franca



O rico aparato do MARACATU DO CHICOREI — com Rei, Rainha, Dama da Boneca, Porta Estendarte, Lanterneiros e Corpo de Baile.

Campo rico para sociólogos, antropólogos e etnógrafos. E os cronistas estrangeiros e nacionais dos séculos XVIII e XIX, as observações de Ribeirrolles, Couto de Magalhães e principalmente nos desenhos de Debret e Rugendas vêm ilustrar e auxiliar admiravelmente a reconstrução de espetáculos teatrais até agora incredivelmente esquecidos. Livros e gravuras jaziam nas estantes e agora é o teatro mais uma vez que serve de veículo para, num espetáculo fascinante, nos mostrar como adquire brilho sedutor os cantos e danças de nosso folclóre.

Não há no caso a simpatia humana por quem sofreu o barbarismo do civilizado forte, que tinha um chicote; chegou-se a ponto de se dizer que o negro não é uma raça inferior, porém, uma raça inferiorizada por séculos de escravidão. Daí a alegria de vermos no teatro algo de novo. Sabemos que o selvagem é o mesmo em qualquer parte, porém o meio físico é que marca as características. Ameríndios ou africanos de pontos de vista análogos diferenciam-se na música, na dança e nos ornatos.

Sejam figuras vermelhas coroadas de penas, com rebecas e plumas, cabeça com penachos ou nas simples tangas nos corpos de azeviche nos ritmos ancestrais, os tan-tans e atabaques, batuques, can-

Teatro Folclórico Brasileiro

Por SEBASTIÃO FERNANDES

Afinal estamos sempre nos encontrando, sempre mostrando coisas novas, pois a terra é mesmo virgem. Comemoramos o centenário de vários escritores, poetas, músicos, e ainda não tínhamos criado o teatro folclórico brasileiro. Precisamente quando mais uma vez nos voltamos para a Grécia eterna, descobrimos dentro de nós mesmos um filão novo; nossas lendas populares. A iniciativa do poeta Micio Askansky deve ficar gravada nas páginas da *Ilustração Brasileira*, pois é um fato inédito na nossa vida teatral. Devia ter sido uma luta tremenda, dentro da nossa falta de disciplina, reunir no canto, na dança, na música, nossas lendas para o TEATRO FOLCLÓRICO BRASILEIRO.

Ouvimos essas cantigas, nostalgia da distância, escalantos de braços nias vozes das negras músicas tristes, danças exóticas, tudo lá longe, na infância, nas margens do grande rio Paraíba, traço lírico, poesia que aumenta no tempo e no espaço e parecia perdida.

Houve, na verdade, um longo período de esquecimento das coisas, índios e africanas agora lembradas pelo teatro. Antes de 13 de Maio de 1888, havia grande familiaridade dentro das casas pelo serviço doméstico e assistia-se às suas festas nos pátios das fazendas, como única diversão, longe da vida noturna das cidades litoreanas; e mesmo depois da Abolição, com a liberdade e semi-incorporação do elemento negro na vida social, assistia-se aos seus cantos e danças.

Do cenário do terreiro chegavam vozes selvagens, na toada lúgubre e soturna duma raça que sofria. Então o senhor da casa-grande mandava que os negros dansassem para a sinhá se distrair e apreciava a primeira representação da raça negra em nossa terra. Eram cânticos que vinham dos canais, das plantações de café, das beiras dos rios e das florestas, melopéas de quem trabalhava sem esperança, escravo, melodia triste, chorosa, desalentadora.

to ou reza, tom rouco de couro retezado, urucungo ou caxambu, na evocação de festa ou canto litúrgico, amálgama de especto religioso ou guerreiro, traço lírico, épico, humorístico e sobretudo teatro.

Teatro que se faz eco de sons que vieram das selvas misteriosas, dos berros dos bichos, cantos de pássaros, gritos de guerras, cantos de dor e de morte, arte que vivia esparsa em festas juninas, reisados, carnaval, pastorinhas e só agora foi condensado nas representações folclóricas mostrando for-



Dama da Boneca (Calunga) do MARACATU.

tes inexgotáveis que são o teatro é capaz de realizar.

Cantando ou gemendo, chorando ou rindo, os filhos de Cham, os netos de Tupan, as figuras bastardas, nos compassos lentos, monótonos, precipitados, corridos, em festas religiosas ou profanas, nos cânticos telúricos, ou ainda em ritual fetichistas de negros e índios é tudo quanto há de mais primitivo e inédito jamais apresentado em palco.

As características do escravo negro e do eméridio jamais escravo, confundiram a lascívia do barco exilado, a fusão das três raças nos deuses cafuzos, mamelucos, curibocas, mulatos, mestiçagem que é convergência de elementos nos descrevendo com cantos e dansas seus estados de vida, seus destinos em terras livres.

Os remotos cantos e bailados das selvas africanas ou americanas, quantos problemas sugerem e a contribuição cultural e artística que o teatro folclórico nos apresentam numa cenografia e iconográfica até hoje inéditas.

Toda uma chusma de lendas, contos, romances nos chegam nos caracotês, sambas, batuques, cocos, ponto de santo, batucagé, congada, onde o prelo velho, sapo-cururú, saci, mãe-preta, curupira, uirapurú, caboclo-arruda, maracatú do Chico-Rei, bumba-meu-boi, mãe-d'água, Jaci-Uaruá, marabá, amazonas, reisado do pastoreiro, tudo que as feiras do nordeste, cerimônia de bodas, guerras de índios, cadomblés da Bahia, uma faradula de carnaval em que uma poesia virgem vem da terra.

Vindos das florestas da África ou das brenhas da América, são passos e sons num ritmo que entusiasma pela originalidade. Reconstruções de cenas e tipos da Guiné ou sertão goiano, do reconceito bahiano ou de Angola, nos temas do rico folclore tão expressivo em valores até agora esquecido da arte teatral.

Aparecem figuras esculturais, bailarinas de ritmo impressionante em que duvidamos tenha um slavo a capacidade de mímica. O modo de expressão, de comunicação, de dor, de saudade, de nostalgia, de volúpia, de sexualismo, do sonho, é na música, na dança, força capaz de espantar os mais louros e puros filhos do além Reno. Não é o sentido romântico e estético de elogio a uma raça, nada de preconceito etnográfico ou superioridade racial, mas o encontro com os motivos que, para espanto nosso, até hoje não tinham sido aproveitados no teatro. É interessante notar que, ao contrário dos Estados



Cena impressionante de Macumba. (Pai do Santo: Antonio Rodrigues)

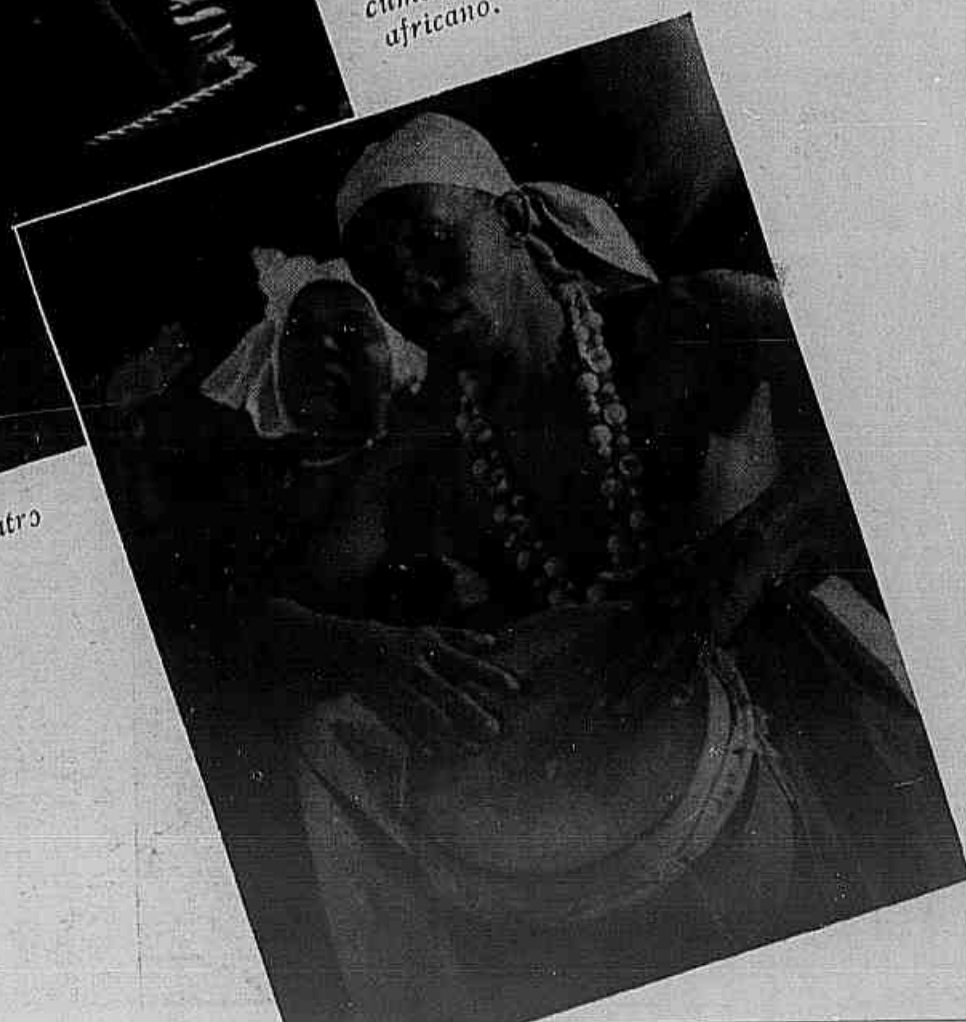
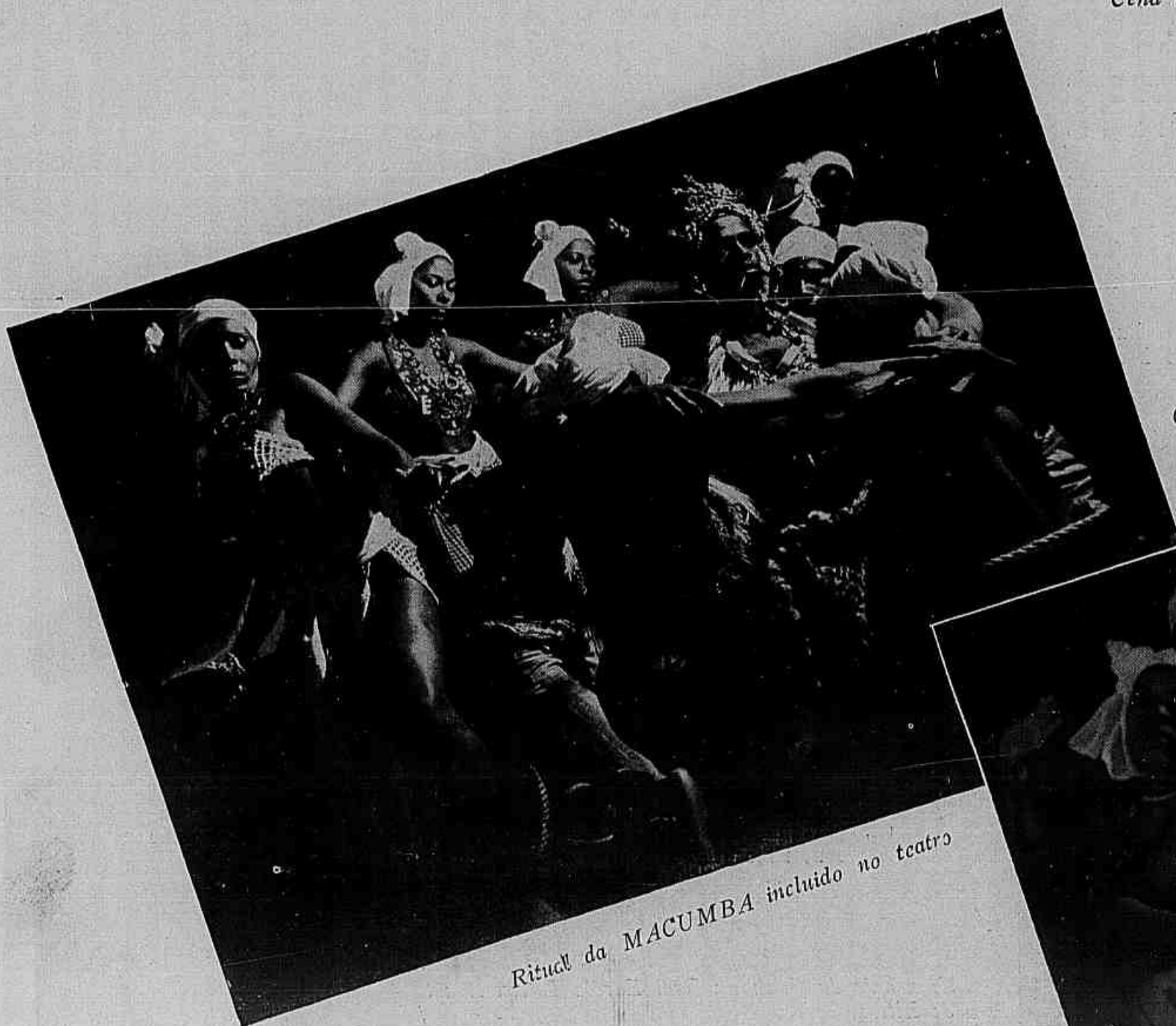
Unidos onde o preto é isolado da comunidade e fez uma civilização à parte, a criação do teatro folclórico brasileiro é produto dum homem branco e sem tolas divisões pelo preconceito. Também não é um "teatro negro" em completa imitação de povos que vivem em luta por segregação racial e pavor pela cor da pele, obrigando a reclusão e daí o "teatro israelita" e outras infelicidades.

Quando Katherine Dunham esteve entre nós disse que o terrível sentimento de desigualdade entre brancos e negros existente em seu país, de coisa alguma valeria para seus estudos de antropologia, porém, só a arte, a dança seria a arma de combate a tal estado de coisas. A tez pigmentada e os cabelos crespos só pela dança poderiam falar ao mundo de sua tragédia.

O Teatro Folclórico Brasileiro não é nem arma e nem tragédia, pois todo o encanto do som, canto e dança é mais uma felicidade para o teatro.

O ritmo profundo do tambor de Macumba, do ritual africano.

Ritual da MACUMBA incluído no teatro





CREMONA

Laura de Figueiredo

O obra do violeiro Amati, membro de alta nobreza, fabricante de famosos violinos tem sido pormenorizada o constantemente comentada. André teve um filho não menos talentoso, autor de uma obra prima violinística, pertencente a Henrique IV da Inglaterra.

Igualmente notável, Jeronimo, irmão de André Amati, transmitiu o seu engenho a dois discípulos: Guarneri e Stradivarius.

Essu último, superou a glória do mestre. Viveu no tempo das superstições, de 1644 a 1737. De 1690 a 1725, a sua obra foi insuperável. Porém, a partir dessa época, consta que Stradivarius começou a fabricar instrumentos menos perfeitos.

Conseguiu tamanha sonoridade e vibração para os seus violinos que muitas lendas se originaram por causa dessa perfeição adquirida, a custo de trabalho e calculos acurados.

Uma das mais tétricas histórias inventadas sobre o modo como êle dava aos violinos, vozes tão cristalinas, é a seguinte:

Quando tinha noticia que havia um moribundo em algum lugar, o Maestro, após fazer diversas orações ou pacto com Satanaz, carregava um violino novo para a casa do enfermo, e lá ficava esperando...

Com passes cabalísticos, êle captava, ao último estertor, a alma do agonizante, introduzindo-a no seu violino.

Durante a viagem com destino a "Reale Scuola Internazionale de Liuteria", isto é, de Florença a Cremona, tudo isso me vinha à mente.

Uma compositora e jornalista brasileira, naquêlas paragens, foi uma cousa inédita, por isso tive um acolhimento que muito me lixongeu.

Em companhia do Doutor Umberto Canuto, diretor da célebre escola, senhorinhas Maria Bocaccio a secretaria, Alberta Guisatti alunos e demais convidados, visitei todos os bélios edificios e recantos de Cremona.

Na oficina, onde se fabrica os violinos, Maria Bocaccio, explicou-me por-

Artística e historicamente, Cremona é internacionalmente conhecida.

Para mim foi sempre alvo de curiosidade, pois sempre tive vontade de visitar a cidade encantada dos sons, das fantásticas lendas sobre — alma de violinos —...

Colônia romana da Calia cisplatina o seu papel nas guerras civis do século I, do Império romano e com os guelfos e gibelinos, foi de alto relevo.

Muitas vczes ocupada por francezes e austriacos, pois a sua situação topográfica, é considerada, ponto estratégico.

O Marechal Villeroy lá fez o seu quartel general.

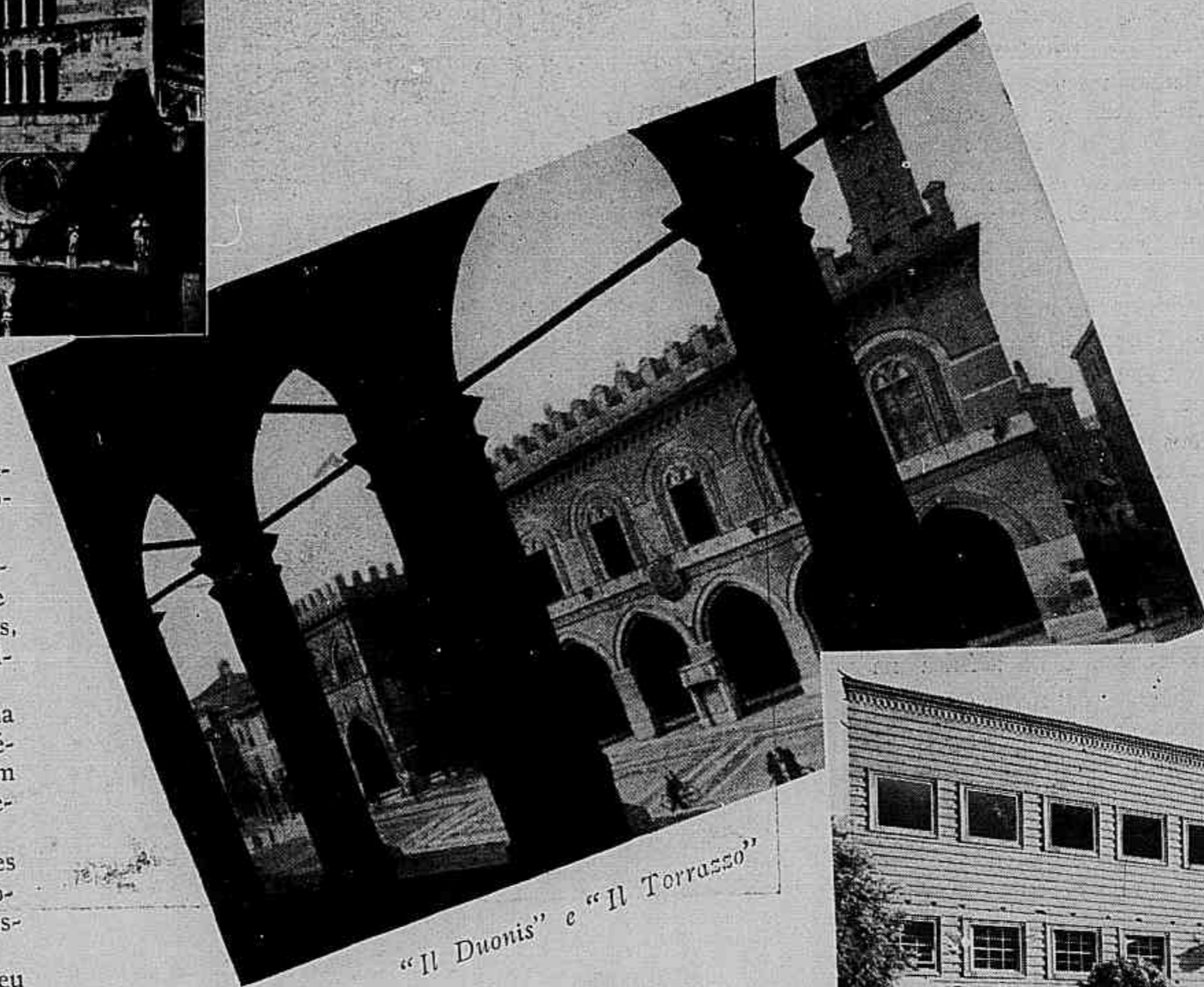
Em 1702, o principe Eugenio, acampado nos arredores, de combinação com um habitante da cidade, introduziu alguns dos seus soldados, intra muralhas. Esses, depois abriram as portas de Cremona para as tropas do referido Principe, prendendo o Marechal logo ao amanhecer, ainda no leito.

Dois regimentos irlandezes e o de Royal-des-Vaiscaux, ambos pertencentes à guarnição, barricaram-se nas ruas defendendo-se com denodo.

Praslin, que os comandava, usou de uma estrategia, mandando derrubar a ponte do rio Pó, cortando, dessa fôrma a retirada do inimigo.

Apezar disso, o valente Eugenio, fugiu, conseguindo levar uma parte do exército e a sua cobiçada presa, o Marechal Villeroy.

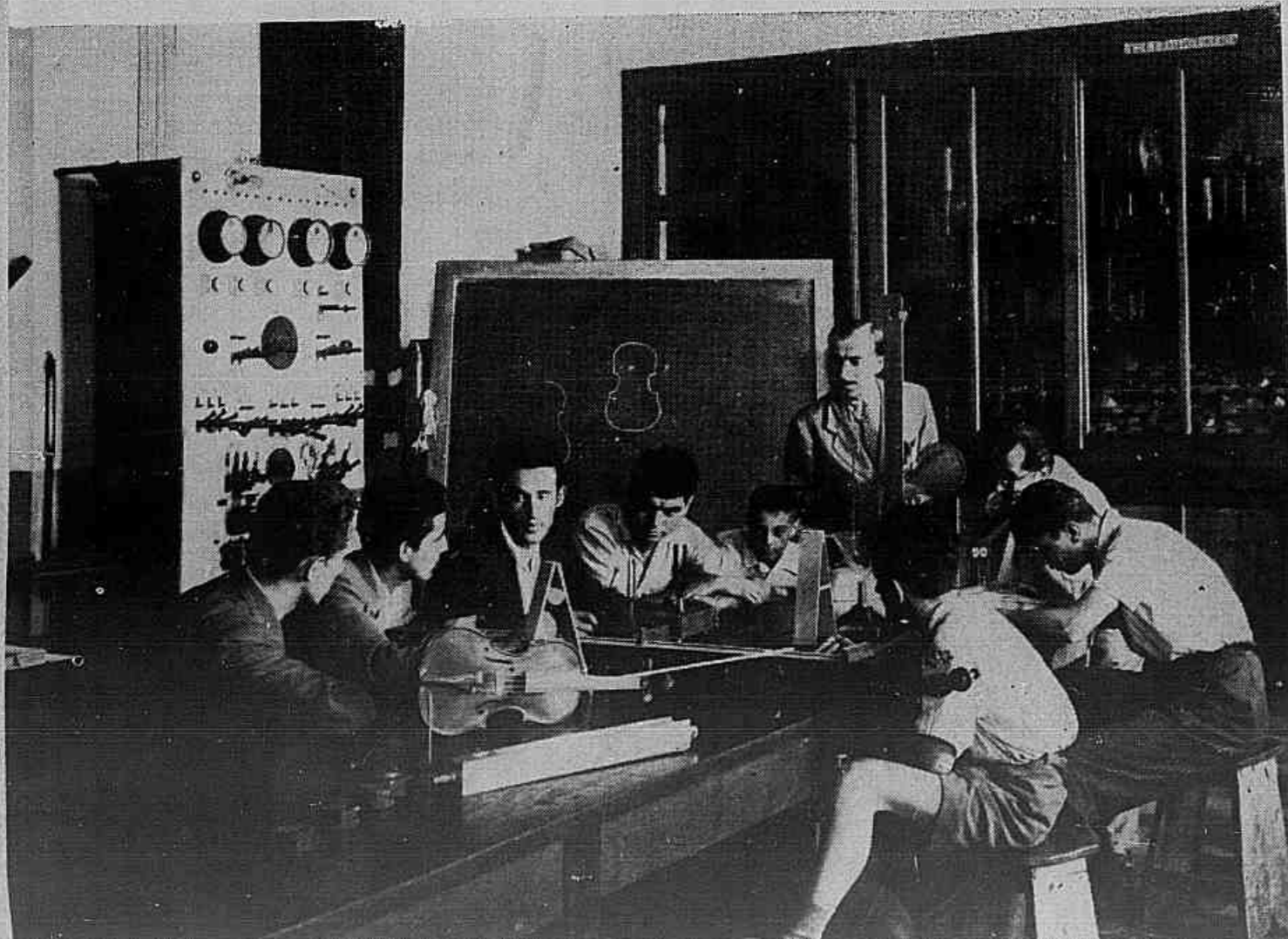
Na história da arte musical, coube à Cremona, legar à posteridade ilustres nomes como: Amati, Guarneri e Stradivarius, todos pertencendo à casta, "liuteria".



"Il Duomo" e "Il Torrazzo"



Palácio Municipal



menorizadamente sôbre a arquitetura violinística. Carvalho Betado ("acero venato") e ebano, cordas, ouvido absoluto, verniz, tísica, afinação, são os fatores para a artística construção do suave instrumento.

Como levava um violino Stradivarius, para ser autenticado, conheci o sucessor de Stradivarius, Maestro Lelio Cavalli, técnico, descendente de três gerações de fabricantes de violinos, que são exportados para as maiores cidades do mundo.

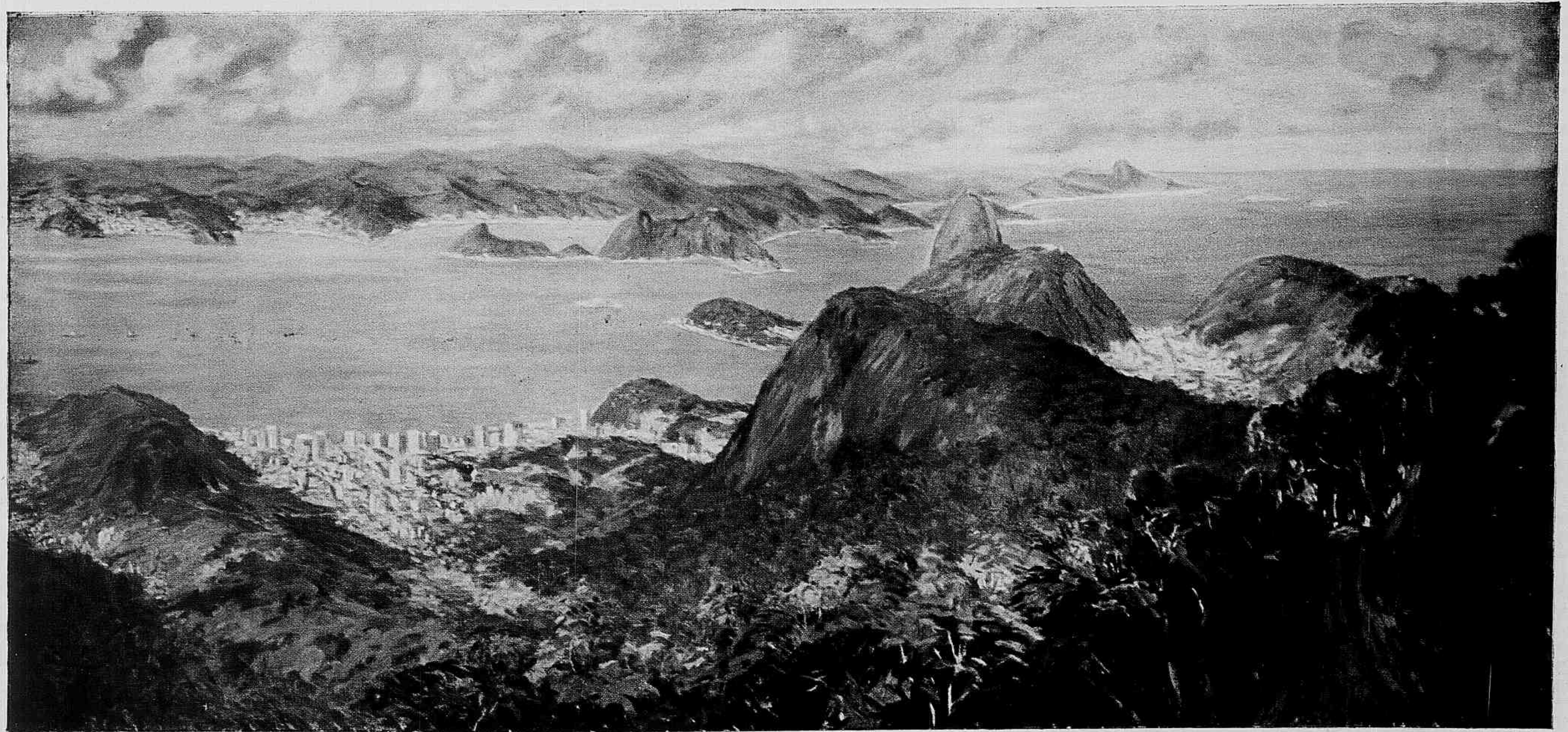
Após saborear um delicioso lanche, visitamos "Il Duomo", Batistério, "Palazzo Franganeschi", Museu Cívico, "Il Torrazzo", "Palazzo Raimondi", atualmente propriedade do advogado Bellani e as bélias praças, ruas e jardins.

Dr. Umberto Canuto, ofereceu ao Ministro da Educação do Brasil, por meu intermédio, uma bolsa de aperfeiçoamento para um brasileiro.

O gesto do ilustre Diretor foi muito simpático.

Agradei ao insigne Diretor, a honrosa deferência, para com o Brasil, partindo de Cremona, estranhamente sensibilizada, guardando dos seus filhos a mais suave e grata impressão.

Uma aula de física na Real Escola Internacional de Literatura.



ENTRADA DA BARRA DO RIO DE JANEIRO

Téla de Vicente Leite



A cidade de Angoulême, vista do lado oposto ao rio Charente.

A HEROINA DO ROMANCE, "ILLUSIONS PERDUES," DE BALZAC



Mme de Saint-Surin, que serviu de modelo a Balzac para heroína do "Illusions perdues".

Honoré de Balzac, em 1830, com 32 anos de idade, morava no castelo do Sr. de Margonne, nos arredores de Tours. Já tinha em esboço um novo romance: o "Illusions perdues". Não era ali que o escreveria.

A 6 de agosto de 1831, chega-lhe às mãos uma carta de Mme. Carraud, amiga de infância de sua irmã Laure. A signatária oferece-lhe pousada em seu palacete.

Diz ela:

"Disponho de um aposento magnífico..." Mais tarde, a 8 de novembro, noutra carta, escreve:

"...Há um vasto jardim, que produz, com fartura, os mais belos pêssegos de França; lindos bosques e, próximo, a Charente deliciosa..."

Para atrair o escritor, Mme. Carraud gaba, em post-scriptum, o seu "thé Caravane" e o leite de suas vacas.

Balzac aceita o convite, e parte, em dezembro, para o palacete da Mme. Carraud. Residiu ali três vezes: em dezembro de 1831, de 17 de julho a 22 de agosto de 1832 e de abril ao fim de maio de 1833.

A poética cidade de Angoulême constituiu-se o cenário de seu romance "Illusions perdues". Foi em Angoulême que Balzac conheceu uma das mais formosas criaturas de seu tempo: a bela Marie Caroline Rosalie Richard Condrecourt (Mme. de Bargeton). Era a esposa de Tiffon de Saint-Surin, que fora superintendente-geral das fazendas do Rei de França, antes do 14 de Julho, e, depois, em 1796, professor de História na Ecole Centrale de Angoulême.

Desde o ano de 1812, quando se consorciaram, até 1820, haviam sido aparentemente ditosos. Talvez querendo ser mais feliz, deixou-se Mme. Saint-Surin enlevar pelas lábias de um **bonitão**, (Lucien) e abandonou o domicílio conjugal. Viajou com ele pelo Midi, pelo Centro e pela Suíça, de setembro de 1820 a janeiro de 1821.

O imortal autor da "Comédia humana" dá-nos, assim, um detalhe da bela mulher:

"A nobre dama tinha a tez refulgente com a qual uma mulher resgata os pretensos inconvenientes da côr fulva de seus cabelos.

Os olhos cinza faiscavam, a fronte já enrugada, mas audaz, os coroava; das olheiras negras, duas veias azues faziam ressaltar a brancura da pele delicada. A curvatura do nariz era bourboniana, o que aumentava o ardor de um rosto longo em que se delineava o arroubo régio dos Condé. Os cabelos não ocultavam inteiramente o pescoço. O vestido, negligentemente cruzado, deixava ver um colo de neve, onde os olhos adivinhavam seios intactos e bem colocados..."

Mme. de Saint-Surin retorna a Angoulême, mas não volta ao domicílio conjugal. Doravante viverá ali quando o marido estiver em Paris, e irá para Paris quando ele vier para Angoulême...

Talentosa e culta, Mme. de Saint-Surin escreve poesias, faz romances e obras de caráter científico, e funda em Paris a "Gazette des Femmes". Nesta folha publicou um artigo de Louise Collet sobre cantos e canções populares de França. Um de seus

livros de valor é o "L'Hôtel de Chuny au Moyen âge".

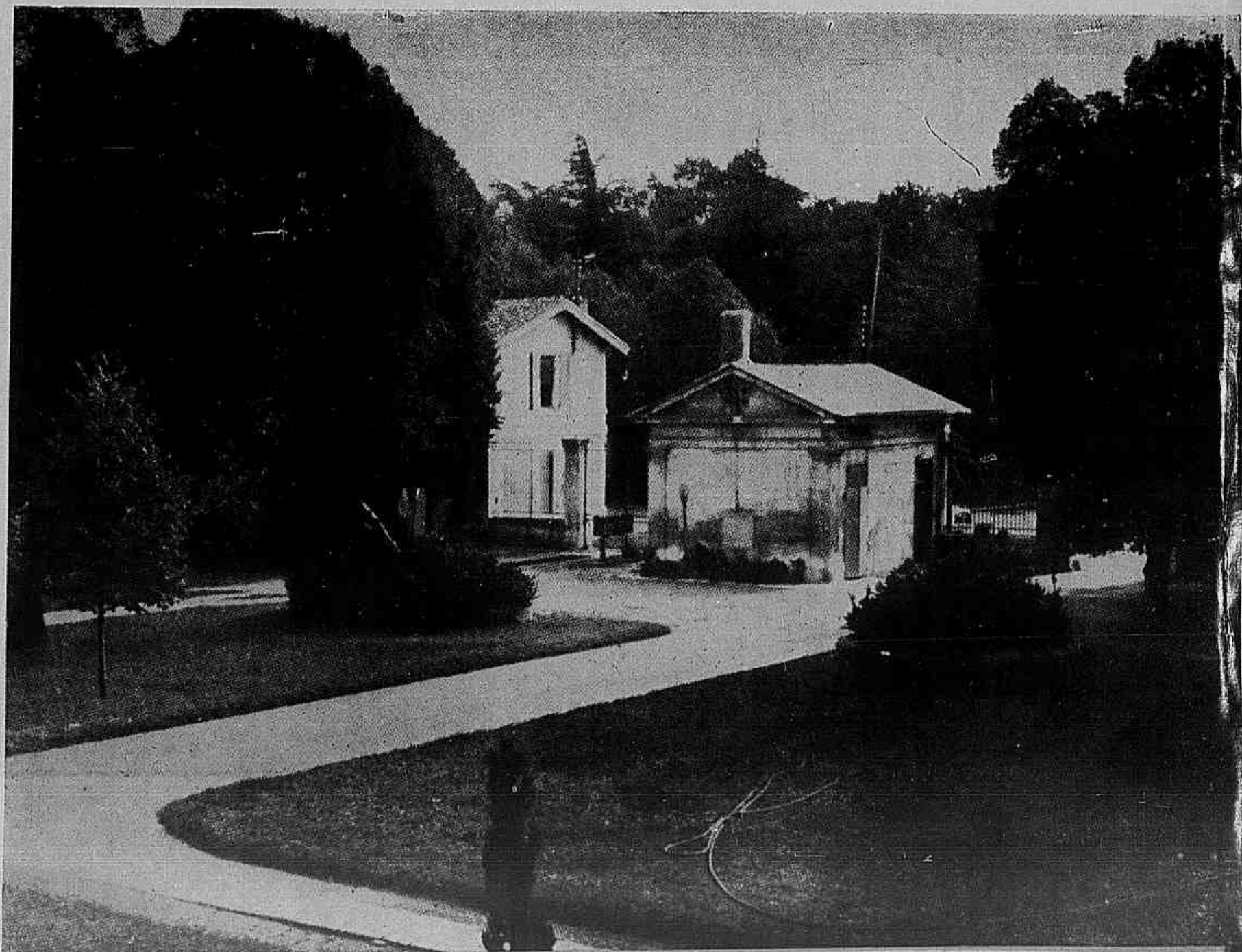
"A senhora de Bargeton — diz Balzac em seu romance — adorava as artes e as letras, gosto extravagante e mui lastimado em Angoulême, mas que é mister justificar, esboçando o viver dessa dama, nascida para a glória e mantida na obscuridade por circunstâncias fatais..."

"Ela adorava Chateaubriand somente por haver êle chamado a Victor Hugo "Criança sublime..."

Onde Balzac iniciou o seu romance

Diz-nos Paul-Emile Cadilhac, a quem tomamos por guia nesta narrativa, que Balzac, em outubro de 1836, anunciou a Mme. Hanska:

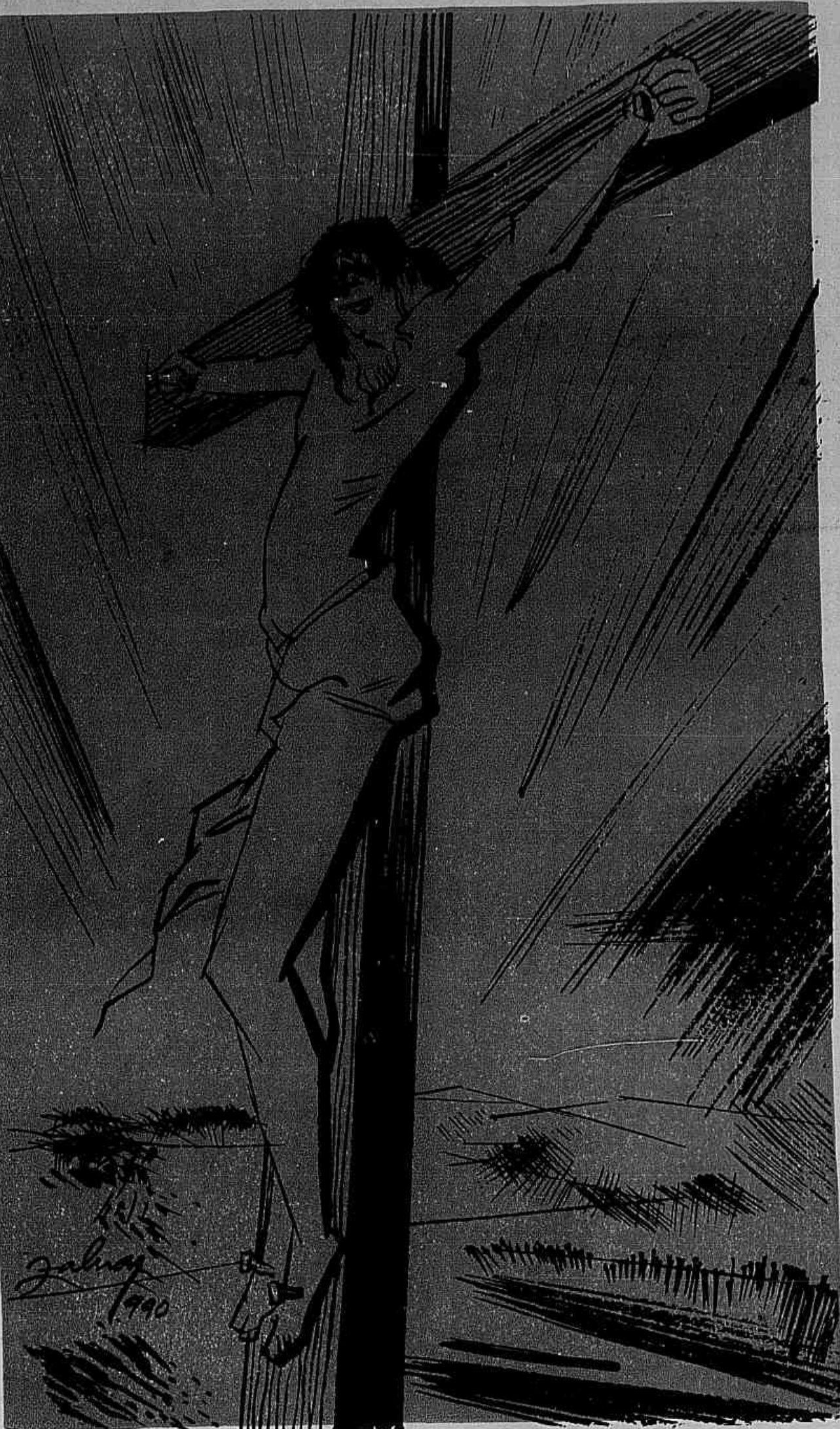
"Escrevi, em Saché, em três dias, os cinquenta primeiros cadernos do "Illusions perdues".



Um pedaço do pitoresco jardim que circunda o palacete onde residiu o grande romancista.

Viagem a SANTAREM

ERNESTO FEDER



Acompanhamos em muitas viagens o doutor Carlos da Silva Araujo no seu encantador livro "Evocações do meu Passaporte", viagens a Washington e a o Grand Canyon, a Londres e a Paris, a Hamburgo e a Munich e a muitos outros lugares dos quais o douto e experimentado autor nos dá impressões e visões de rara clareza.

Nenhuma dessas viagens, porém, interessou-me tanto quanto aquela em que Carlos da Silva Araujo, subindo o Amazonas, chegou a Santarem, percorrendo a pequena cidade e visitando a Igreja Matriz.

Lá, num altar lateral, encontrou um crucifixo de esplendidas linhas e, com a maior surpresa, leu o seguinte:

"O cavalheiro Carlos Fred. Phil. De Martius, membro da Academia Real das Ciências de Munich, fazendo de 1817 a 1820 de Ordem de Maximiliano José Rei da Baviera uma viagem científica pelo Brasil e, tendo sido aos 18 de Setembro de 1819 salvo por misericórdia divina do furor das ondas do Amazonas junto a Villa de Santarem, mandou, como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso, erigir este crucifixo nesta Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no ano de 1846".

Tanto o impressionou esse inesperado encontro com o célebre naturalista e grande amigo do Brasil que o tomou como ponto de partida para duas conferências, a primeira realizada no Instituto de Estudos Brasileiros no Rio de Janeiro, sob o título "Um Cristo a que devemos, brasileiros, dobrada devoção — oferenda de von Martius", e a segunda pronunciada na Sociedade de História da Medicina em São Paulo, sob o título "Um grande e sábio amigo do Brasil: von Martius".

Desenvolvendo essas duas conferências e reunindo-as num folheto, ofereceu a todos os estudiosos e interessados o seu livrinho "von Martius e o Cristo que ofertou ao Brasil", brilhante estudo que, em parte, reimprimiu na sua grande obra "Evocações do meu Passaporte".

E' um verdadeiro enriquecimento da vasta literatura sobre Martius. Aquele incidente, perto de Santarem, que quase custou a

vida ao jovem naturalista, só constitue o ponto de partida para dar-nos, com traços finos e acertados um novo retrato do grande amigo do Brasil. Começa com uma exposição do Estado de coisas antes da chegada de Martius, quando o Governo Português mantinha fechada aos estrangeiros a grande colônia sul-americana, atitude, aliás, que era a política de todas as potências européias com domínios transmarinos. Não merece censura, antes talvez, como bem friza o autor, "nosso louvor, de vez que foi possível fator para manutenção dessa grande unidade pátria de que nos orgulhamos".

Sómente depois da "Abertura dos Portos", o geólogo John Mawe obteve permissão para visitar os distritos mineiros do ouro e do diamante, e sua obra, publicada em 1812, marca época no interesse europeu pelo Brasil, especialmente da parte de naturalistas. Seguiu-se em 1815 a viagem do naturalista Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, precursor de grande numero de sábios dos mais adiantados países europeus que vieram revelar ao mundo vislumbro a grandiosa natureza do Brasil. Nenhum deles, porém, superou, na extensão e na importancia da obra, a Carlos Frederico Felipe von Martius.

Carlos da Silva Araujo dá-nos um panorama das obras e da vida, desse extraordinário homem, de quem Alexandre von Humboldt afirmou: "Jamais será esquecido o nome de Martius enquanto existirem palmeiras", e de cuja "Viagem" um conhecedor como Roldolfo Garcia constatou: "De todas as expedições científicas, empreendidas no Brasil, foi esta por certo a de mais amplos e proficuos resultados".

Ao episódio do naufrágio, relatado na oferenda de Santarem, e a esta mesma, pouco se referem os historiadores. O proprio Martius, em carta de 1846, dirigida ao consul geral do Brasil na Prussia Sturtz, pronuncia-se assim sobre o crucifixo:

"Aqui mandei fundir em ferro e dourar um Cristo crucificado, de tamanho natural, para o qual serviu de modelo uma escultura de Albrecht Duerer e despachei-o para Hamburgo, donde será remetido para o Pará, ao bispo de lá, com o pedido de o mandar colocar na Igreja de Santarem, junto com o quadro comemorativo anexo. A obra saiu excelente e a contemplei com profunda emoção, pensando no modo pelo qual, só por um verdadeiro milagre, fui salvo do rio Amazonas perto, daquela cidade".

Narra-nos o autor as dificuldades que a bela intenção de Martius encontrou, antes de ser realizada. Quando em 1856, isto é dez anos mais tarde, o dr. Cesar Augusto Marques, médico militar e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, visitou Santarem, encontrou, ainda, encaixotados, o crucifixo e a lâmina de ferro. Escreveu, a respeito disto, um artigo para o "Almanach de Lembranças" de Lisboa, lamentando o desapareço revelado em Santarem pela dádiva preciosa. Divulgado esse, "Almanach" em Belem houve verdadeiro escandalo. A imprensa exproboou a incuria do prelado, e a Assembléia Provincial concedeu verba para que fosse com dignamente instalado na Igreja de Santarem o formoso monumento, de que o proprio Martius, na carta mencionada, diz o seguinte:

"Se a contemplação daquele crucifixo, em alguns devotos, despertar uma piedosa comoção, terei, também eu, feito alguma coisa pela infeliz raça americana, à qual sinto nada mais poder dedicar, a não serem votos piedosos. A' proporção que envelheço, é sempre mais intenso o meu interesse por aquela raça abandonada".

Como se aproxima Martius nessa palavras de tenra afeição pelos indios daquele dito de Alexandre von Humboldt: "O bem-estar dos brancos prende-se, intimamente, à raça bronzeada. Nenhuma felicidade será duradoura, nas duas Américas, enquanto esta raça humilhada por longa opressão, mas não envelhecida, não participar de todos os proventos da civilização". Bem friza Carlos da Silva Araujo, no seu atraente opúsculo, "essa ternura de Martius pelo Brasil e, particularmente, pelos indios". Testemunho sincero desse sentimento pelas coisas brasileiras. Pois nunca poderia Martius prevêr que ficariam sob olhos de terceiros os trechos dessa carta ao amigo em que ele proprio

(Continúa no fim do número)



OS BARCOS MASCARADOS DO

São Francisco

ria e linda nos diversos pontos da imensa latitude nacional. No extremo norte, a natureza intacta, bravia, defende tenazmente sua virgindade milenar. No litoral, já dominada pelo homem, o atrai e arrabata. No interior, é muito raro ver-se a sua vitória completa. A natureza parece imobilizá-lo com o imprevisto da sua majestade. Desarma-o. Reduz-lhe a audácia. Acovarda-o. E se desdobra imponente por oito e meio milhões de quilômetros quadrados, em campos e desertos, pantanos e florestas, cordilheiras e pampas, lagos e rios, num desafio constante.

Os rios são complementos indispensáveis à paisagem brasileira. É precisamente um dos aspectos mais pitorescos

Esta, com a língua de fóra, parece zombar de quem procura decifrá-la...

A paisagem brasileira tão bela e sugestiva é o maior lenitivo para a alma desencantada do nosso povo. É o derradeiro consolo para suas desilusões... Se não fora a paisagem, que seria do povo brasileiro?... Ela é vá-

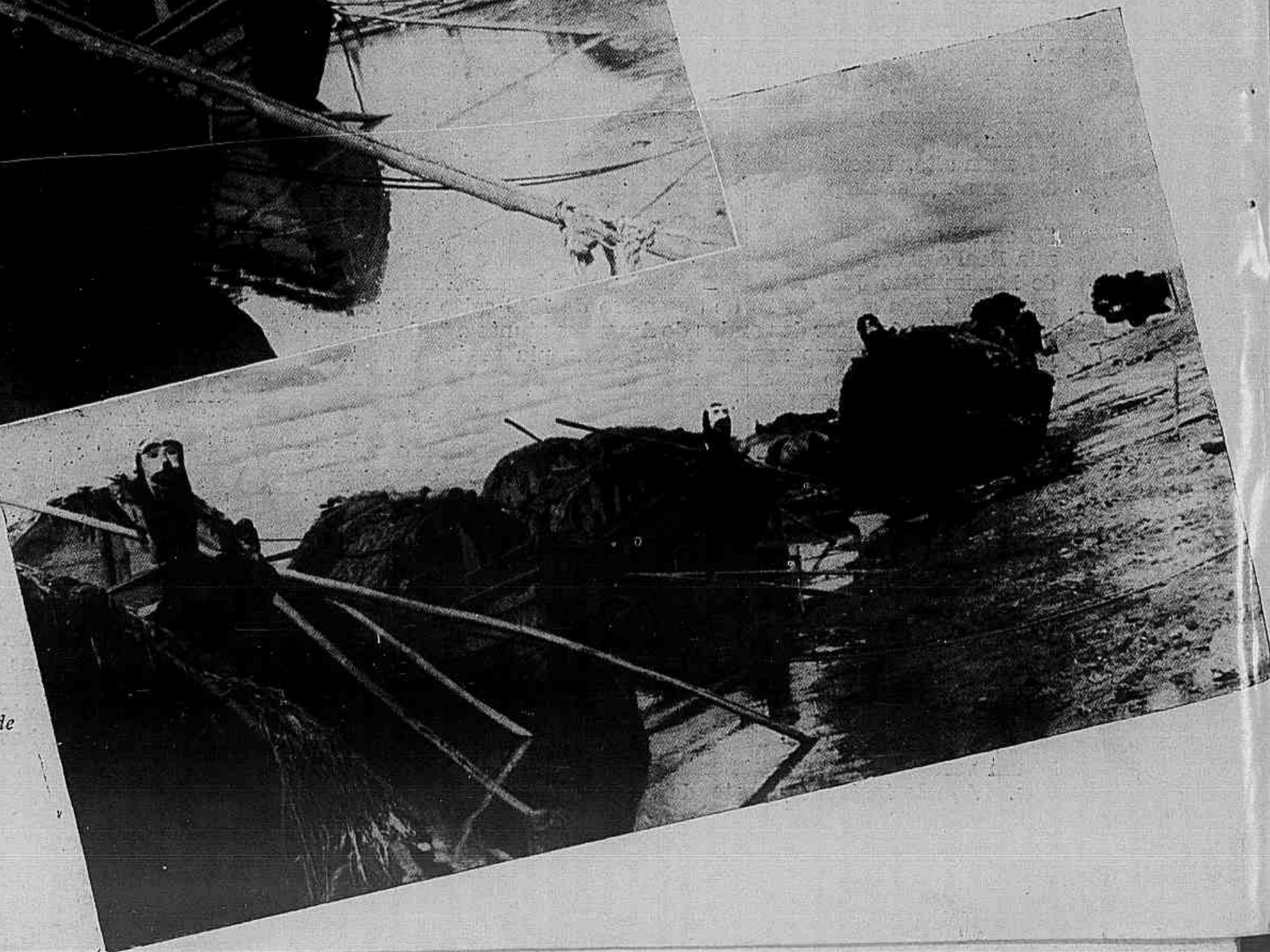


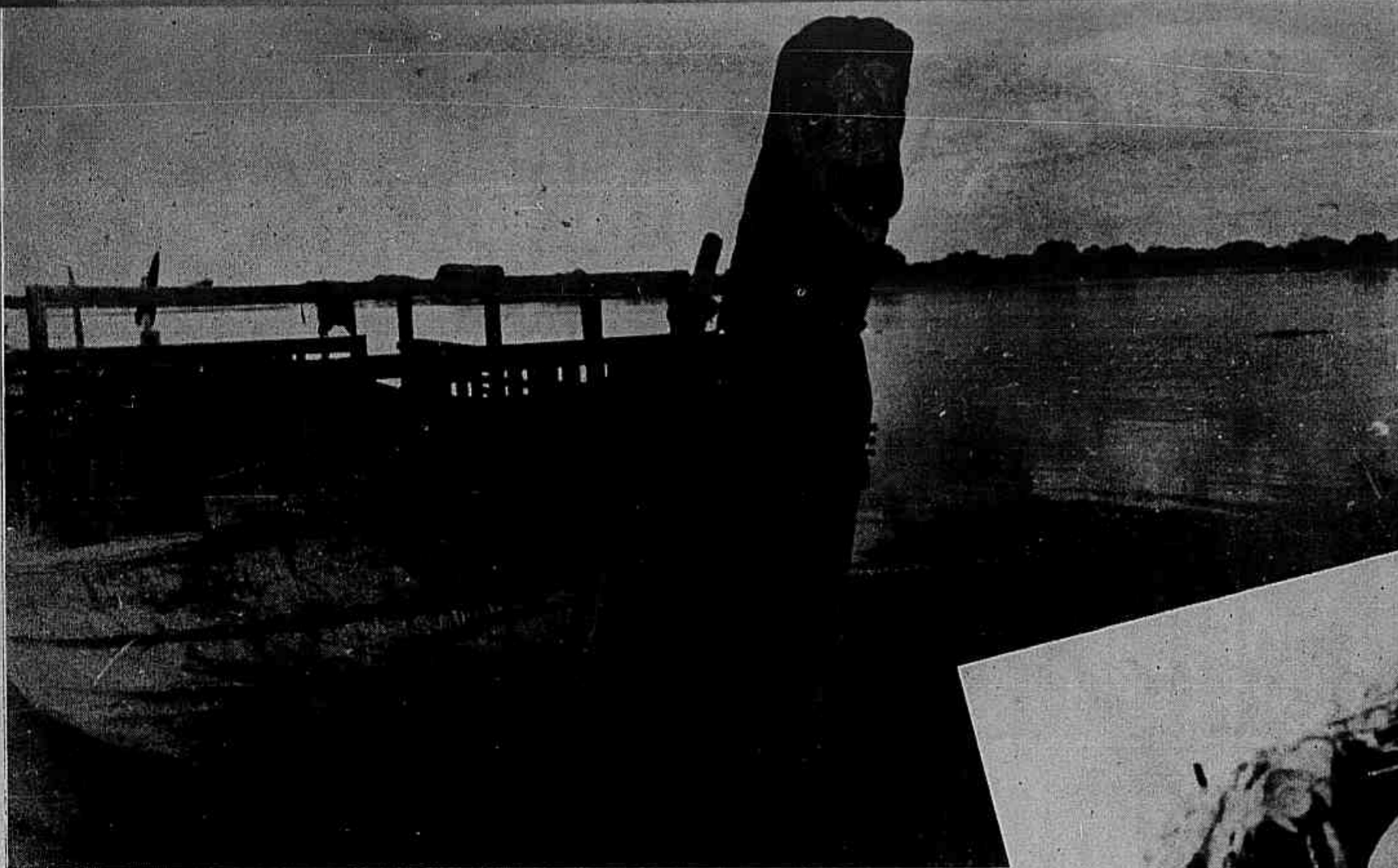
Que cara horrorosa de mulher! Sonda proféticamente o céu...



Estes olhos arregalados pelo susto, parecem ver a própria cara...

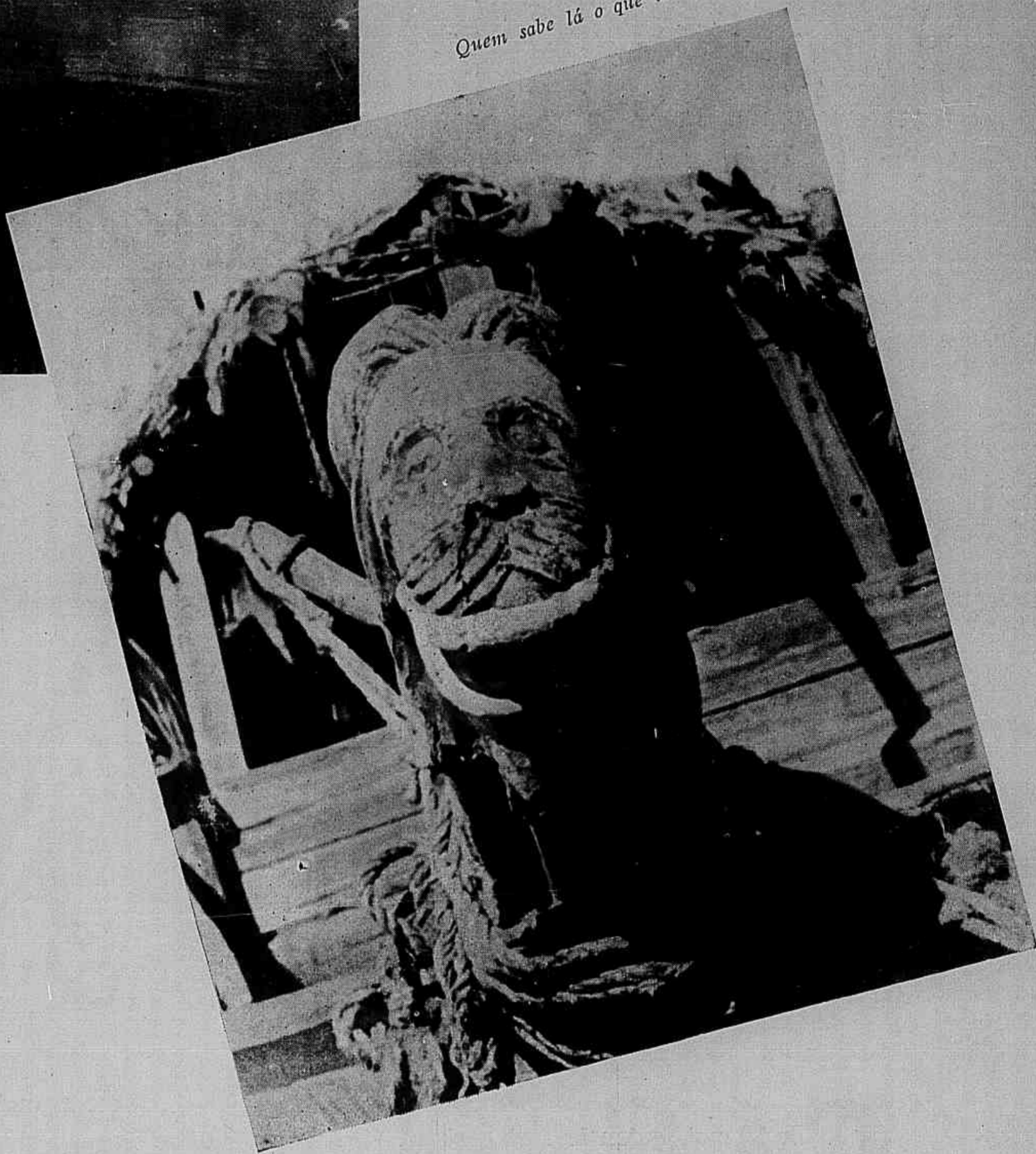
Aos barcos inativos montam aquelas caras de poucos amigos...





Esta cabeçorra cabeluda e barbada ninguém pôde decifrar de que seja.

Quem sabe lá o que isto representa!...



cos de um deles que nos prende agora a atenção: os barcos mascarados do São Francisco.

Essa grande corrente fluvial é um dos nossos orgulhos. Suas águas deslizam na parte oriental do planalto brasileiro. Despenham-se de sua nascente, na serra da Canastra, situada a mais de mil metros de altitude. Tomam a direção norte. Mas as chapadas do nordeste lhes desviam o curso para leste até desaguar no Atlântico, depois de percorrer três mil cento e sessenta e um quilômetros.

O São Francisco foi chamado de "Nilo brasileiro", porque, após as enchentes, espalha nas planícies ribeirinhas o humus que fertiliza esse solo ameaçado pelo flagelo das secas. É a corrente central de enorme bacia hidrográfica totalmente nacional. No período colonial era a ligação entre o sul e o norte, o que lhe valeu ser também chamado "rio da unidade nacional". É a via de comunicação entre as numerosas cidades da região que banha. Singram-lhe as águas barcaças a vapor, "paquetes" — longas e estreitas embarcações a remo que transportam animais —; entre Petrolina e Joazeiro cruzam o rio saveiros — é curioso assinalar que ali sopra constantemente forte vento — basta abrir-lhes as velas e eles deslizam rapidamente para a outra margem. As embarcações mais interessantes que percorrem o rio, porém, são os que ostentam na proa, como se figurassem em perene cortejo carnavalesco, as mais exquisitas carantonhas. Esses bravos mascarados emprestam à paisagem tons originalíssimos, formando a encantadora aliança do pitoresco, do rude e do poético. Os habitantes das margens não ligam para aquelas carrancas que evocam seres misteriosos e apavorantes que povoavam, em tempos remotos, as profundidades da massa líquida... Os forasteiros, entretanto, não se cansam de, displicentemente, contemplá-los, analisá-los, procurando decifrar o enigma

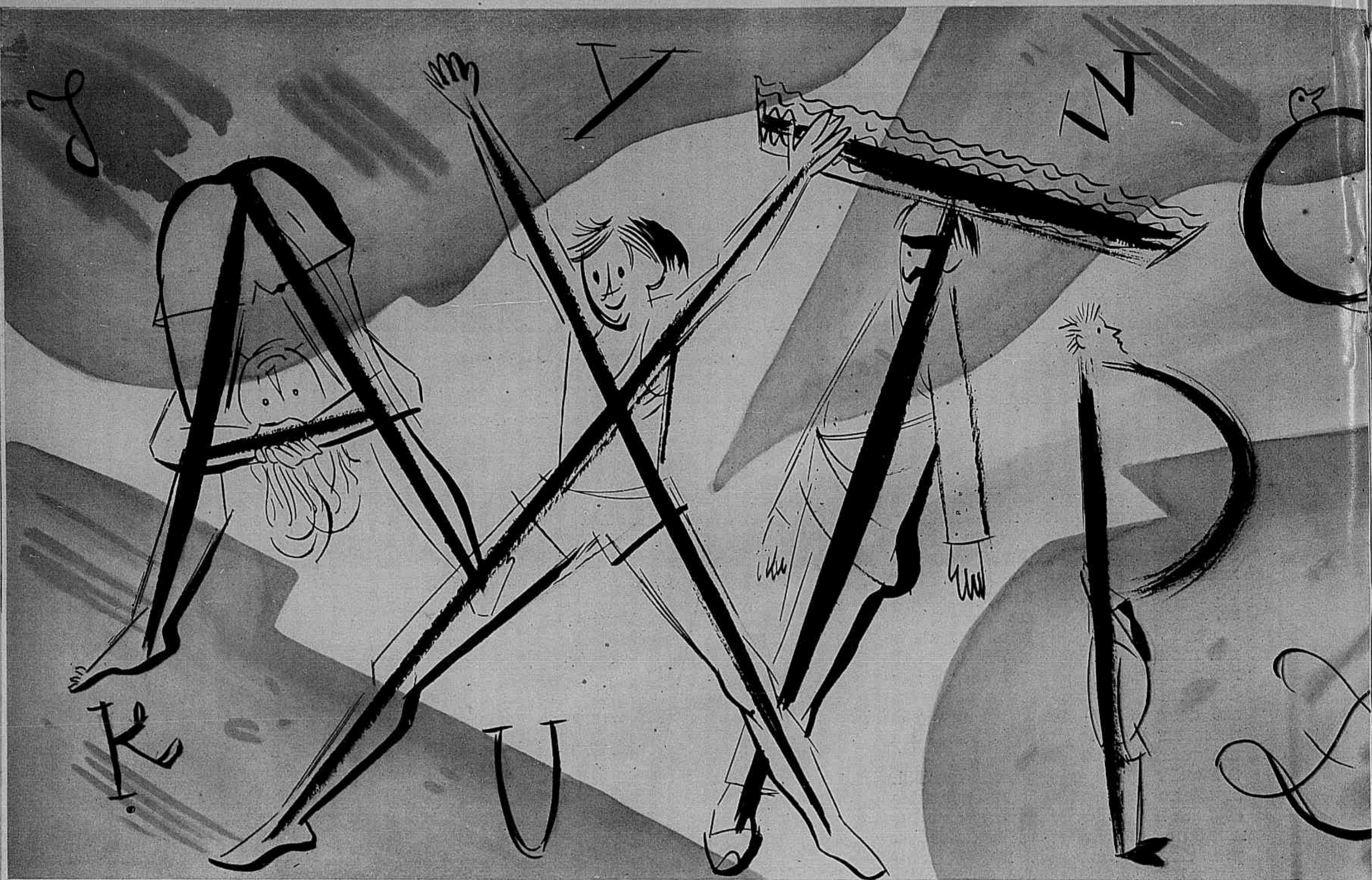
que os envolve... Umam parecem con-templar o céu, em sondagem profética... Outras perscrutam o fundo do rio... Algumas apresentam fisionomias humanas, expressando a melancolia, o temor a zombaria, pois estão com a língua de fóra ou têm os olhos distantes ou excessivamente dilatados...

Há também os que desafiam a argúcia dos observadores. São realmente indecifráveis.

Esse o rio que, constituindo para o país poderoso elemento de progresso, é também um dos pontos do nosso território mais atraentes, mais encantadores, mais cheios de ineditismo...



Os barcos parecem prontos para um cortejo carnavalesco.



Car le mot, qu'on le sach, est un être vivant", disse Vitor Hugo.

A palavra? E porque não a letra?

Sim, a letra é um ser vivo; ser de corpo e alma, corpo visível, alma sensível: forma e expressão. E como variam as letras de aspectos e de sentimentos!

Umás gordas, obesas como o O e o Q; outras magricelas, escanifradas, como o I. Simpáticas e antipáticas como o A e o X; modestas ou pedantes — exemplos: o T e o R; de entono orgulhoso, como o D, letra que parece trazer o rei na barriga; outras inquietas como o M, o N e o W, que é um M invertido, na posição em que segundo o testemunho de Louis Nohl, o grande Richard Wagner costumava ficar em momentos de alegria ou de entusiasmo; de cabeça no chão e pernas para o ar, batendo freneticamente com os pés.

Todas as letras têm o seu ar próprio, sisudo ou trocista, grave ou irônico.

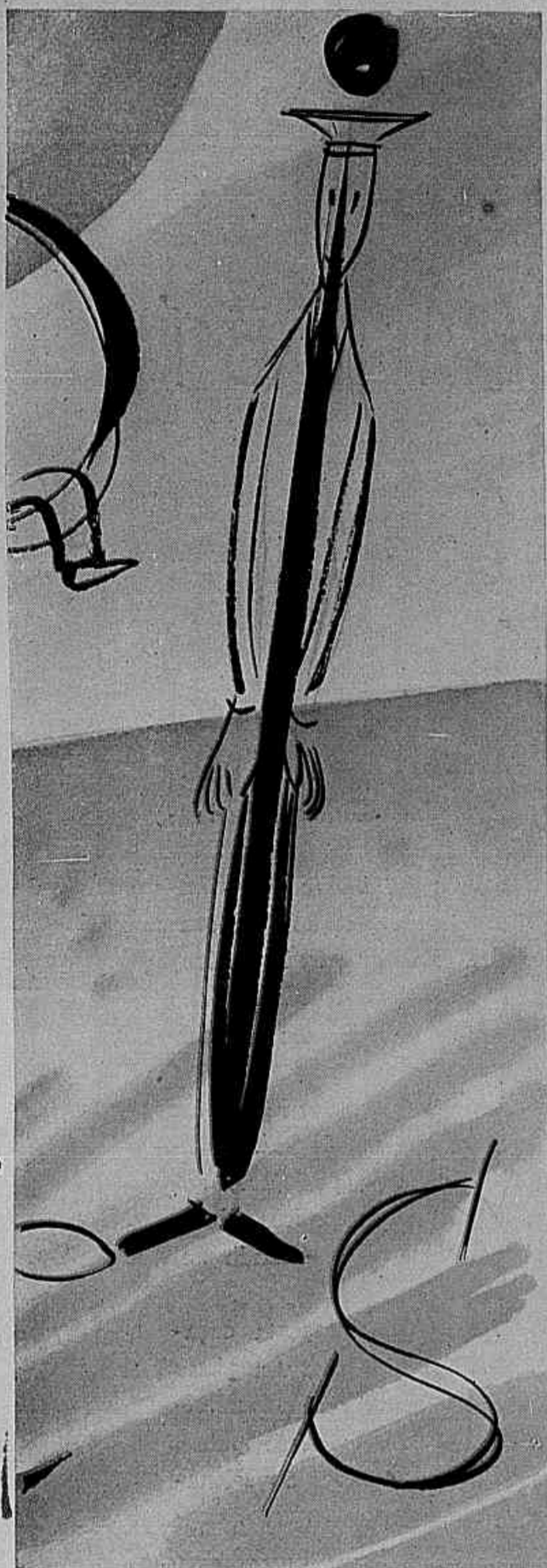
O A, por exemplo, é bem o figura de um garoto, de pernas

escarranchadas e mãos nos bolsos; o X é um atleta em exercício de ginastica sueca; o Y lembra um vendedor de melado e o T um quitandeiro de taboleiro à cabeça. O P é um pobre diabo vítima do "barbeiro", com um bócio monstro e o R, encachiado, como o peru de roda, enfuna o papo e arrasta a asa petulantemente.

Quando tentaram convencer Euclides da Cunha a abandonar os velhos moldes da escrita para adotar a reforma ortográfica proposta pela Academia, o inflexível autor d'"Os Sertões" negou-se, dizendo que não compreendia certas palavras senão como as aprendera e via grafadas nos livros dos velhos mestres.

"Na palavra kilometro, por exemplo... O K afigurava-se-lhe um corredor avançando a largas pernadas. E homem sem "h" seria magnifico para exercer cargo de confiança em serralho, mas nunca para representar o sexo viril".

As letras têm trajos de cerimônia e trajos ordinários, assim: ora aparecem em maiúsculas, ora em minúsculas, em redondo ou em grifo e nas grandes solenidades usam o gótico.



PAGINAS ANTIGAS

Quanto ao caráter — o A é franco, generoso; o I alegre; o S sibilino, dissimulado, maneiroso, cheio de circunlóquio; o R complicado, letra de rabulagem; o Z cumprimenteiro, bajulador, cheio de zig-zags, todo ele uma zumbaia; o U solene, sombrio, pachecal, letra que dá a impressão de andar no alfabeto de sobrecasaca e cartola... E por aí além. Faria obra interessante e útil quem se dedicasse no estudo da psicologia das letras.

Tal não é o meu intento nem eu me atreveria à obra de tanto alcance nos limites estreitos de uma crônica, que deve ser ligeira como o fumo de um cigarro.

Assim é que o fez com dois braços e duas mãos; duas pernas e dois pés; dois olhos, duas orelhas.

Há, é certo, unidades, que fazem, muito a contento, o seu ofício (algumas há até, que sendo "uma" valem por dez) mas já vieram assim da natureza. Também há palavras nas quais se não dobram letras e isso sem prejuízo da idéia e da expressão.

Ovo — tanto faz ter uma como duas gemas, sempre se há de escrever com um só "v", porque assim se escreve "ab ovo". Outras palavras, porém, não dispensam as letras duplas, como também perdem a feição e até a significação se lhes suprimirem as mudas.

E porque não de os filólogos guerrear as mudas? Os homens fundam e mantêm institutos para mudos e às letras mudas expulsam das palavras onde as coitadas vivem desde que vieram ao mundo, como as gerou a etimologia. Porque se há de fazer mal às míseras, quando a Câmara e o Senado estão cheios de figurões, mais silenciosos do que a deusa Tácita?

As letras têm razão: nasceram juntas, pois que assim fi-

PROTESTO DE LETRAS

COELHO NETO

Resolvi tomar hoje as letras para assunto destas colunas, porque sei que reina desgosto entre elas, ouço murmurações do alfabeto, nas quais distingo vozes de vogais e ronquejos de consoantes, acordes em protestar contra o que elas chamam o divórcio fonético ou processo do menor esforço, em benefício dos alunos das escolas primárias.

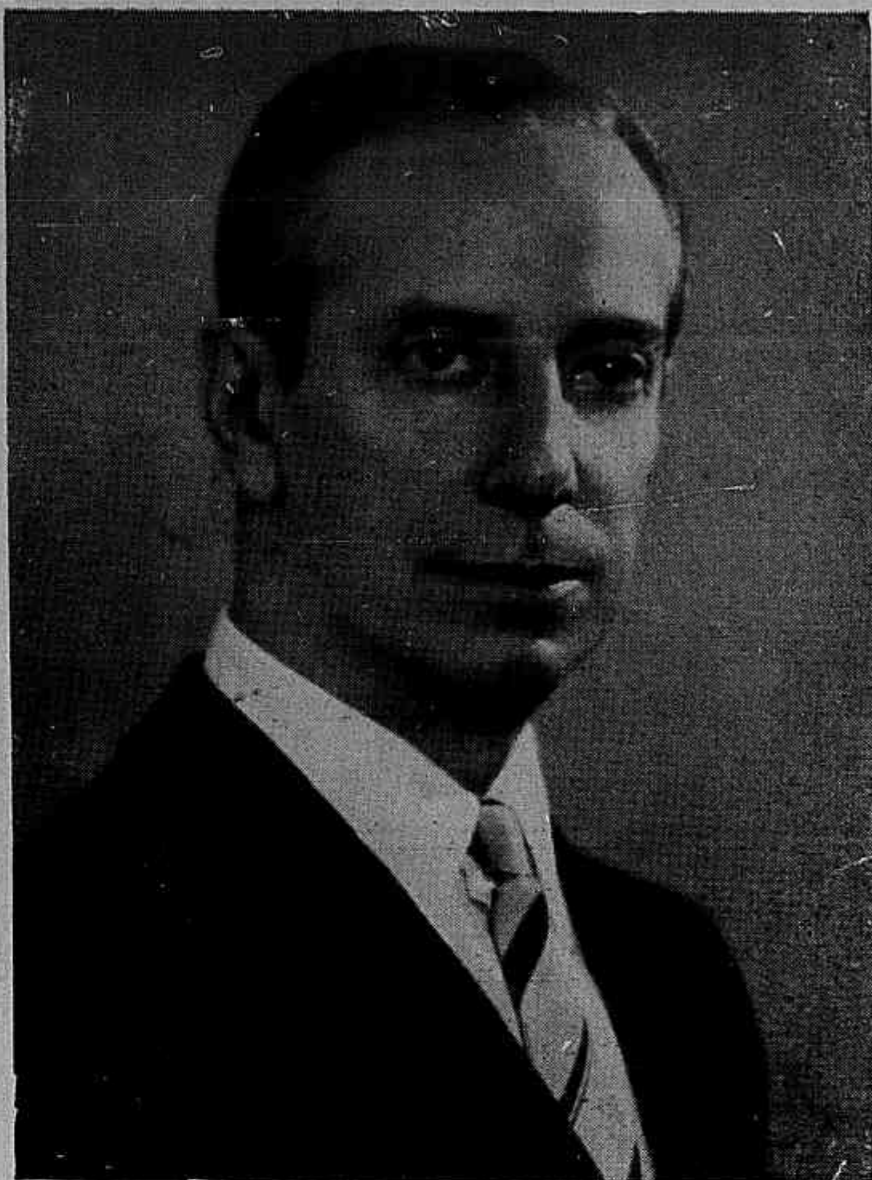
Alegam as letras que nas palavras em que aparecem geminadas e nas quais certos filósofos entendem dever intervir com ablativo simplificador, uma só letra, por mais que se esforce, não poderá produzir o som próprio da dita palavra. O carro que leva pêso para uma junta de bois não pode mover-se com um só boi.

Deus impoz o duplo dando ao homem quasi tudo aos pares.

quem. Operações de xifópagas são sempre perigosas, às vezes resulta da separação a morte dos dois entes e o mesmo pode acontecer à palavra em que entrar o bisturi do filólogo.

Quanto à supressão das mudas, para contrariar tal propósito, lembrares apenas o que disse Ruy, quando aqui andou mais acirrada a discussão da reforma ortográfica: "Voto contra, por muitas razões. Uma só, porém, bastava para que não concordasse com tal cacografia, e essa é a de não querer que, por omissão de um "h", a minha terra natal fique reduzida a um presepe.

Deixemos as coisas como estão. O melhor é não bulir, porque isso de protesto de letras é sempre perigoso.



Murilo Lavrador Presidente da Câmara do Distrito Federal.

O ORÇAMENTO PARA O DISTRITO FEDERAL EM 1951

COMO CRESCEU DE VULTO A RECEITA DA CIDADE DE 1900 A 1950

Um ano antes do término da Guerra do Paraguai, isto é, em 1869, apareceu no Rio o primeiro *bonde-de-burro*. E durante 22 anos o carioca só se locomoveu facilmente graças a esse meio barato de transporte. O primeiro bonde elétrico rodou pelas ruas da Cidade quando a República tinha dois anos, isto é, em 1891. Raia-va o Século XX, quando o Rio de Janeiro conheceu o primeiro automóvel. E depois da Primeira Grande Guerra, em 1920, surgiu o primeiro arranha-céu carioca, na Cinelândia. Hoje, isto é, 30 anos depois, a orla da praia, em Copacabana, quase só tem arranha-céus. Póde-se enquadrar a fase mais intensiva do progresso da Cidade, portanto, na primeira metade do século XX. Pelo vulto da receita do Distrito Federal, de dez em dez anos, através dos respectivos orçamentos, é possível fazer idéia bem exata do ritmo desse progresso:

| Ano | Cr\$ | Obs. |
|--------------|------------------|-------------|
| 1900 | 19.229.490,00 | Prorrogado) |
| 1910 | 28.323.085,00 | (Vetado) |
| 1920 | 53.805.602,50 | |
| 1930 | 200.448.500,00 | |
| 1940 | 442.545.500,00 | |
| 1950 | 2.796.650.000,00 | |

E o Orçamento para 1951? Esse ainda está sendo elaborado, pela Câmara do Distrito Federal. Encontra-se em fase preliminar de estudo. Está na Comissão de Economia e Finanças. Pouca gente imagina a tarefa intensa que constitui o estudo do andamento em sua fase preliminar. Apesar de estarem caminhando para as eleições, esses Vereadores são compelidos a passar quase o dia todo na Sala das Comissões da Câmara, às voltas com o estudo do orçamento da Cidade.

Como pontos principais no estudo da proposta para 1951, preocupa-se a Comissão, atualmente, em destacar dotações orçamentárias destinadas a atender aos problemas que mais afligem a população. Assim é, que, no tocante a subvenções e auxílios a instituições assistenciais em geral, que colaboram efetivamente com os poderes públicos nos setores em que desenvolvem suas atividades, houve a preocupação de manter as dotações vigentes no corrente exercício. Dentro das possibilidades orçamentárias, a contribuição dos cofres do Distrito Federal será dada a numerosos orfanatos, creches, asilos, maternidades, abrigos, estabelecimentos de ensino particular, entidades desportivas, etc. Ainda como contribuição pelo dignificante tra-

balho em prol do menor abandonado — problema crucial em todo o Brasil — foram destacadas dotações para as instituições que se dedicam ao amparo da infância desamparada.

As atividades agro-pecuárias e industriais correlatas no Distrito Federal continuam merecendo a atenção que lhes foi dispensada no Orçamento para 1950, com a renovação de dotações votadas no ano findo, que não hajam sido aplicadas pelo Executivo. A Câmara, apesar disso, não deixará de renová-las, pois as considerações essenciais ao desenvolvimento de atividades indispensáveis ao progresso da cidade.

No setor da educação, estão sendo previstas verbas que possibilitarão não só a construção de novas escolas, como a reforma, a ampliação e a manutenção dos já existentes.

No que diz respeito a saúde, está-se cogitando da previsão de numerário destinado ao desenvolvimento dos serviços médico-hospitalares, à construção de ambulatórios, hospitais, maternidades e o mais que possa concorrer para a solução parcial do sério problema hospitalar, pois é certo que a solução definitiva depende de que o Estado do Rio venha a possuir hospitais em quantidade suficiente, para evitar que doentes ali residentes se transfiram para o Distrito Federal à procura de tratamento adequado, agravando, assim, o problema na Capital. A parte do projeto de lei referente à Secretaria Geral de Viação e Obras também está merecendo acurado estudo. É de cerca de 220 milhões de cruzeiros a dotação prevista para a construção de estradas de rodagem, e de viadutos necessários à separação das correntes de tráfego nos pontos críticos de congestionamento, tais como em Madureira e no Meier.

Da mesma forma, prevê-se excepcional dotação para obras públicas em geral (pavimentação de ruas, canalização de águas pluviais, urbanização de áreas, etc.)

Para a reforma e a ampliação da rede de água e da rede de esgotos, medidas de há muito reclamadas, já se destinou vultosa dotação, de sorte a possibilitar o serviço de canalização de água para numerosos núcleos de densa população, ainda sem esse benefício, como os das favelas. Já que não é possível extingui-las, que pelo menos sejam melhoradas as condições de vida de seus habitantes. O problema das favelas só poderá ter solução quando, na esfera federal, forem adotadas medidas acatadoras dos interesses do homem do campo, auxiliando financeiramente os lavradores, de forma a impedi-los, pelo desinteresse, de procurar as grandes capitais, para conseguir o que a terra, embora bôa e duvidosa, não lhes pode dar, sem que seus empreendimentos sejam financiados. Sendo, até aqui, inevitável o êxodo das populações rurais, que se construam conjuntos residenciais em abundância, nesta Capital. Nesse sentido, já cogita a Comissão de Finanças de propor à Câmara o aumento da

dotação própria destinada ao Departamento de Habitação Popular.

Eis, em linhas gerais, pontos da maior importância para o Distrito Federal, cuja solução está sendo estudada na Câmara do Distrito Federal dentro das possibilidades orçamentárias. Muitos são os problemas, mas limitados os recursos do que dispõe o erário.

O Orçamento não é mero jogo aritmético; ele terá de refletir, além dos aspectos econômicos, financeiros e contábeis, os políticos, jurídicos, sociais e administrativos. É certo que muitos desses aspectos por vezes se intercomunicam, ficando um na dependência de outro.

O estudo, pelo órgão técnico, da proposta orçamentária, terá de obedecer, sobretudo, a um plano de trabalho, para ser executado durante o exercício a que se refira. Na organização desse plano, antes que o orçamento vá à deliberação do Plenário, todos os Vereadores já vêm colaborando, desde o início, com sugestões e emendas, procurando cumprir os programas dos partidos que representam e de que são porta-vozes no legislativo carioca. E a atuação do órgão especializado da Câmara não se adstringe à elaboração do plano, para submeter à Câmara; depois de convertido o plano em lei, e de executado, ele considera as contas dos agentes executores, através do estudo que submete à Câmara o Tribunal de Contas do Distrito Federal.

A tarefa é árdua e complexa, mas os Vereadores não esmorecem e o Povo poderá contar para 1951 com o Orçamento que reclamam as necessidades do Distrito Federal.

João Luiz Carvalho 1.º Secretário da Câmara do Distrito Federal.





Oswaldo de Souza e Silva, Presidente da A. A. B.

A NOVA DIRETORIA DA A. A. B.

A Associação dos Artistas Brasileiros, prestigiosa instituição de cultura que há mais de vinte anos vem desenvolvendo uma fecunda atividade em torno das artes plásticas, das letras e da música, no cumprimento de um vasto programa, acaba de eleger sua nova diretoria para o biênio 51-52. Foram reeleitos vários membros da atual diretoria ficando assim constituída:

Presidente:

Oswaldo de Souza e Silva

Vice-Presidentes:

Jarbas de Carvalho — Cezar Veiga
Odette Barcellos

Secretário Geral — C. Paula Barros.

Secretário — Jucyra A. Lima

Tesoureiro — Otto Sachs.

2.º Tesoureiro — Orvacio Santamarina

Bibliotecário — Carlos Maúl.

Diretor do Dep. Cultural — Celso Kelly.

Diretor do Dep. Artes Plásticas — Jordão de Oliveira

Diretor do Dep. Musica — Lubelia Brandão.

Diretor do Dep. Teatro — Renato Viana

Presidente do Conselho Geral — Raul Pedroza.

Secretário do Cons. Geral — Maria Margarida Soutel'lo.

Conselho Fiscal — Meira Pena.

Coriolano Teixeira — Jarbas Brasil de Moraes.

Setembro nos deu uma nota literária de realce, — o festival da poetisa e declamadora espanhola Amelia de la Sierra no "Teatro Copacabana" e após no "P. E. N. Clube". Em ambos, com elegância e emoção, ela recitou magníficos versos seus, e de festejados autores da sua terra natal. Acontece que Melle. Aurelia de la Sierra tem alma e sentimento, é conhecedora profunda da sua Arte, e maneja o verso com brilho e profundez. A nossa distinta hospede tem realizado, na Espanha, Argentina, no Uruguai, Chile e em outros Países, belos recitais com marcante êxito.



AURELIA DE LA SIERRA

POETISA E DECLAMADORA ESPANHOLA

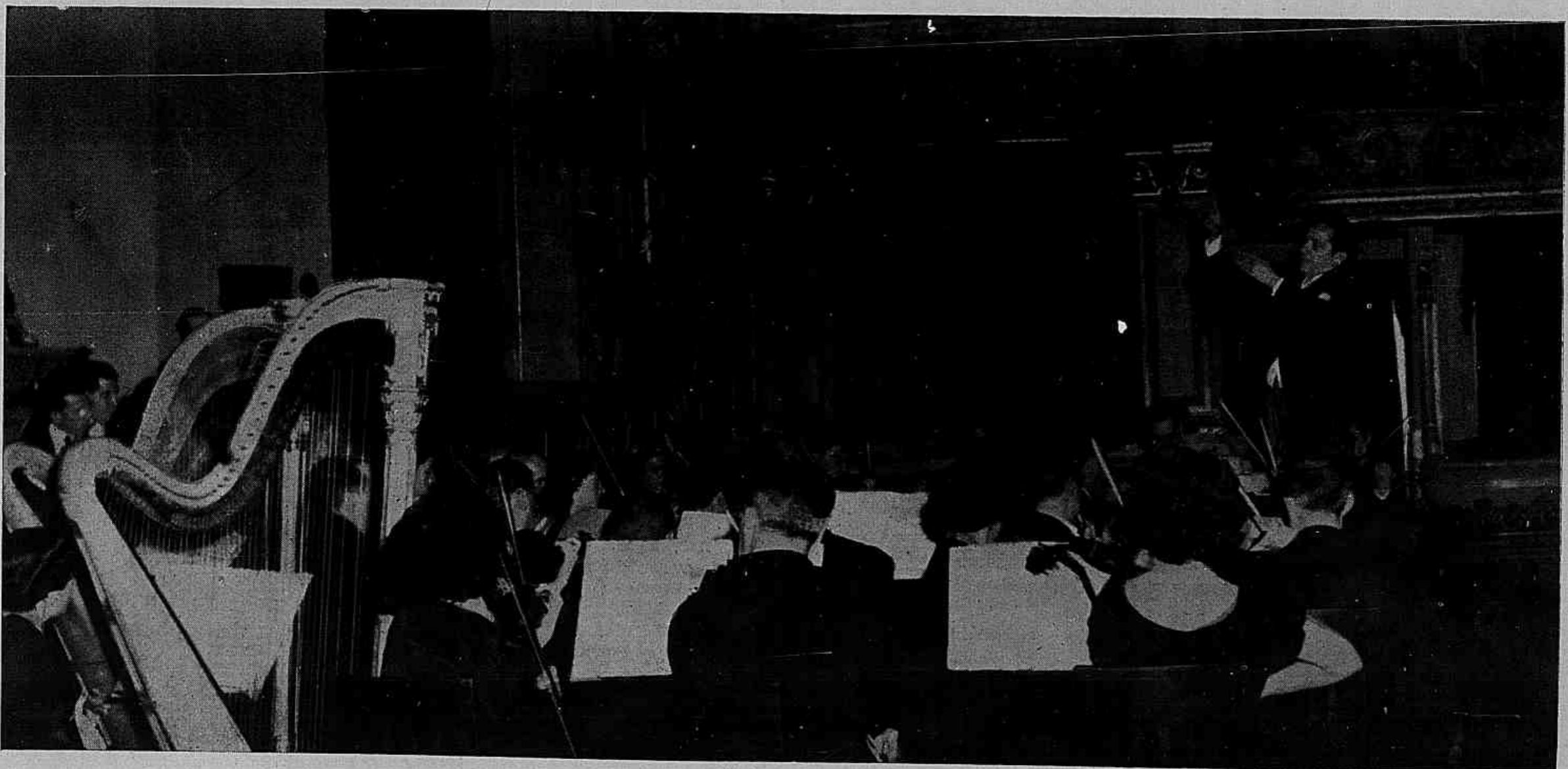
Quer no "Teatro Copacabana", quer no palco do festejado "P. E. N. Clube", a brilhante poetisa conseguiu um êxito incomum, tendo recebido numerosas palmas e pedidos de "bis", além de diversas e lindas "corbeilles".

Interpretou maravilhosamente os poetas Castellanos José Maria Gabriel y Galán, Juan Ramón Jiménez, José María Pemán, e Rosalina Coelho Lisboa, Manuel Rodrigues Cárdenas, Sforzina-Storni, Frederico Garcia Lorca e José Carlos de Luna, e seus próprios.

Houve uma interpretação pianística com Falla, Granados e Albéniz, que deu grande emotividade às declamações da bela artista. Uma das poesias recitadas mais lindas de Aurelia de la Sierra foi **Violeta**, aliás primeiro prêmio do Concurso Poético em Castilla dedicado **A la flor Natural**.

Foram duas festas da mais pura Arte que ofereceu a notável declamadora à plateia selecionada e brilhante do Rio de Janeiro, onde se viam os grandes nomes da nossa intelectualidade e da sociedade carioca.

R. A.



A primeira Audição de "ESCALA"

Eleazar de Carvalho regendo a orquestra Sinfonica Brasileira, programa do dia 23 de Setembro, no qual foi executado em primeira audição "Escalas", de Jacques Sbert, concerto realizado no Teatro Municipal com a presença do Embaixador da França.



J. Carlos, visto por Mendes

Quando o conheci, fiquei deveras constringido: alto, firme, de cabeça prateada, recebeu-me cortêsmente e, pela primeira vez, sentei-me a seu lado, naquêle sofá onde, mais tarde, teria, com o homem que havia de ser para mim o pai que o destino me arrancara aos oito anos, inúmeras conversas calmas e confortadoras.

Lembrei-me do dia em que — bastante trêmulo — fui pedir-lhe a mão de sua filha. Eu estava tão transtornado que adiantei-me de um dia e, como ele me fez observar, com aquêl sorriso bondoso, eu escolhera o 7 de Setembro para perder a minha liberdade! Cheguei lá, sentei-me a seu lado e comeci a tentar explicar o que me trazia ali: Ele, que já sabia de tudo, respondeu ao pedido que não conseguia fazer com aquela eterna compreensão da vida que sempre havia de demonstrar-me.

Convivi somente três anos com Jota Carlos e, entretanto, foi o suficiente para que o amasse e venerasse como se fôra meu pai.

Como explicarei a sensação de conforto, de alegria, de confiança que eu sentia ao lado d'êl?

Como contarei o prazer daquelas conversas repousadas, durante as quais surgiam, com uma facilidade que sempre me espantava, os seus famosos "mots d'esprit"?

Como poderei dizer a graça com a qual êle contava a última anedota?

Sómente quem o conheceu na intimidade, sómente quem desfrutou de sua companhia poderá avaliar o prazer de uma palestra com o Jota. Tudo o que contava tinha algo de irônico e mordaz que transformava numa história interessante e cintilante qualquer acontecimento banal, como uma viagem de bonde, uma discussão política, uma refeição no restaurante.

Como êle amava os seus, como os compreendia! Que retidão impecável e que grandeza de caráter! Um dos únicos homens que jamais aceitara algo de quem quer que seja a fim de conservar-se livre e independente. Possuía J. Carlos todos os elementos que formam o homem daquêl famoso poema de Kipling: bondade, cavalheirismo, compreensão, honestidade.

J. CARLOS

Poderia dizer aqui o artista que êle foi; mas deixo esta tarefa para outros, como Herman Lima ou Olegario Mariano, que foram seus companheiros e admiradores.

O que apenas quero tentar aqui, é dizer o J. Carlos da rua Jardim Botânico, o Jota daquela casa que êle amava e construira com tanto carinho. Ao lançar a primeira pedra, Jota, debaixo da mesma, colocara um lapis, já que, conforme dizia, naquêl lapis repousava verdadeiramente a construção. Fôra com o lapis que vivera e juntara, tostão por tostão, a soma que lhe permitia agora desfrutar o prazer de chegar em sua casa após os dias atarefados na "Caretá".

Quantas e quantas vezes êle me contou a história de sua vida, uma história digna, tôda cheia de sacrifícios e honestidade, desinterêsse e lealdade, injustiças e perseguições. O seu lapis era como êle: não admitia baixeza nem negócios. Por isso, êle castigava rudemente a politicagem baixa, e, por essa razão, tinha contra êle tôda a legião de homens de consciência pesada, apavorados pelos seus desenhos: "Il n'y a que le ridicule qui tue". Jota sabia disto, e as suas vítimas também.

"Para construir esta casa, comprar êsse terreno, muito antes dos atuais políticos, eu inventei e apliquei os seus tão falados planos quinquenais. Tudo aqui foi estudado, pesado e avaliado. Nisto tudo não entrou um objêto que não foi comprado com o trabalho de meu lapis".

São muitas as lembranças que poderia contar. O Jota amante do seu jardim. Muitas vezes o encontrei ali, limpando os alegretes do jardim, ajeitando as plantas, podendo cuidadosamente uma árvore em cujos galhos estava trepado. Protestava sempre contra os que paravam para olhar o seu trabalho: "Qual, seu Miguel, nem se pode trabalhar tranqüilo; sempre vem alguém que para e fica me examinando como se eu fôsse um fenômeno!" O Jota que, tôdas as sextas-feiras, ia escutar a PRK-30 e, todos os domingos, as piadas de Manduca. Jantava depressa, de olho no relógio, e, não raras vezes, era sentado no sofá, ao lado do rádio, que comia a sobremesa, apreciando as piadas quer com um sorriso divertido, quer com uma gostosa gargalhada.

O Jota avô, que saía com meus filhos e ia passear à beira da Lagôa; que voltava da cidade com um embrulhinho contendo o "jeep" ou a "rádio-patrolha" que os dois tinham pedido.

O Jota, enfim, aquêl homem tão humano, que nós todos amávamos; o homem que uma fatalidade injusta e brutal levou para sempre.

Não posso me convencer de que não mais o verei, de tarde, após o jantar, protestando contra isto ou aquilo, reclamando porque iam sair outra vez, em vez de ficar conversando com êle; porque uma das filhas dera gostosas gargalhadas! Não posso persuadir-me de que não estará mais ao meu lado, no carro, comentando: "Você já não guia mais como antes, já está correndo! Está com a loucura da velocidade!"

Êste era o J. Carlos que conheci, aquêl que tinha mais orgulho de sua força de vontade que de sua capacidade criadora e de sua inteligência, pois se estas eram grandes, aquela fôra fruto de sua perseverança. Contrariamente às idéias de hoje, julgava que cumprir o prometido era uma questão de honra pessoal acima de interêsse por valiosos que fôsem.

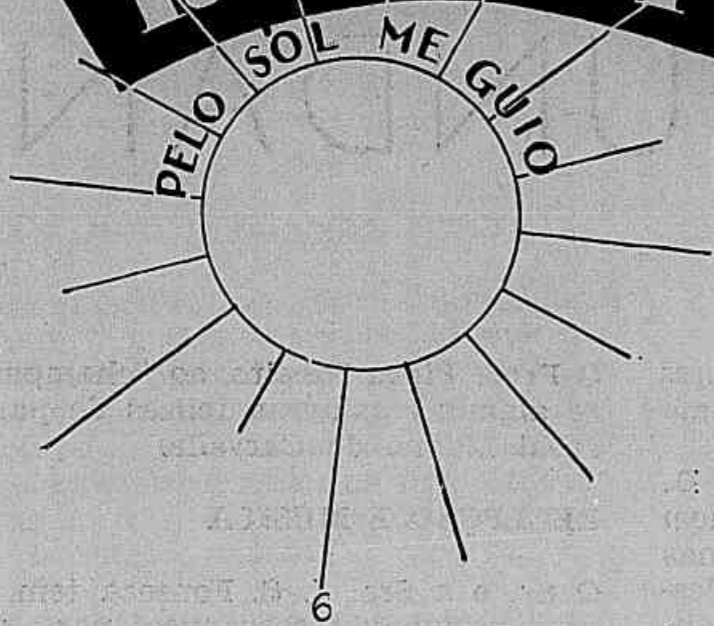
Em face do seu inesperado desaparecimento, só posso repetir as palavras que um suíço disse quando faleceu o Barão do Rio Branco: "Homens como êste não deviam morrer".

MIGUEL PARANHOS DO RIO BRANCO



"As Melindrosas"

BELOGIO DE SOL



Por VIOLETA DE ALCANTARA

A eleição do ilustre jornalista Elmano Cardim para a Academia Brasileira de Letras não foi apenas lisonjeira para ele, como se tem justamente observado, mas para todos aqueles que trabalham na Imprensa. Na Imprensa e pelo seu prestígio, aliás cada vez maior. E a recepção do novo acadêmico, no dia 29 de agosto e saudado por Levi Carneiro, não foi apenas uma solenidade, foi uma das grandes reuniões da Academia, tendo a presença do Chefe do Estado, numerosíssimos embaixadores estrangeiros e diplomatas nossos, a melhor gente do jornalismo e da sociedade — quantas figuras do mundo elegante escrevem hoje para os jornais do Brasil! — numa atmosfera especialmente requintada. Após os discursos e os cumprimentos na Casa de Machado de Assis, o diretor do "Jornal do Comércio" e a Sra. Elmano Cardim — personalidade vibrante, com notável espírito de "repartie" — receberam um grupo mais íntimo na sua residência da Avenida Portugal. — Um grupo íntimo, neste caso, continúa representando o que há de mais brilhante, sob diversos aspectos. — Enquanto era servido "champagne", conversava-se animadamente nos salões. Junto da mesa onde bailavam reflexos de ouro da finíssima baixela, ou juntos dos "buffets" tão elegantemente guarnecidos, conversavam, por exemplo, a Sra. E. G. Fontes — com uma grinalda famosa de pedrarias a ladear o decote do seu vestido sobrio — e o acadêmico Rodrigo Octavio Filho, a Sra. Elmano Cardim — muito bem, de branco e verde, modelo todo plissado — e o Prof. Aloysio de Castro, a Sra. Claudio de Souza e a Sra. Mario Simosen — ambas tão simpáticas na sua vivacidade para conversar — a Sra. Déa Cardim Corrêa do Lago, especialmente vinda ao Brasil para assistir à recepção de seu pae na Academia, o Embaixador da Espanha, a princesa de Brancovan, o acadêmico Claudio de Souza, para citar sómente alguns nomes. Lá estavam, naturalmente, os principais colaboradores do "Jornal do Comércio" que, se tal lhe permitisse a tradicional moderação, poderia mostrar-se verdadeiramente exultante, empregando algumas expressões invulgar entusiasmo.

✦ ✦ ✦

O Embaixador do Equador e a Sra. de Peñaherrera, antes de deixarem o Rio — o turbulento Rio pela serena Washington — ofereceram um "cock-tail" de despedida. "Just routine", poderia dizer um americano que não conhecesse os Peñaherrera e as amigas que fizeram entre nós. Mas, na realidade, uma tarde incomum na cronica das embaixadas, pois todos eram sinceros — sendo tão numerosos — em não gostar de razão pela qual esse "cock-tail" nos era dado. Mas, como prometeu o Embaixador na Academia Brasileira, durante o seu discurso — tratava-se de uma sessão do Instituto Brasil-Ecuador, assim imortalizado — ele e os seus virão um dia visitar-nos. Peregrino Jr. — o embaixador Peñaherrera fazia parte do seu grupo — e Raul Pedroza pareceram aprovar, como principais testemunhas.

✦ ✦ ✦

Donos de uma das mais bonitas, bem colocadas e tradicionais residências da cidade, o Sr. e a Sra. Alvim Menge quiseram também homenagear o casal de diplomatas que em outubro se despedia. E organizaram um dos "cock-tails" mais elegantes da temporada, uma reunião absolutamente encantadora. A Sra. Livia de Alvim Menge Stevens e seu marido — esse amavel James Stevens, perfeitamente ambientado no Rio — lá estavam também recebendo as dezenas de convidados que povoaram os salões da esplendida casa da Ladeira da Gloria.

Sergio Luiz Menge de Freitas resistiu às instancias dos amigos para que tocasse piano, mas em compensação, insistiu longamente com o seu amigo Jacques Klein para que não parasse de tocar!

(Continúa no fim do número)

A encantadora Sra. Fernando Caldas, pintada por Leopoldo Gottuso. Não podemos admirar nesta fotografia do quadro o raro tom da sua pele e dos seus olhos verdes, mas admiramos a finura dos seus traços, da sua expressão, da sua atitude elegante, que o pintor, justamente consagrado, realçou com o seu talento. Não há, neste trabalho de Gottuso — como nos seus quadros de flôres, nas suas paisagens — senão um sentido, que é o do sol, o da beleza. Beleza que tem alma — a que o pintor descobre nos modelos, o que empresta a uma rosa — e que não cansa nunca.



S O C I E D A D E

De um "Comme"

MUNDANO

EM PARÍS FALA-SE DO RIO

E, de vez em quando, publicam-se artigos sobre a vida carioca, sobre o progresso do interior do Brasil, a elegância da vida social no nosso meio e em S. Paulo. O Sr. Patrice Uberti, que me foi apresentado numa reunião em casa do Vice-consul da França e da Sra. de Quirielle, dedicou ao nosso país, através de jornaes parisienses, uma série de observações de rara justeza, de viva penetração e espirito sempre simpatico. Se elle escrevesse um livro sobre o Brasil faltariam leitores, creio, na França e entre nós.

UMA NOTAVEL CEIA

A ceia que ofereceram aos seus amigos, no dia do seu aniversario de casamento, o Sr. e a Sra. Magno de Carvalho, entusiasmou a todos os "gourmets" que se encontravam

entre os convidados. Tanto os apreciadores da qualidade como da quantidade tinham razões para estar encantados.

Professora de indumentaria historica, D. Sofia Jokim Magno de Carvalho, a quem frequentemente nos referimos nas páginas da "Ilustração", por causa das suas palestras sobre o assunto a que se dedicou, mantém na vida familiar as grandes tradições brasileiras de hospitalidade. Possuindo preciosas receitas de pratos nacionaes, sabe como realizá-las na perfeição e não tem preguiça de elaborar uma ceia como aquela. Além disso, tendo passado bastante tempo na Europa, conhece mil coisas importantes sobre a arte de preparar dezenas de iguarias cujo sabor equivale à beleza da sua apresentação.

Na atmosfera de cordialidade que é a atmosfera em que vive e presidia à sua festa, dezenas de figuras illustres se demoraram na sua residencia de Santa Teresa.

O Prof. Flexa Ribeiro, ao "champagne", disse algumas palavras felizes de parabens ao casal Magno de Carvalho

RECEPÇÃO E MÚSICA

O Sr. e a Sra. J. S. Fonseca tem, na Urca, uma esplendida casa, ideal para receber no estilo em que recebem. No grande "hall" para o qual abrem os salões de estar e de jantar e do qual parte uma elegante escadaria para o andar superior, os convidados podem sentar-se em volta do piano e, antes da ceia, ouvir música, excelentemente instalados. Na recepção que ofereceram dias antes de seguir para os Estados Unidos, tivemos o prazer de aplaudir a dona da casa em diversos numeros de canto — Rosita Fonseca estuda com Mathilde Bally — realmente magnificos, Maria Calazans em algumas finas interpretações da sua arte de pianista, e Jorge Bailly — que há dias realizou um concerto — cantando.

Em seguida, houve uma ceia de primeira ordem e depois, os convidados reclamaram da anfitriã novas canções, que ela interpretou com o brio e a doçura que a caracterizam.

EM HONRA DE PASTEUR VALLÉRY-RADOT

A Embaixada da França ofereceu um "cocktail" a que não pude, infelizmente, assistir. Mas as recepções do embaixador e da embaixatriz Arvengas já estabeleceram tradições de sucesso que não foram, certamente, desmentidas nessa tarde de setembro. O Prof. e a Sra. Pasteur Valléry - Radot devem ter apreciado vivamente essa homenagem.

ARTE E ELEGANCIA

A Sra. Tetrá de Teffé, como escritora e figura da nossa sociedade, reúne com discernimento as pessoas das suas relações no seu belo apartamento do Flamengo. Recentemente, convidou um grupo de senhoras para um chá e programa literario, estando presente sua cunhada, a espirituosa e amavel Sra. Fernando Nobre, da sociedade de S. Paulo. A illustre declamadora Margarida Lopes de Almeida interpretou poemas de Guerra Junqueiro, de Jacques Prévert — delicioso, aquele em que se explica a maneira de pintar "le portrait d'un oiseau" e tem tanta filosofia sob o seu arzinho de subtil pitoresco! — a anfitriã, não podendo resistir a insistencia dos convidados, disse, afinal, dois excelentes poemas seus, a Sra. Jaime de Barros disse versos sobre a saudade, a consagrada poetisa Beatrix dos Reis Carvalho fez-se ouvir na interpretação de um poema de inspiração encantadora e tocante. E a Sra. Alte. Jorge Dodsworth Martins — alguém disse, nessa tarde, "O sorriso de D. Risa", um poema que foi escrito no seu livro de autografos — demonstrou que o seu gosto pela poesia lhe permite "savoir par coeur" versos como aqueles de Guerra Junqueiro, que lhe ouvimos dizer, com excessivas desculpas de modéstia, caso em que tambem se encontrava a Sra. Jaime de Barros, de cuja voz e expressão as amigas tinham saudades bem autenticas. E assim, dizendo poemas e conversando, se passou a tarde num verdadeiro salão, com

A Sra. Van Pellinghen, esposa do conselheiro de Embaixada da Bélgica, pela pintora Irene Hamerlirck, pondo em realce toda a elegância do modelo.



a arte e a elegancia fazendo esquecer o temporal que sacudia as vidraças e despen-teava os arvoredos da cidade.

CHRISTIAN DIOR E JACQUES FATH...

... dominam a moda em Paris. Como deuses do "chic", ambos escrevem direito por linhas tortas e demonstram que um traço oblíquo pode ser a suprema expressão de um modelo correto, no momento. Dominando em Paris, ambos predominaram no desfile da Casa Canadá. Um desfile de meia estação, mas não de sucesso médio.

MAGDA TAGLIAFERRO NO MUNICIPAL

Admiravel, simplesmente admiravel, o concerto de Magdalena Tagliaferro no Municipal! Que Mozart, que Brahams! Ouvir Magda Tagliaferro é um privilégio para os que verdadeiramente sabem o que seja musica — ou pretendam vir a saber!

Vestida de azul, com o cabelo fulvo a destacar-se no fundo da cortina de veludo escuro, cercada de flores em diversos tons de vermelho, a pianista facilmente inspiraria um mestre da pintura que se encontrasse na sala. A Sra. Carlos Guinle, fiel ao seu interesse pela musica, estava na frisa que habitualmente ocupa, e ouvia com aquela atenção que revela o conhecimento. Michel Simon, recém-chegado da França, estava na platéia.

EM CASA DA SRA. MARY BORDINI

Um chá dos mais agradáveis, num ambiente dos mais simpáticos. Lâmpadas rosadas, bonitos e raros agapantos cor de rosa perto de uma poltrona de estófo do mesmo tom. A Sra. de Quirielle, esposa do Vice-consul da França, a Sra. Paulo Gagarin, a Sra. Comte. Mario Colazzo Pittaluga — com mais um dos seus notáveis, modelares modelos, e um fascinante chapéu vermelho — a Sra. Michel Kamenka, a pintora Maria Margarida — Sra. Soutelo, ouviram musica e poemas e trechos de uma peça de teatro e contos e crônicas, ouvindo a Sra. Lia Furta-do, a Sra. Mary Pucheu, a Sra. Fernanda Lopes de Almeida, a Sra. Violeta Telles Ribeiro e Lourdes Spinola.

Margarida Lopes de Almeida, que estava presente, recebeu novos cumprimentos pelo êxito do seu recital e a significação das homenagens que nessa ocasião lhe dedicaram. Maria Margarida, com um modelo de Lucile Manguin — vestido preto, manga-luva forrada de tecido listado — contribuía para o aspeto decorativo do salão da Sra. Mary Bordini. A loiríssima Sra. de Quirielle estava muito bem no seu conjunto sobrio. E o tempo que passou, passou inteiramente despercebido!

O CONCERTO DE LÉA BACH

A famosa artista Léa Bach — uma das raras grandes harpistas do mundo — foi recentemente aplaudida num interessantíssimo concerto da série oficial da Escola Nacional de Musica. A sala estava cheia de personalidades de destaque — musicos, escritores, diplomatas — e junto desse maravilhoso instrumento que é uma harpa — maravilhoso para se ouvir e para se ver — as flores das "corbeilles" pareciam inclinar-se para as longas cordas de ouro como se esperassem delas um apoio para subir ao encontro de uma invejável claridade espiritual. E Léa Bach — de traços tão celebres, através dos seus retratos por grandes pintores e notáveis fotografos — tocava nessas cordas de ouro com dedos magicos.

Precisamos ouvi-la mais vezes, muito mais vezes!



A pintora, o retrato e o modelo — Irene Hamerlinck, artista belga de valôr, aplaudida conferencista, o retrato da encantadora Sra. Francisco de Souza Brasil e ela mesma, no salão da A. B. I., durante a interessantíssima exposição patrocinada pelo Embaixador da Bélgica.

UMA REUNIAO ENCANTADORA

Em casa dos Murat do Pillar, que recentemente descrevi nestas páginas, houve uma reunião íntima, com a presença de várias figuras da sociedade do Rio, de alguns aristocratas europeus que se fixaram entre nós, diplomatas, intelectuaes, conversando-se animadamente nas salas arrumadas com gosto. Encontrando-os, dias depois, no "cock-tail" do Sr. e da Sra. Willibald "von" Mikovényi de Breznobánya, comentou-se a conversa divertida e variada dessa noite.

JANTAR EM HONRA DO ACADEMICO ELMANO CARDIM

O escritor Christovam de Camargo — que tem a sua residencia em Buenos Aires, mas passa longa temporadas no Rio — ofereceu há dias um jantar no seu palacete nas Laranjeiras, em honra do novo academico Elmano Cardim e sua esposa.

A filha do anfitrião e seu genro, quer dizer o Sr. e a Sra. Fernando Cavalcanti, ajudaram a receber os convidados, entre os quaes se encontravam o Ministro Lafayette de Andrade e Sra., o academico Levi Carneiro e Sra., o Prof. Antonio Austregésilo, o diretor da "Ilustração Brasileira" e a Sra. Oswaldo de Souza e Silva, o academico Prof. Aloysio de Castro e Senhorinha Helena Shalders.

A Sra. Sonia de Camargo Cavalcanti é uma personalidade cativante, e declamou com igual felicidade poemas em francês, espanhol e português.

O SR. E A SRA. PAULO GAGARIN RECEBEM AS QUARTAS FEIRAS

Durante muito tempo, o pintor Paulo Gagarin e sua esposa tiveram um dia da semana, tradicionalmente guardado, para receber os seus inumeros amigos. Renovaram agora esse costume, ficando em casa às quartas feiras, depois das 9 da noite. Coincidiu com uma dessas quartas feiras, em outubro, o aniversário de seu filho, Igor Paulo, e cerca de 50 pessoas estiveram na residencia de São Clemente para lhes dar parabens. Guarne-cida com admiraveis quadros de paisagem do dono e muitos objetos de arte, essa residencia é inconfundível e tem recebido a visita de centenas de personalidades eminentes. Os jantares dos Gagarin — pequenos grandes jantares — costumavam ser, também, de um estilo invulgar, e as suas quartas feiras contam com muitos elementos de atração.

FILMS FRANCESES

O Secretario de Embaixada da França e a Sra. Eugène Wernert convidaram um grupo de pessoas de suas relações para assistir à passagem de alguns films do seu paiz. O Sr. Eugène Wernert encarrega-se especialmente dos assuntos da imprensa na Embai-

xada da França, e tanto êle como sua esposa agradam às amigadas brasileiras pela afabilidade não banal do seu modo de ser.

UM ANIVERSARIO

O aniversário do Sr. Pytkowicz, em outubro, foi comemorado com uma recepção que a Sra. Nadia Pytkowicz ofereceu a um grande numero de amigos, no seu apartamento em que se admiram tantos quadros de autores célebres.

Se fosse possível, neste numero, citar os nomes dos convidados, seria uma longa lista, significativa de muitas presenças brilhantes, literaria e socialmente falando.

"CROQUIS"

Dois modelos de chapéus em que a subtletia dos creadores da moda se revela — no primeiro, um tufo de recortes de organdi branco, lembrando finas plumas, no segun-

do, um tufo de plumas longas e finas, muito alvas, tendo a frescura do organdi, até agora inimitável!

E que dizer de um chapéu de linha chinesa, guarnecido de arminhos que, na realidade, são plumas? Um chapéu da Sra. Zuleika Nobrega, outro da Sra. Branca Martins Sampaio, e o terceiro da Sra. Clotilde de Mello Vianna.

* * *

Num "cock-tail", a Sra. Déa Cardim — cabelo prateado, com reflexos rosados, grande gola de "renards argentés" bem claros. Um conjunto realmente finissimo.

* * *

UMA PALESTRA DO EMBAIXADOR BARROS PIMENTEL

Fazendo parte do programa de um recital de caridade do pianista Turcinsky, notavel co-

necedor da obra de Chopin, havia, uma conferencia desse antigo diplomata, que é uma figura das mais ricas de vivacidade no nosso meio social. Mas eu não pude estar entre os que lhe deram os seus aplausos.

OS MIKOVENYI DE BREZNOBANYA E O SEU "COCK-TAIL"...

... merecem um comentario detalhado, que lhes consagrarei num próximo numero.

Tendo tido a presença do principe D. Pedro Henrique e da princesa D. Maria de Orléans e Bragança, do principe e da princesa Olgierd Czartoryski — nascida arqui-duquesa da Austria—parece-me digno de uma descrição que defina o seu caracter e o seu encanto.

O MINISTRO E A SRA. BUENO DO PRADO...

... que ofereceram em setembro, um "cock-tail" intimo, a que me referi o mês passado, são dessas personalidades logo admiradas pela excepcional finura, quando as conhecemos. E o seu modo de receber corresponde exatamente ao seu aspecto, como disse, há dias, ao embaixador Barros Pimentel, recordando os momentos que passei no apartamento em que moram, e onde todos os convidados se harmonisavam tão bem com o ambiente. A Sra. Bueno do Prado tem um olhar e um sorriso atraentissimos, e representa o Brasil com distinção e graça, conjunto ideal no meio diplomatico.

EM CASA DO ACADEMICO CLAUDIO DE SOUZA

No dia 20 de outubro — que aliás os seus amigos se habituaram a festejar — o Sr. e a Sra. Claudio de Souza ofereceram uma reunião em honra do Vice-presidente do F. E. N. Club de New York em visita ao Brasil. Noutro numero — pois este já estava concluído nessa data — falarei dessa recepção do ilustre escritor.

UM PINTOR INGLÊS NO RIO

Encontra-se no Rio o notavel artista Kenneth Green, que veio conhecer o nosso paiz, e está pintando retratos de diversas personalidades brasileiras, segundo me contaram. Muitos dos seus trabalhos se encontram em famosas galerias da Europa.

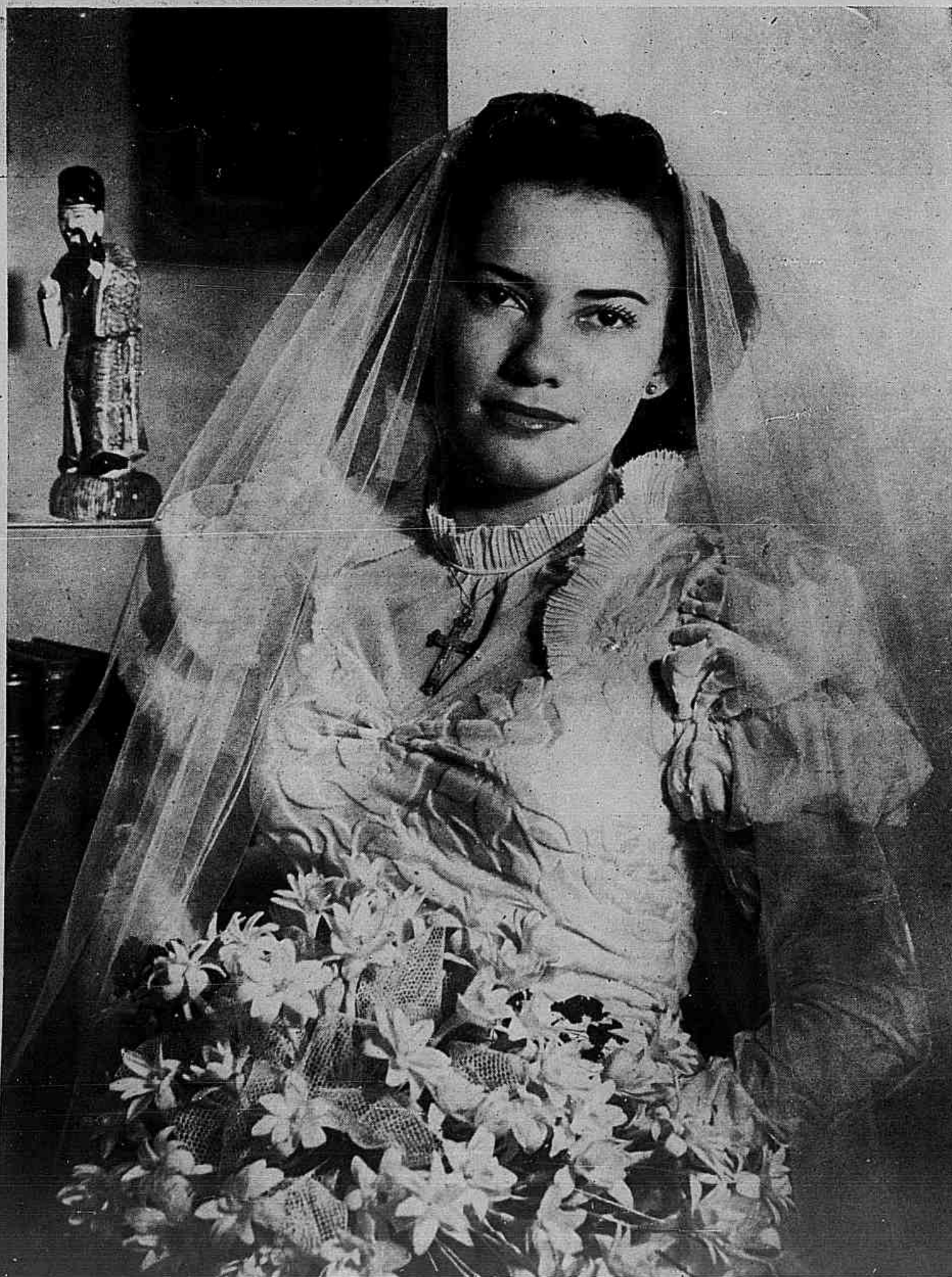
CONFERENCIAS SOBRE GUERRA JUNQUEIRO

No Gabinete Português de Leitura — de tão belas tradições luso-brasileiras — o conhecido jornalista Paulo Tacla realizou uma palestra sob o titulo de "Guerra Junqueiro e o Brasil". Estudando aspectos incomuns da vida do extraordinario poeta de "Os Simples", esse jornalista que bem recentemente foi um dos principais animadores de uma grande homenagem à nossa mais admiravel interprete da poesia — Margarida Lopes de Almeida — conseguiu despertar muito interesse.

No Liceu Literario Português, o poeta Afonso Lopes de Almeida — que é, além de um verdadeiro grande poeta, um conferencista que tem o dom de emocionar o auditorio com o vigor e a sinceridade das suas expressões — dedicou uma hora de palestra sobre Guerra Junqueiro ao Instituto de Estudos Portugueses Afranio Peixoto.

Ambas as palestras foram ilustradas por alguns poemas de Guerra Junqueiro na interpretação incomparavel de Margarida Lopes de Almeida.

A Sta. Elsa Dantas no dia do seu casamento com o Sr. José Augusto Dias Netto. A cerimônia religiosa foi celebrada na Igreja de São Paulo Apostolo, em Copacabana, e esta feliz fotografia da noiva por Stefan Rosembauer foi feita em casa de seus pais, Comte, e Sra. Dr. Olavo Dantas, onde numerosos convidados se reuniram, para uma taça de "champaigne". (Foto Rosembauer).





À esquerda da foto, reconhecemos a princesa D. Fatima de Orleans e Bragança, cuja presença no baile foi um dos seus motivos de beleza.



Nesta expressiva foto, vemos da direita para a esquerda, o embaixador da Grã Bretanha, "Sir" Neville Butler, conversando com o embaixador conde de Casa Rojas, o duque de Alba, o escritor Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira e o ministro da Educação, Prof. Pedro Calmon.

Baile na Embaixada da Espanha em honra do Duque de Alba

O embaixador espanhol, conde de Casa Rojas, e sua filha, a princesa Vitoria de Brancovan, ofereceram um baile em honra do duque de Alba, cuja visita deixou gratas impressões no nosso mundo social.



Conversando com um brilhante grupo, vemos o Sr. Carlos Güinle



Da direita para a esquerda, a Sra. Austregesilo de Athayde, a Sra. Levi Carneiro e a Sra. Violeta de Alcantara Carreira Török.

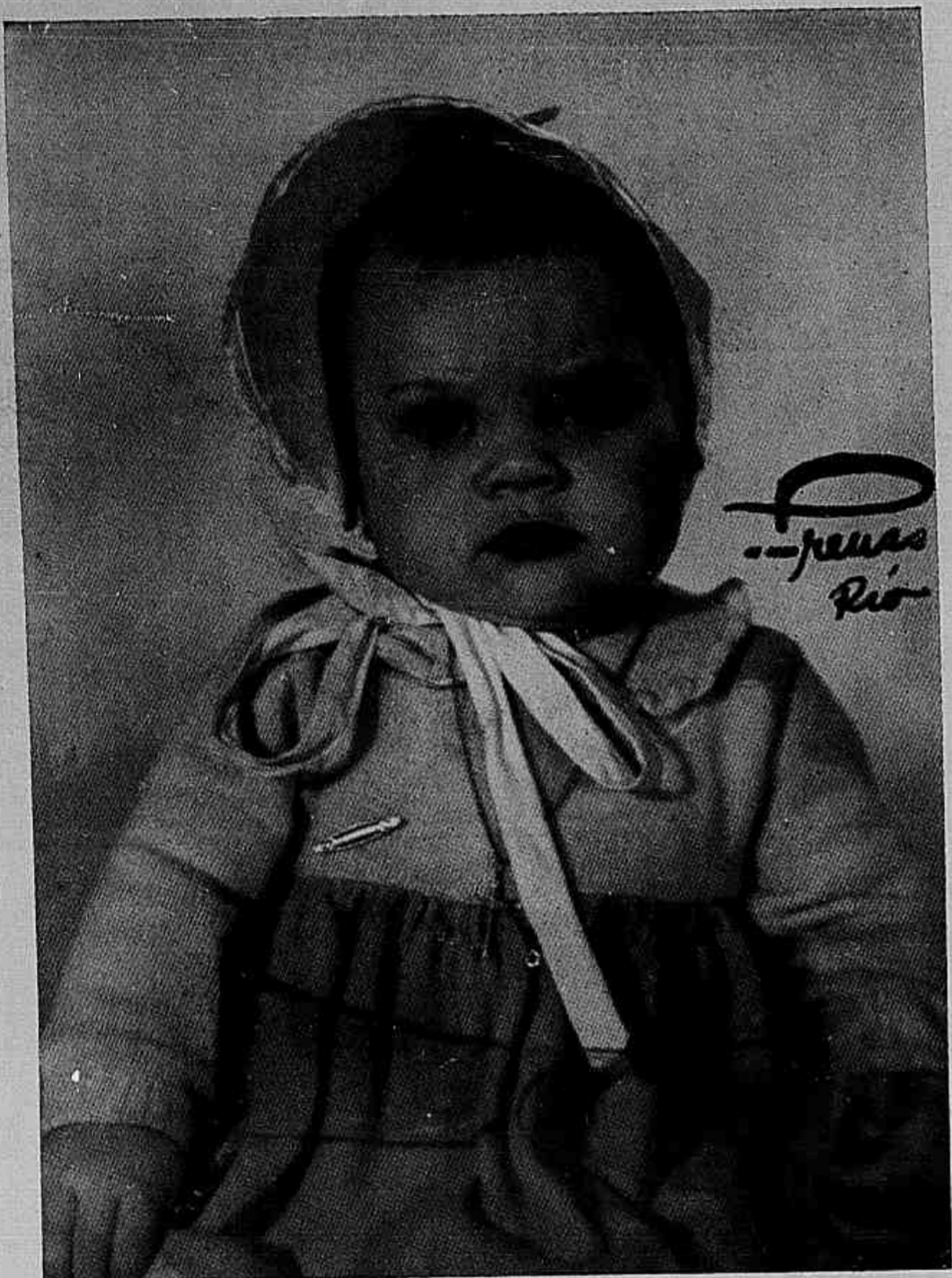
Neste outra foto tão espontânea, admiramos duas elegantes silhuetas. A Sra. Mercedes Roses y Rigalt, com a sua mantilha branca, era um quadro de mestre espanhol, no baile em honra do duque de Alba. Um desses quadros vivos que a beleza, o bom gosto e o amor das tradições, permitem, às vezes, criar fóra das telas, na moldura vasta dos salões.



O vice-almirante Ayres da Fonseca Costa, ao centro de um grupo encantador, posou para o nosso fotógrafo. É o que se poderia chamar de "pôse" sem pôse.

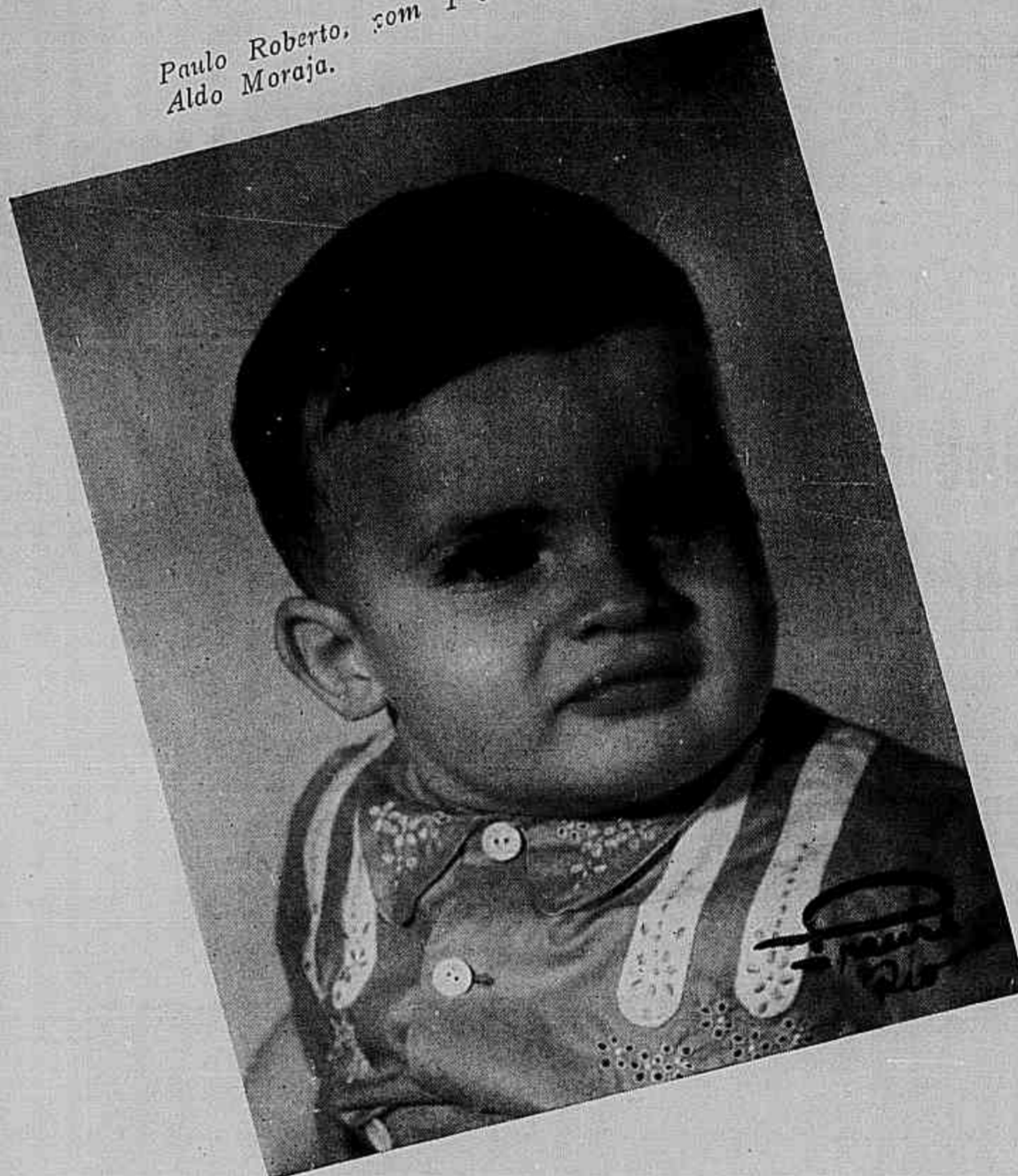


IMAGENS DO FUTURO



Iara, com 7 meses, filha do casal Heitor Teixeira.

Paulo Roberto, com 1 ano, filho do casal Aldo Moraja.



Regina com 15 meses, filha do casal Decoroso De Julio.

Roberto, com 10 anos, filho do casal Adeline Rodrigues de Barros.



FOTOGRAFIAS TIRADAS
NOS STUDIOS DE

FOTO PREUSS

(SÓ CRIANÇAS)
RIO — NITERÓI

Ilustração Literária

O TUMULO DO PENSAMENTO

No seu retiro de misantropo em Val-de-Lobos, um dia, Alexandre Herculano entendeu de escrever que a lingua portugueza era o "túmulo do pensamento". O amargo novelista de "Eurico" traduzia, nesse conceito, a ingenidade dos espiritos que acreditam demasiadamente no interesse que o mundo possa ter pelo que fazem os outros, cada qual no seu canto do planeta lidando com o seu idioma e com ele fixando aspectos da vida e dos costumes do respectivo povo. Aliás vinha-lhe a ilusão dessa universalidade dos livros francezes que chegavam a Portugal onde sempre havia, como em toda a parte, meia duzia de criaturas capazes de decifrar as obras da terra de Racine. E porque esses privilegiados penetravam o segredo das idéias francezas, Herculano, por antagonismo, concluia que os escritos lusitanos não podiam ter a mesma fortuna, uma vez Camões não saíra de suas fronteiras... Pensarão, acaso, os chineses que os seus hieroglifos sepultam as manifestações de sua intelligência, só porque fóra de seus muros ninguem os compreende? Deixaram os árabes de representar no papel os seus sentimentos, porque no Ocidente são desconhecidos os seus caracteres? Evidentemente nunca lhes passou pela cabeça o cuidado de que no resto do globo se cogitasse de seus talentos literários, da sua ciência, da sua arte, e nem por isso deixaram de produzir cousas fascinantes para o seu deleite. A expressão de Herculano reflete apenas o seu pessimismo e um mesquinho ponto de vista em relação à grandeza da patria. Para quem mais queria ele escrever senão para os de sua grei, para os que dispunham de receptividade para senti-lo e acompanhá-lo no ritmo de seus entusiasmos ou de seus desánimos? Durante anos sucessivos centenas de milhares de portuguezes leram as suas páginas, amaram as personagens de seus romances, porque neles cada um encontrava um pedaço de sua própria alma, um quadro familiar, uma cena domestica de seu conhecimento. E que túmulo é esse, em que através dos seculos os pensamentos palpitam num idioma opulento de vozes de todas as tonalidades, flexível, musical, simultaneamente rude e doce, a cujas seduções habituamos o ouvido desde o berço? Linguas mortas chamamos ao grego e ao latim, e no entanto aprendemo-los ainda, neles procuramos os étimos do nosso vocabulário, neles buscamos a beleza dos clássicos, a graça dos modelos para a escultura verbal dos nossos sonhos. Nem as civilizações que sucumbiram sob a pata dos bárbaros desapareceram totalmente do universo, porque delas ficou, na palavra dos documentos impereciveis, a sua lembrança...

CARLOS MAUL

O "DIÁRIO DE HUMBERTO DE CAMPO

Agitam-se no momento os meios intelectuais em torno da publicação do "Diário" de Humberto de Campos, obra postuma que esteve guardada, a pedido do escritor, na Academia Brasileira e por esta entregue à familia no prazo marcado pelo finado. E' que um dos herdeiros se insurgiu contra a divulgação do que se lhe afigurou prejudicial à memoria de Humberto e ofensiva à dignidade de pessoas vivas e mortas, citadas no livro de forma pouco amavel. Agora, em nome da maioria dos detentores dos direitos autorais e filho de Humberto de Campos assegura que de qualquer maneira o volume saíra, e ainda este ano. Quem se julgar ferido, acrescenta ele, que processe o autor falecido... Estamos, sem duvida, em face de uma propaganda habilmente conduzida para dar à questao um aspecto de escandalo, de que resultará um evidente sucesso de livraria, cousa que os interessados devem ter em mira acima de tudo. O rumor produzido já representa muito para o êxito desejado. E no fim, o mais curioso há de ser se a obra nada tem de extraordinário no capitulo das revelações que Humberto de Campos reservou para dezasseis depois da sua morte. Convem não esquecer que o ensaista de "Carvalhos roseiras" era também o Conselheiro XX de uma dezena de livros humoristicos...

"LETRAS FLUMINENSES"

Por iniciativa de Luiz Magalhães, tem o Estado do Rio um periodico exclusivamente de literatura: "Letras Fluminenses". Dele já apareceram varios numeros, todos eles de boa feitura e abundante e escolhida colaboração. Os grandes nomes do Estado e que são também personalidades de relevo e projeção no cenario brasileiro, fulguram nessas paginas em que se reflete o pensamento da velha provincia. O empreendimento é dos que merecem aplausos e estímulos, porque representa um nobre esforço para o desenvolvimento da cultura e se mostra em condições de vencer magnificamente.

"FATORES ADVERSOS DA FORMAÇÃO BRASILEIRA"

Com este titulo e o sub-titulo de "explicação dos males atuais" o pensador Eudoro L. Berlinck acaba de publicar um livro digno de meditação. Na dedicatória a Tavares Bastos e a Manuel Bomfim o autor já define as suas tendencias de critico da Historia do Brasil, porque esses dois altos cumes da nossa intelligencia deixaram uma



CANTO DE GLÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO — Da direita para a esquerda desta foto, que foi tirada no dia da inauguração da placa de bronze com um poema de Oliveira Ribeiro Neto no pátio da Faculdade de Direito de S. Paulo, por iniciativa do Centro Acadêmico 11 de Agosto Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, Dr. Lucio Cintra do Prado, Presidente da Associação de antigos alunos da Faculdade de Direito — o Dr. Oliveira Ribeiro Neto — o estudante Mario Leite, que dirige o Departamento Cultural do Centro, e Soares Amora, o representante da Reitoria. Em primeiro plano, a ilustre declamadora Margarida Lopes de Almeida, que participou da solenidade da inauguração, dizendo versos de poetas que estudaram naquela tradicional Faculdade.

obra profunda e vasta em que nada se perde de uma observação dos fenômenos da nossa formação nacional. Os problemas que ambos focalizaram, o primeiro com espírito construtivo, sugerindo iniciativas e rasgando itinerários, o segundo aplicando vesicatórios e corrigindo erros históricos, num trabalho imenso e hercúleo de pesquisa, continuam a desafiar os analistas e o garimpeiros da verdade. E é um dos que se apresentam com mais autoridade o autor desse volume admirável e vigoroso. O seu conteúdo abre clareiras no escuro dos assuntos relativos ao nosso passado e nos aponta, à luz de documentos insofismáveis, as causas de muito equívoco e de muito passo em falso dos nossos estadistas que governam de costas para o Brasil. Para se ter uma idéia da importância desse livro basta indicar a sua matéria: Antecedentes, Idade Média e Formação de Portugal. Os fatores adversos: Escola das Índias, Brasil, Empresa Real, Escola de governantes, Opressão econômica, Opressão política, Entreátio. Contraste com a colonização americana, Escravidão, Brasil Império, Consequências: Dispersão da população. A tragédia da instrução pública.

UM INEDITO DE TASSO FRAGOSO

O general Tasso Fragoso foi um escritor fecundo e operoso. Publicou em vida obras de história militar das melhores da nossa literatura do gênero, entre elas a "Guerra da Triplice Aliança" e "A batalha do Passo do Rosario" cujas reedições se ultimam promovidas pela Biblioteca do Exército. Além dessas aparecerá também a que o ilustre brasileiro deixou inédita sobre os franceses no Rio de Janeiro. É um livro destinado a grande repercussão, porque é baseado em documentos desconhecidos.

MAIS UMA TRADUÇÃO DE ROSTAND

As principais obras de Edmond Rostand eram conhecidas no Brasil através das magníficas traduções de Carlos Portocarreiro, um verdadeiro mestre no gênero. O "Cyrano de Bergerac", "A Samaritana", o "Aiglon", entre outras, foram postas em verso brasileiro admiravelmente pelo tradutor patricio. Agora anuncia-se uma nova versão dessa última peça com o título de "O filho da Águia" devida a um escritor novo, Gilberto Bacelar.

CONFERENCIAS SOBRE JUNQUEIRO

O Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto iniciou uma série de conferências sobre a personalidade e a obra do grande poeta de "Os simples". Vários escritores já se apresentaram ao público focalizando o assunto, e o mais recente deles foi Afonso Lopes de Almeida que encantou o auditorio com uma palestra erudita e brilhante em que examinou a figura do extraordinário vate com brilho e originalidade.

JEAN AUBRY E AS TRADUÇÕES

O escritor francês Jean Aubry traduziu várias obras do inglês. Referiu-se ele em carta a Joseph Conrad às traduções em geral e salientou que na sua maior parte eram péssimas. Aliás, na sua opinião isso acontecia porque os editores pagavam mal esse serviço e naturalmente não encontravam gente à altura das responsabilidades da tarefa. Se ele pudesse ler as traduções que se publicam no Brasil ficaria assombrado diante das monstruosidades que andam por aí em letra de forma atribuídas a autores famosos...

PREVIDÊNCIA MODERNA

Nenhuma forma de previdência individual ou coletiva conseguiu ainda suplantar o seguro. Não é necessário tomar ares de profeta para dizer que tal fato jamais se dará, pois, o seguro modernamente acompanha o progresso, ora amparando-o e protegendo-o, ora impulsionando-o e apresentando-lhe a marcha. O seguro está prêso aos destinos da humanidade e, desse modo, segui-la-á na ascensão ou na decadência. O seguro é a forma ideal de proteção tanto para o homem como para o seu labor, e, ao invés de ter sido o produto de tentativas e da experiência de vários séculos, apresentou-se na mais remota antiguidade. Inicialmente, era adstrito apenas à cobertura de riscos marítimos, mais tarde estender-se à vida humana e aos riscos de fogo, para não falar senão nos ramos mais importantes. O seguro marítimo era conhecido dos hebreus, segundo referências do vetusto Talmud da Babilônia; o seguro de vida, alguns historiadores foram buscar-lhe as raízes na antiga Roma, nas associações funerárias: do seguro incêndio temos notícias de seu aparecimento na Idade Média.

A medida que avançam os anos, essas formas primitivas do seguro iam-se desenvolvendo e ganhando aperfeiçoamentos ditados pela experiência. Começaram assim a surgir novos ramos, já pelo fracionamento dos antigos, já pelas necessidades oriundas do progresso. Cada indústria que surge, onde atividade que se esgalha exige proteção sólida e o magro vai-se desdobrando a fim de oferecer cobertura aos novos riscos, e desse modo acompanha *pari-passu* o desenvolvimento humano.

Em sua primeira idade o seguro não era encarado com a compreensão hodierna, antes, era visto como uma fonte de lucros e de explorações dolosas. A história está cheia de exemplos: o seguro era motivo de jogos e apostas. A civilização, entretanto, foi mostrando a necessidade do seguro para sua caminhada; por outro lado, o trabalho dos matemáticos e o aparecimento da estatística deram-lhe caráter científico, assentando-o em bases sólidas. Passa então a ser apreciado por outro prisma e é acolhido pelo Estado que o torna obrigatório nalguns ramos. Hoje o seguro é a mais firme garantia para o bom êxito dos nossos empreendimentos. Efetivamente, é sobremodo elevado o valor do seguro. Se demorarmos os olhos no panorama de suas realizações, veremos que sua finalidade não se restringe apenas ao ressarcimento de danos. Ao contrário de que se possa pensar, o seguro não inter-vém após o sinistro: antes que ele ocorra, o segurado é obrigado a tomar medidas de caráter preventivo exigidas pelo contrato e é forçoso reconhecer que muitos danos têm sido evitados em virtude dessas exigências contratuais. Em muitos casos, os incêndios são devidos à pouca atenção que os proprietários dedicam aos bens; geralmente, têm noção errônea do seguro e imaginam que são desnecessários os cuidados, uma vez que ocorrendo um sinistro, nada perderão. O seguro garante-lhes a recuperação dos prejuízos, mas os segurados são obrigados a tomar precauções, a aperfeiçoar os métodos de trabalho, a dotar o estabelecimento de apa-

rêlhos de extinção, etc., no caso de se tratar de seguro incêndio. Nos demais ramos, igualmente, exigem-se medidas de precaução. Quem poderá negar, a esta altura, o valor do seguro para o desenvolvimento de um país? De maneira indireta sua ação se faz sentir em todos os setores.

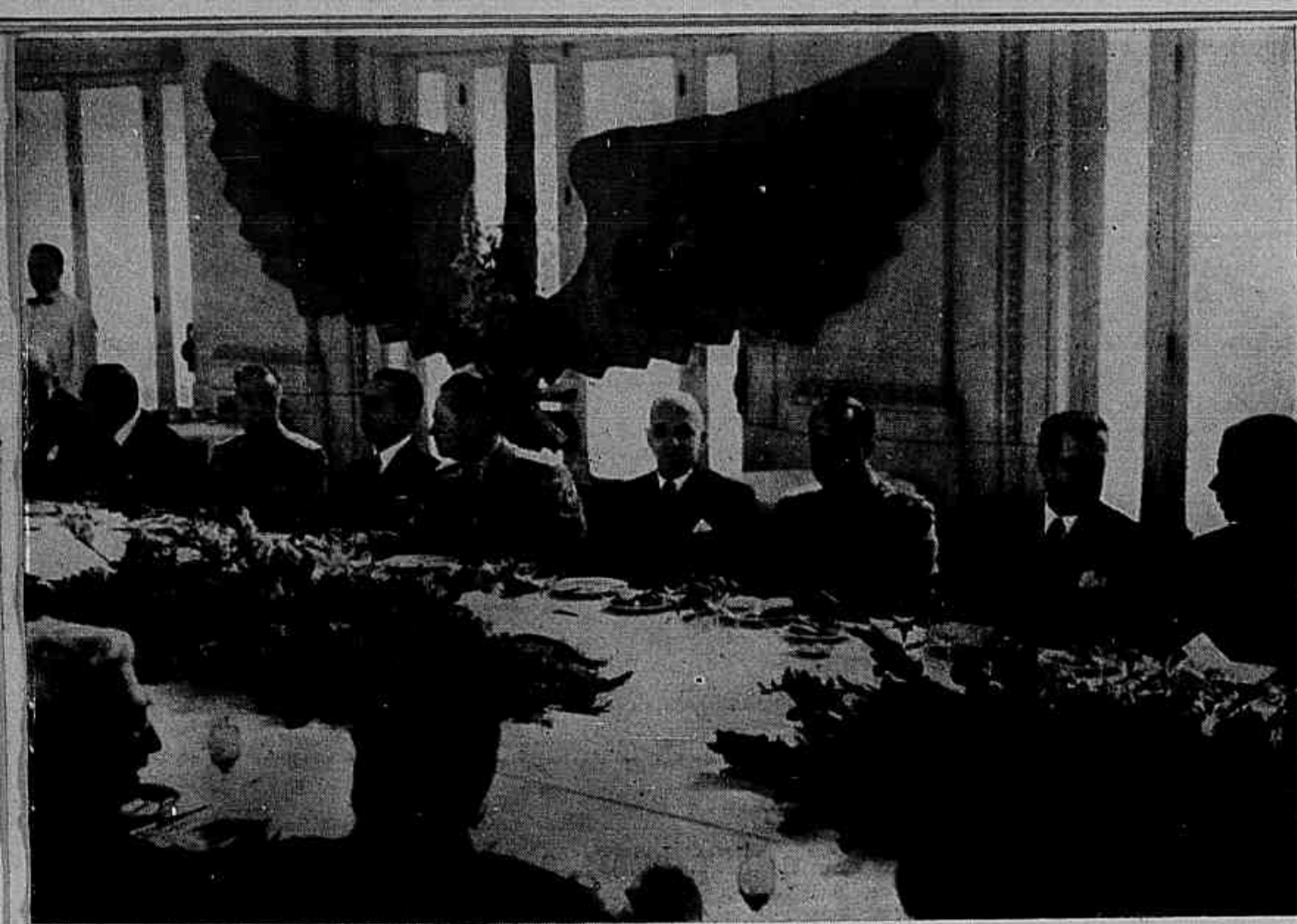
Se é verdade que a obra humana está sempre sujeita à destruição, não é menos certo que essa ameaça pesa também sobre a cabeça do homem. Ele está sujeito a desastres e, se às vezes escapa à morte, não se exige, contudo, de ficar inválido. Desse modo, o seguro estendeu-se ao homem, com planos diversos do seguro de vida já existente, e assim mesmo o seguro contra acidentes pessoais.

Esse seguro, relativamente novo, esboçou-se no século XVI, entre os armadores de navios que asseguravam a vida dos tripulantes contra os acidentes marítimos. Praticou-se muito pouco, entretanto, porque lhe eram contrárias as teorias jurídicas da época, notadamente o direito romano que não permitia o seguro de homens livres, e o direito marítimo que achava imoral segurar-se as tripulações contra os riscos do mar. Três séculos mais tarde, volta-se a pensar no seguro de acidentes pessoais, com a exploração dos transportes por via férrea.

Com o correr do tempo, tornando-se autônomo. Hoje as garantias principais oferecidas referem-se nos casos morte e invalidez. No primeiro caso, acidente fatal, a família do segurado, ou outro qualquer beneficiário, recebe a importância integral da apólice, referente à garantia do morto. No segundo caso, se por motivo da gravidade do acidente o segurado ficar incapacitado para o trabalho, receberá a importância total da garantia de invalidez permanente. Numa terceira hipótese, quando a incapacidade do segurado for de pouca monta, este terá direito não só à assistência médica, como também a diária durante o tempo de afastamento do serviço, dentro, naturalmente de certos limites.

O prêmio desse seguro é mínimo e varia de acordo com a profissão do segurado. As ocupações mais perigosas, isto é, que oferecem mais probabilidades de acidentes, pagam taxas mais elevadas, mas não chegam jamais a uma dezena de cruzeiros por milhar segurado. Outras garantias ainda são oferecidas pela apólice de acidentes pessoais, mediante pequena taxa adicional, por exemplo, contra os riscos de agressão, assassinato, polo, motociclista, equitação, etc.

O seguro de acidentes pessoais deve tornar-se a garantia imprescindível do homem moderno, campesino e cidadão, pois, o fio da espada de Damocles que nos ameaça, tanto pode partir-se ao atravessarmos uma avenida movimentada, como uma plácida campina, ou ainda no recesso do lar. Adquirir uma apólice de acidentes pessoais, sobre ser uma das melhores medidas de previdência, é, de certo modo, ludibriar a espada do áulico de Dionísio, o Antigo.



HOMENAGEM A AERONAUTICA NO JOCKEY CLUB BRASILEIRO — Entre as homenagens prestadas à nossa força aérea, na Semana da Aeronáutica, destacou-se o banquete oferecido pela diretoria do Jockey Club Brasileiro no seu hipódromo da Gávea. No flagrante acima vemos o Presidente João Borges Filho saudando a Aeronáutica Brasileira na pessoa do Ministro Armando Trompowsky.



**Como será
o Natal
dos seus
em
1960?**

O Natal vem aí... E seu lar já se agita... Um Papai Noel, que é você, está ouvindo pedidos, está se preparando para realizar o sonho dos seus. Mas é justo que esse Papai Noel, que é você, pense, também, nos Natais futuros. É preciso que assegure, desde hoje, a alegria e o conforto dos seus nos Natais que não de vir, sejam quais forem os imprevistos que a vida lhe reserve. Esta é a hora, portanto, de fazer o seu seguro de vida. Sua apólice de seguro de vida é o melhor e o mais duradouro dos presentes, porque se prolongará pelos Natais futuros, garantia do encarecimento e da felicidade de seus filhos. E você terá a melhor sensação de tranquilidade.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895



OUÇA, como a voz de um amigo, a palavra do Agente da Sul America.

Queiram enviar-me um folheto com ilustrações sobre o Natal.

NOME _____
 DATA DO NASCIM.: DIA _____ MÊS _____ ANO _____
 PROFISSÃO _____
 CASADO? _____ TEM FILHOS? _____
 RUA _____ N.º _____ BAIRRO _____
 CIDADE _____ ESTADO _____

À Sul America — Caixa Postal 971 — Rto de Janeiro
11 — VVVV — 139

RELOGIO DE SOL

(Conclusão)

A Sra. Adolfo de Alvim Menge, incansável na amabilidade, sentou-se então, um momento para ouvi-lo, enquanto nós, tendo os ouvidos na musica, não deixavamos de ter os olhos alternadamente fixados nos belos quadros do salão, pintados por um "mestre-amador", se é possível dizer assim. Assinatura? Precisamente — Alvim Menge.

E agora, pensando em pintura, em musica, em livros, acabo de descobrir qual era a impressão que sempre me causava — e continúa causando — a Sra. James Stevens, com um sorriso que aparece também nos olhos e contém uma tão grande ternura — Livia é uma deliciosa fada, num

disfarce moderno, e tem o condão de suscitar a amizade, as idéias otimistas e as expressões afáveis.

**Copacabana
LIBRAIRIE FRANÇAISE
NOVA GALERIA DE ARTE**

Avenida Copacabana 291 - D
(dentro do Copacabana Palace Hotel)
BELLES RELIURES, EDITIONS RARES ET COURRANTES, AUTOGRAPHES, LITTERATURE, PHILOSOPHIE, ARTS.
TABLEAUX ET GRAVURES ORIGINALES
★ ouvert le Soir ★

MOVIMENTO EDITORIAL

Em todos os aspectos de nossa cultura se faz sentir o trabalho das Edições Melhoramentos, quer pela escolha dos assuntos, quer pelo apuro gráfico. Reunindo, em bellissimo volume para presente, as obras "Céus e terras do Brasil", "Viagens de outrora" e "Paisagens brasileiras", do Visconde de Taunay, a Melhoramentos apresenta "Céus e terras do Brasil" dos tempos da monarquia.

Em outro setor, apresenta-nos "O segredo dos elétrons", de Joanne Bendick, tradução de J. Reis, livro que esclarece o assunto com muita facilidade.

**A ALFAIATARIA PENA
ESPECIALISOU-SE NA
CONFEÇÃO DE FAR-
DÕES PARA OS MEM-
BROS DA ACADEMIA
BRASILEIRA**

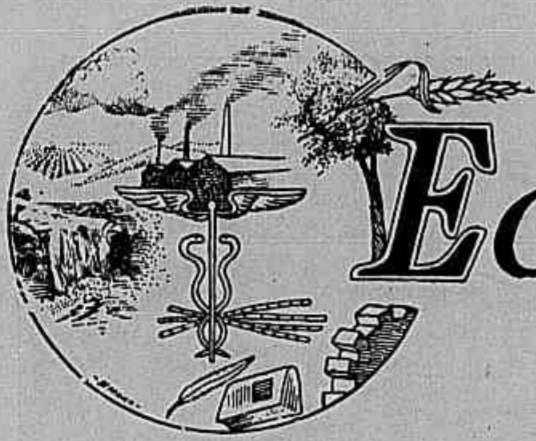


PRAÇA GETULIO
VARGAS, 2
ED. ODEON - S. 618
TEL.: 22-8760

ALFAIATARIA

PENA

O ALFAIATE DOS IMORTAIS



Economia e Finanças

INDUSTRIALIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Sr. Jacques Toris, adido ao Banco Internacional de Reconstrução e Fomento, publicou um artigo, reproduzido pela revista "Problemas Econômicos", sobre a industrialização da América Latina.

Opina o articulista que a Crise de 1929 colocou pela primeira vez diante dos países latino-americanos a alternativa de, ou produzirem internamente os produtos manufaturados, ou sujeitarem-se a restringir drasticamente o seu consumo. Em verdade, a depressão ocasionara uma substancial queda nos preços de suas exportações, limitando consequentemente as disponibilidades em divisas.

Exemplo típico da orientação adotada é o da Bolívia que, possuindo em 1929 apenas 700 empresas industriais, acrescentou a esse número 2.200 novas unidades entre 1930 e 1940. A assertiva corrente de que a má administração, salários baixos, e qualidade deficiente são as características normais dessa indústria em formação, revela-se muitas vezes verdadeira, mas outras totalmente falsa. Demais, convém notar que esse novo surto trouxe inegáveis melhorias no padrão de vida das populações latino-americanas, gozando portanto de grande popularidade. Em vista disso, é de supor que tenha prosseguimento por maiores que sejam os obstáculos a vencer.

Continúa o autor mostrando como se tem lançado mão de um planejamento tendente a preparar e incentivar a indústria. Um dos itens principais, geralmente aceito, é o desenvolvimento do potencial

hidro-elétrico, visto como as jazidas carboníferas têm se revelado incapazes de suprir as necessidades crescentes. Verdade é que grandes quantidades são extraídas presentemente no Chile, México, Colômbia e Brasil, permanecendo ainda outras grandes jazidas para expansão, como a do Rio Turbio na Argentina, Lota e Schwager no Chile, Rio Chimbote no Perú e Cali na Colômbia. Contudo, longe estão de bastarem ao consumo atual, que além do mais registra um acréscimo anual médio de 4 a 6 %, alcançando 8,5% no Chile e 9 a 11 % na Colômbia.

A par disso, vêm sendo feitos trabalhos no sentido de desenvolver a produção petrolífera, oferecendo boas perspectivas os lençóis da Terra do Fogo (Chile) e dos Pampas Meridionais (Argentina), Bolívia, Perú, Venezuela e México, trabalham também para o mesmo objetivo. México, Colômbia, Brasil e Chile já são auto-suficientes no que diz respeito a tecidos, estando mesmo aptos a exportar para seus vizinhos. O Equador, Perú e Salvador, dentro em breve terão atingido o mesmo ponto. Novas aciarias estão sendo projetadas no Chile (Conceição), Colômbia (Paz do Rio), e Argentina (San-Nicolas). O Brasil e a Argentina possuem linhas de montagem de equipamentos agrícolas, automó-

veis e mesmo aviões, projetando no momento atual iniciar a produção de motores. De um modo geral, pode-se dizer que, se os planos forem executados, no ano de 1965 a América Latina será auto-suficiente em grande parte das matérias primas necessárias, na produção de todos materiais de construção, em produtos químicos e farmacêuticos pesados, em papéis, cartões e móveis de madeira ou metal, e, finalmente, em tudo que diz respeito a artigos caseiros e alcoóis.

Calcula o articulista a renda global da América Latina em 20 bilhões de dólares por ano, dos quais mais de 10 % são economizados. Se de tal porcentagem 1/3 for aplicado na indústria, no fim de dez anos 6,6 bilhões de dólares terão sido investidos nesse setor sem qualquer auxílio estrangeiro, o que prova sua capacidade de levar adiante a industrialização.

O sr. Jacques Toris, aceitando como um fato a industrialização dos países latino-americanos, propõe as medidas a serem adotadas pela Europa, se quiser manter o ritmo atual das relações comerciais com essa região.

A primeira delas consiste em procurar transferir indústrias para o novo continente, ao invés de produzir dentro de suas próprias fronteiras os artigos de exportação, para colocá-los depois nos mercados americanos. A segunda consiste numa espécie de divisão das atividades industriais, exportando a Europa os produtos semi-acabados, para que sejam elaborados no mercado importador.

PETRÓLEO DE XISTO BETUMINOSO

Está em funcionamento, desde meados de março, a primeira retorta da Cia. Industrial de Rochas

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO ADERENTE E INVISÍVEL
À VENDA EM TODA A PARTE

Depositários da Imperial Casimira

CASIMIRAS, LINHOS

CASA MATRIZ E
ESCRITÓRIO
Casa Fundada em 1889
Av. Rangel Pestana, 44
(esquina 11 de Agosto)
CAIXA POSTAL 1646
Tel. 2-6599
SÃO PAULO



RIO DE JANEIRO
Rua Uruguaiana, 106
Tel. 23- 5067
Av. Rio Branco, 151 - C
esq. de Assembléia
Rua Senador Dantas, 7

S. PAULO -- RIO -- SANTOS E CAMPINAS

CASAS FILIAIS:

Rua 25 de Março, 533 — Tel. 2-4388 — Av. Rangel Pestana, 1479 — Tel. 2-9837 — Av. Celso Garcia, 345 — Tel. 9-3334 — Rua José Bonifácio, 43 — Tel. 2-5510 — Rua Boa Vista, 199 — Tel. 2-3688 — Rua José Paulino, 132 — Tel. 6-1482 — Rua 15 de Novembro, 12 e 18 — Tel. 2-1781 — Rua S. Bento, 44 — Tel. 3-6338 — Rua B. Itapetininga, 281 — Santos — R. General Câmara, 78 — Tel. 5657 — Campinas — Barão de Jaguará, 1095

RESULTADO DO 186.º SORTEIO DE APÓLICES DA

“A EQUITATIVA”

Relação das apólices sorteadas em 16 de Outubro de 1950
SORTEADAS COM CR\$ 10.000,00

- 321.402 — Jayme Francisco Campos — Distrito Federal.
F12.402 — Fued Ibrahim El Hage — Carapébús — E. do Rio.
F10.829 — Maria Araujo da Silva — Curemas — Paraíba.
F 6.503 — Roberto Scarabuci — Franca — São Paulo.
447.873 — Geraldo Rdchael Pereira — Ibiá — Z. B. Horizonte — Minas.
424.646 — Juraci Raimundo de Figueiredo — Belém — Pará.
455.373 — Jabs dos Santos Leão — Miracema — E do Rio.
F 2.119 — Delfino de Freitas Santa Rosa — B. Horizonte — Minas.
F .686 — Humberto Antonio Donato — Distrito Federal.
323.283 — Edwarde Mendonça — Goiânia — Goiás.
321.066 — Decio Scardini — Baixo Guandú — E. Santo.
442.287 — João A. de Souza Alvarenga — Colatina — E. Santo.
315.198 — João Heyse — Mafra — S. Catarina.
407.341 — Eugenio Mario Olandoski — Curitiba — Paraná.
307.531 — Robero Gentil — S. Paulo — São Paulo.
309.072 — Jayme Rosario — Jaboticabal — São Paulo.

SORTEADAS COM CR\$ 5.000,00

- 232.151 — Pedro Gonçalves Norões — Crato — Ceará.
232.376 — Maria Pinheiro Monteiro — Crato — Ceará.
402.338 — Raimundo da Silva Moura — Campo Maior — Piauí.
402.339 — Conrado Saraiva de Souza — Campo Maior — Piauí.
402.639 — José Henrique Nogueira — Cajazeiras — Paraíba.
42.373 — Anton Richard L. Ommundsen — Recife Pernambuco.
262.517 — Archimedes Rossarolla — Caxias — Rio G. do Sul.
276.393 — Sylvio Cerda — Livramento — R. G. do Sul.

“A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL”, já distribuiu em sorteios a importância de Cr\$ 40.883.000,00

O próximo sorteio deverá ser realizado em 16 de Novembro
A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL —
Sociedade Mútua de Seguros Sobre a Vida. — Sede Av. Rio
Branco, 125 — Rio de Janeiro. — DEPARTAMENTO DE
SEGURO FAMILIAR COM SORTEIOS MENSIS. — Rua
São José, 50 — 3.º - 4.º - 5.º pavimentos.

Mande-nos informações sobre o SEGURO FAMILIAR COM
SORTEIOS MENSIS.

NOME
ENDEREÇO
LOCALIDADE ESTADO

SERVIÇO DE SUPERVISÃO
DE SEGUROS

Corretagem técnica para toda modalidade de se-
guros, no Brasil e no estrangeiro, junto a qualquer
companhia.

Lisura — Pontualidade — Orientação e defesa
dos segurados.

HEITOR BELTRÃO e AUGUSTO REIS, diretores
Travessa Ouvidor, 27 — 2.º andar
Telefone: 43-1392

Fonseca Araujo, Importadores, Ltda.

VINHOS, LICORES, WHISKIES, CHAMPAGNES
E CONSERVAS

RUA SENADOR POMPEU, 132 e 134

Telefones: 43-4465 e 43-9499 — RIO DE JANEIRO

Telegramas: “FONCARAUJO”

Betuminosas, que se propõe
produzir petróleo e deriva-
Diesel, parafina, etc., uti-
lizando depósitos de xisto
betuminoso.

A Companhia tem as suas
instalações principais em
dos, como gasolina, óleo
Pindamonhangaba (São
Paulo) e está montando
mais três retortas, cada
qual com a capacidade de
produção de 20 toneladas
de petróleo por dia. Pla-
neja-se para breve a mon-
tagem de retortas maiores,
para 100 toneladas diárias.
As atividades da Compa-
nhia se ampliarão muito
quando estiverem em fun-
cionamento as refinarias
de Santos, pois a fábrica
de Pindamonhangaba ape-
nas produzirá petróleo
bruto, extraído da região
em volta, rica em xisto.

Uma nota animadora é
que as retortas da C. I. R.
B. foram construídas em
São Paulo, com material
quasi em 100% nacional
de Volta Redonda, na base
de plantas e patentes na-
cionais.

O capital da C. I. R. B.
é de 15 milhões de cruzei-
ros.

PLÁSTICOS EM
SÃO PAULO

Sómente na capital do Es-
tado de São Paulo, há 132
fábricas de artigos plásti-
cos. Para se aquilatar da
importância dessa indús-
tria, basta analisar, sumá-
riamente, os resultados de
um inquérito recente, que
abrangeu apenas 32 fábri-
cas, ou seja 1/4 do total.
O inquérito revelou que es-
sas 32 fábricas dispunham
do capital registrado de
134 milhões de cruzeiros,
mas tinham em movimen-
to 281,6 milhões. O nú-
mero de seus operários
chegava a 3.338, elevan-
do-se as Fôlhas de Paga-
mento à cifra de 4,2 mi-
lhões de cruzeiros.
O valor do maquinário
(geral e especializado)
dessas fábricas era orça-
do em 67,4 milhões de cru-
zeiros, enquanto o mon-
tante dos impostos atingia
60 milhões.

VINHEDOS
NACIONAIS

O Instituto de Fermenta-
ção do Ministério da Agri-
cultura, continuando a sua
tarefa de substituir os vi-
nhedos nacionais de qua-
lidade inferior por cultu-
ras de importação, intro-
duziu no país 180 varie-
dades em 1948 e 147 em
1949, num total de 38.000
enxertos, na maioria fran-
ceses.

Ao mesmo tempo, o Ins-
tituto vem, desde 1948,
promovendo a melhoria da
elaboração de vinhos, com
a instalação de cantinas
nas Estações de Enologia
de Bento Gonçalves (Rio
Grande do Sul), Uruçan-
ga (Santa Catarina),
Campo Largo (Paraná),
Caldas, Andradas e Bae-
pendi (Minas Gerais).



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

JUVENTUDE
ALEXANDRE

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mm. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
À VENDA EM TODA A PARTE

Galeria
Santo Antonio
Rua da Assembléa, 51 — 2.ª and.
Tel. 22-2605
ESPECIALISTA EM RESTAURA-
ÇÕES DE QUADROS A ÓLEO

AGUA PURA
SAUDE SEGURA
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN

Caspa?
Petroleo
Soberana

NHO-TOTICO e AURIS SEDINA

oferecem mensagens de graça
para bons ouvidos!



A distinta Classe Médica e à Família Brasileira, os programas de NHÔ-TOTICO, pela RÁDIO AMÉRICA de São Paulo, prestam sincera homenagem ao bem-estar comum e aos que lutam contra a dor, procurando dias melhores para a Humanidade.

Eis porque o LABORATÓRIO OZORIO DE MORAIS escolheu o seu consagrado produto AURIS-SEDINA, contra as dores e os males dos ouvidos, para tão alto patrocínio.



Para as crianças de 7 a 90 anos
NHÔ-TOTICO apresenta-se todas
as 2as. — 4as. e 6as. feiras, às
18,30 hs. e às 3as. e 5as. feiras, às 20,00 hs. pela

PRE-7

PRE 7 numa gentileza de
AURIS-SEDINA

Contra a dor e males dos ouvidos!
Indicado para todas as idades.

RÁDIO AMÉRICA

PRE 7 — 1.410 QUILOCICLOS

Anuario das Senhoras

UM TESOURO PARA OLAR

ANO XVIII-1951
PREÇO Cr\$ 15,00

O "Anuário das Senhoras" é uma primorosa publicação de luxo, de grande interesse para as senhoras. É o manual necessário à consulta do belo sexo. Contém um sem número de assuntos de palpitante atração para as Senhoras. Um luxuoso volume, repleto de belíssimas gravuras sobre modas, elegância, conselhos e ensinamentos úteis para o lar. É o amigo e o conselheiro para as senhoras e senhoritas. Preço do volume Cr\$ 15,00. À venda em todos os jornaleiros e livrarias. Pedidos pelo Reembolso Postal à S. A. "O MALHO" — rua Senador Dantas, 15 - 5.º andar — Rio

EM DEZEMBRO

Gráfica Pimenta de Mello — RIO.